



0

ALABAMA



1867

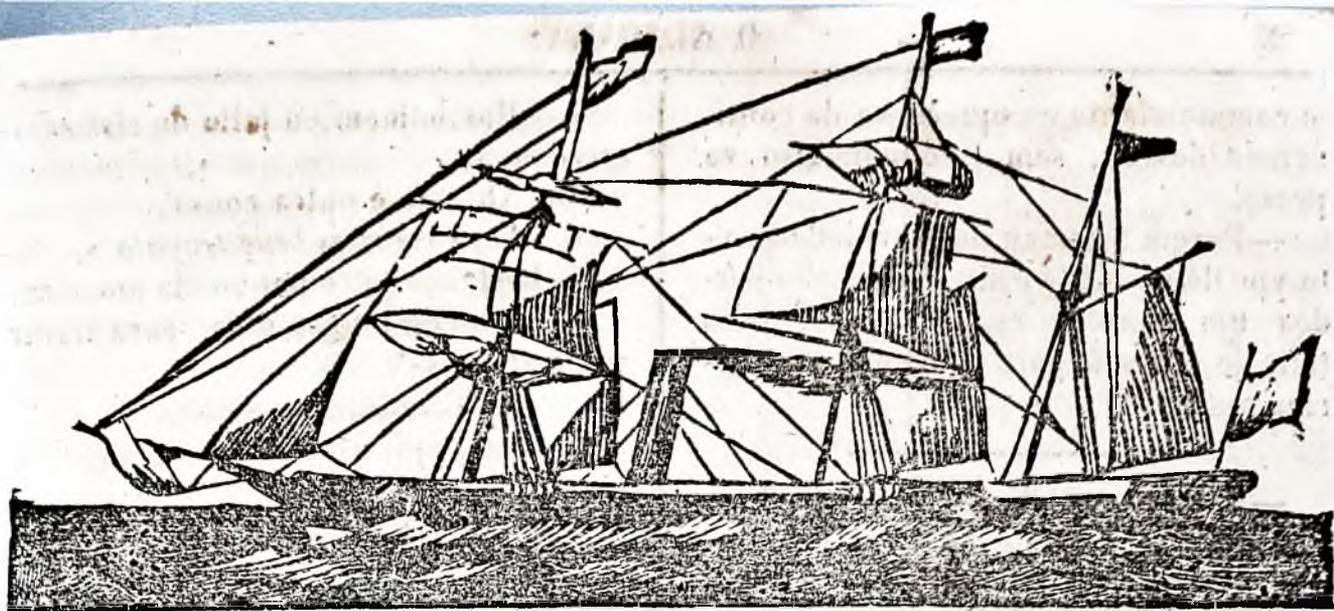
A

1868



I	8
6	20

I. G. H. B.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

1.º DE AGOSTO DE 1867.

SERIE 24.ª—N. 237.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de julho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. superintendente do matadouro, chamando sua attenção para o decadente e asqueroso estado da maior parte dos carros, em que é conduzida a carne para os talhos.

—Ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá acabar com uma *cumbuca* á subida da ladeira da Palma, n. 49 A, visto que o dono desse tremedal de perdição nenhum escrupulo tem em admittir nelle meninos para se divertirem no dominó e no montinho. Cumpra.

—Um edificante exemplo de charidade.

—De quem?

—Das filhas de S. Vicente de Paula.

—Eu audo muito *ressabiado* com a charidade dessas mulheres por me parecer de systema phosphorico.

—Escute sempre.

—Pois diga.

—Christovam Antonio Paranhos, en-

fermeiro da Santa Casa, pediu licença á irman superiora para ir ver um irmão doente, que nesse dia recebia o Santissimo Sacramento, o que lhe foi concedido; porém Christovam commetteu a *gravissima falta* de não ir dar parte da licença á irman regente de sua enfermaria.

Voltando para o hospital, perguntou-lhe esta por ordem de quem sahira:

«Por ordem da irman superiora, respondeu o enfermeiro.

«E por que não me deu parte? replicou a *angelica* senhora.

«Me esqueci, irman.

«Sta bom, espera ahi.

Foi *cochichar* com a tal superiora e esta, que tinha dado a licença, veio muito delambida dizer a Christovam que elle estava despedido por não dar parte á irman enfermeira.

—Que orgulho desmesurado!

—Veja que soberba requintada, que vaidade mundana!

Por uma simples falta, ocasionada pela attribuição de um irmão afflicto, que vê seu irmão ás portas da morte, tira-se o pão da bocca de um pae de familia!

—Quantas vezes o soldado passa pe-

o commandante e esquece-se da contigencia devida, sem que por isso va preso!

— Porem a irman do charidade prattutto de bondade e singeleza não perdoa um simples esquecimento, uma falta de etiqueta para com sua cathgorica pessoa.

— Capitão, recebeu o *Fallador*?

— Não sei o que é.

— E' uma folha publicada no Rio de Janeiro, no estylo do *Alabama*.

— Agora entendo.

— Falla pelos cotovellos e diz verdades que muita gente não ha de gostar de ouvir.

— Tenham paciencia.

— O sujeito é bem informado do que se passa na Bahia; bolte com muita gente de cá; até o chefe de policia leva sua rabeçada.

— Tem algum numero ahi?

— Aqui estão os publicados.

— Leia alguma cousa que sirva.

— Va ouvindo:

« Por decreto do mez de abril foi removido o Dr. Jeronymo Sodré Pereira, lente da Faculdade de Medicina da Bahia para a do Rio de Janeiro, em quanto for ministro o conselheiro Manuel Pinto de Souza Dantas. »

« — Aonde está isso? »

« — Oh! leia aqui o *Mercantil*. »

« — Meu amigo, eu estou completamente descrente, de modo que hoje nada creio; principalmente depois que li no *Pharol*, gazeta da Bahia, a historia de *mil e uma noites*! »

« — Mas. . . »

« — Nada, não posso crer, salvo si me afirmar que a materia das cartas era verdadeira. »

« Conversavam, os Srs. Martim Francisco e Manuel Dantas, na assembléa e dizia aquelle á este. « A idéa do acabamento do *elemento servil* pega, porque a *nossa* maioria a aceita, » ao que respondeu o homem das industrias — Deus nos livre, que tal aconteça; no dia em que se acabar o *elemento servil* nesta camara, estamos derrotados. »

« — Mas, homem, eu fallo do *elemento escravo*. . . »

« — Ah! isto é outra cousa, »

« — Si é *vero*, é *bene trovato*. »

— Basta; ja vi o panno da amostra. Deus lhe dê longos dias, para terror dos tratantes-

### EXEMPLO DE PATRIOTISMO

Eu tinha um máu escravo, adoentado,  
Verdadeiro tormento, endiabrado;  
Libertei-o, ao governo offereci-o  
A fim d'eu ser tambem condecorado.

O que era meu desgosto, é minha gloria;  
De quem era capoeira fiz soldado!  
O querido decreto publicou-se,  
Emfim, tambem eu fui condecorado!

La vae á guerra o grandê capadocio;  
Da rosa o peito meu eis adornado;  
E' bello assim servir a patria nossa,  
E' bello ser assim condecorado!

Ingenuo patriota! não, não ide  
Soffrer d'uma campanha o escuro fado!  
Ficai, livrai-vos de maldieto escravo  
E aqui mesmo sereis condecorado!

O PIPOCA.  
(*J. do Brazil.*)

### A PEDIDO.

— Quem é aquelle capitalista?

— Qual?

— O do cavallo russo.

— Elle é capitalista?

— Suppuz.

— O habito não faz o monge.

— As apparencias enganam.

— Pois saiba que é um empregado publico.

— Deve ter um ordenado vantajoso.

— O motivo?

— Quem tem gosto para possuir um ginete tão formoso como aquelle, indubitavelmente tem rendimento para tractal-o.

— São mais as vozes que as nozes.

O homem ganha 800 rs. diarios no *trem de paz*; com as gratificações faz uns 28\$ rs. mensaes.

— Eh! . . . .

Isso é incrivel.

— Incrivel? Pois saiba mais:

Além daquelle, tem outro cavallo, servente para tractal-os, mora em casa de vinte cinco bagos, tem rico piano, mobilia de luxo, paga tres amas, traja no rigor com a sua cara metado, etc.

—Qual!... Digam o que quizerem; o homem tem outros achegos.

—Não duvido; mas...

—Mas o que?

—Quem tem rendimento para tanta cousa, não se sujeita a um emprego tão minguido e que, por força, ha de ser de baixa esphera.

—Tambem estou por isso.

Eu até agora me admirava de ver um velho n'alfandega ganhando 40\$ rs. pagar tres casas, sendo a menor de 10\$ rs., e ás vezes, com 'o *Marcellino* no adro do *Bomfim*, fazia meus commentos á respeito; porem á vista disso metto uma rolha na bocca; o dinheiro deste é mais *milagroso* ainda.

—Ha muita gente por ahi de rendimento *elastico*.

Está que o *Joaquim* outro dia contou-me que no *trem do mar* ha um apontado com 1\$ rs. diarios, que é grande apreciador da cor de ebano, faz gastos exorbitantes quando se acha entre deidades de Guiné, tem uma *nympha* festeira, entusiasta da Boa-Morte e Rosario, sempre occupando cargos em ambas estas irmandades.

Faz ideia com quanto se aprompta uma creoula para a Boa-Morte?

Que o digam os apaixonados da fructa.

—Com tudo, como o homem dos cavallos, não.

—Deixe estar, que com vagar eu hei de lhe apontar outros que taes *enygmaticos*.

—Si houvesse um governador em Latronopolis, que esmerilhasse o modo de vida de certa genta, quanta cousa boa appareceria!...

### Finuras do seculo.

Da Loteria de Hespanha,  
Consta que certo caixeiro,  
Com suas economias  
Comprara um bilhete inteiro...  
Houve quem n'uma carteira,

Logo o numero tomasse,  
E d'ahi ha pouco tempo.  
A seu patrião o mostrasse!

O muchacho, em certo dia,  
Precisando de dinheiro,  
Fez o bilhete passar-se  
Para as mãos d'um torceiro...

D'isto não foi sabedor  
O amo do tal rapaz...  
Anda a roda e o paquete  
A lista dos premios traz:  
A mão do negociante  
Ella foi parar... n'um triz,  
E lá deu com a sorte grande  
No tal numero feliz!...

O caixeiro (que até alli,  
Não tinha posto o seu bico  
Na lauta mesa do amo,  
Grande *espertalhão*... e rico.)

Foi por este convidado,  
(Naquelle dia!) a jantar  
La no seio da familia!...  
E á direita o fez sentar!..

Depois, diz: — «Senhor Fulano  
«(Ja no fim da refeição),  
«O seu bom comportamento  
«Tem-me chamado a attenção.  
«Ha muito que eu desejo  
«Dar lh'aqui sociedade,  
«Para assim recompensal-o  
«De seu zelo e probidade...

«D'ora avante, o seu nome  
«Passa á firma social,  
«E todos os *nossos* lucros  
«Serão prorata, a final....

«Que hade ser muito feliz  
«O passado bem o prova...

.....  
«A posto q'inda não sabe,  
«Do paquete a grande nova!!..»

— Não senhor!... Porem que lucro  
«Terei em nova !amanha?...  
— «Que lucro?... a sorte-grande.  
— «Na loteria d'Hespanha!...»

— «Qual sorte? si ja vendi o bilheto.  
— «Sabe!... sabe, diabo!

Põe-te ja no andar da rua!...  
«Senão... olha que t'acabo!...

«Patife!... até no momento  
«Em que tinha de ser rico,

«Dás um ponta-pé na sorte!...  
«Ventas de mono!... burrico!...»

E nisto, dous empurrões  
E um couço bem puxado,  
Ajudarão a desceel-o  
As escadas do sobrado!...

Eis a sorte, a sociedade,  
Que o desditoso ganhou!  
Mas, elle não teve culpa...  
Foi o amo quem peceou...

Tramava na sorte grande  
Saciara sua ambição,  
Ingenuos, acautelai-vos...  
Decorai esta lição...

A riqueza é da importancia  
O thermometro austero:  
Si vós não tiverdes nada,  
Estais abaixo, de zero.

(Continuação do n.º 231.)

.....  
Ora fez V. tanto mysterio para me dizer o nome de fidalgo que mandou fazer roupa pelo alfaiate Francez, e eu ja sei de tudo.

— Duvido.

— Pois posso lhe garantir que sei quem é o tal nobre fanfarrão. E' um sujeito, que foi candidato nas eleições de representantes geraes; um que andava muito ufano julgando ser dos escolhidos e tomou um reverendissima taboca; um que nas vespas das eleições recebeu do Malacachias uma citação chamando-o a conciliação para pagar 200\$000 rs. de uma letra que devia ha mais de cinco annos.

E' um basbaque este tal nobrecissimo..... senhor.

— Mas, diga-me, como soube de tudo isso?

— Eu devia tambem fazer mysterio, mas, enfim vá lá.

V. sabe que eu me dou com o M. e contando-lhe este facto, elle disse-me que ja sabia, pois lhe tinha dito a mesma coisa o A. Depois encontrando-me com o B. elle me contou todo o facto e mais este do Malacachias, que disse-me ter ouvido de um caboclo lá para os lados de S. Gonçalo.

Ja vê pois que estou senhor de todo

o milagre, segundo disse V., o sei perfeitamente o nome do santo que o fez.

— Eu não fiz mysterio, quem me contou não me disse o nome do fidalgo CALOTEIRO.

— Pois eu ja sei e de mais algumas cousinhas boas deste politico furta-cor!

— Bico, não espante o homem!

---

## VARIETÉ.

---

### Requerimento curioso.

Diz um coração amante, nascido no logar do Tormento, termo da villa da Afflicção, freguezia dos Martyrios, bispo do districto do Desgosto, e residente na cidade de Penas; que, passando o supplicado pela rua dos Mystérios, encontrou-se com a ronda de seus olhos, sendo preso á ordem de seus affectos; achando-se recolhido ás cadeias de sua ausencia, carregado com os duros e pesados grilhões de seu amor, o supplicado vem perante a sua alta belleza requerer que o faça soltar do tyrano degredo de sua ingratição pelo que

P. a V. Ex. se digne chamal-o a sala livre de seu peito, afim de ser interrogado e confessar o crime de amal-a eternamente.

E. R. M.

DESPACHO.— Lastimando seriamente tal acontecimento, seja o supplicado posto em liberdade; devendo consolar-se com o presente despacho e tendo mais cautela em não se encontrar com a ronda de meus olhos, para não ter a desventura de que ia sendo victima.

---

## ANNUNCIOS

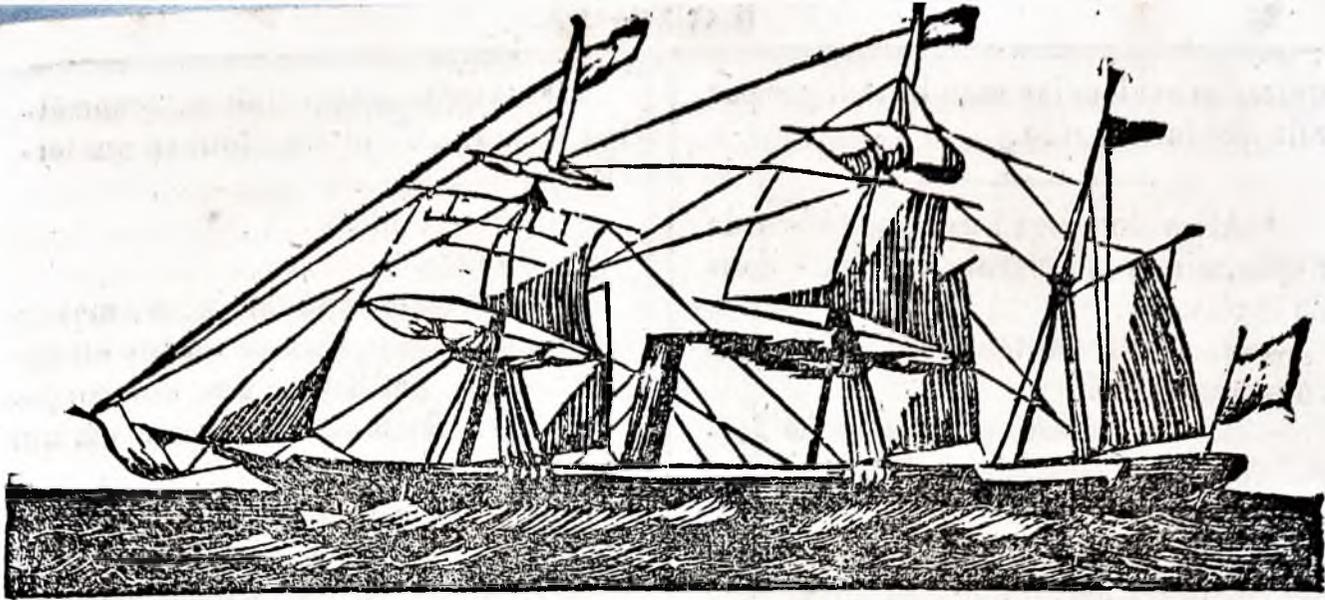
---

Pede-se ao Sr. N. J. Costa, o favor de ir ao Caes Dourado n.º 69 a negocio que o mesmo Sr. não ignora.

Pede-se ao Sr. G. J. F., o favor de apparecer ao Caes Dourado n.º 69.

O Sr. Manoel David Fane, tenha a bondade de apparecer ao Caes Dourado n.º 69, para se lhes explicar um negocio de seu interesse.

Pede-se ao Sr. J. Calafate, o favor de ir ao Caes Dourado n.º 69, para tratar de negocio que não ignora.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

3 DE AGOSTO DE 1867.

SERIE 24.<sup>a</sup>—N. 238.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 4.<sup>o</sup> andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de agosto de 1867.

Portaria ao inspector das obras da camara, advertindo-o de que os encarregados de reparar o calçamento da rua Direita do Collegio deixaram aberto um cano á esquina que vae para o becco do Arcebispo, o que é de necessidade que seja quanto antes tapado. Cumpra.

—O Sessenta e Cinco abjurou o spiritismo.

—Tambem?

—Não leu o *Jornal* de hoje?

—Não.

—Pois leia que ha de gostar.

—Sem duvida elle não quer aguentar mais nos bolsos o peso do spiritismo.

—Pelo que diz elle, o spiritismo não passa de uma sinecura recheiada de embustes, contradicções e extravagancias; specie de desencargo a certas *consciencias carregadas*, um chamariz á libertinagem, uma exhortação ás na-

turezas fracas a se engolpharem no vicio.

—Aqui está um excellente pedaço da nossa incomparavel policia.

—Não pode deixar de ser cousa aproveitavel.

—E' brilhatura de uma patrulha que um dia da semana passada rondava no Gravatá.

—Diga lá.

—Um capadocio travou razões em casa de uma meretriz e espancou-a. A mulher gritou aqui-del-rei, a patrulha acudiu aos gritos; mas vendo que era um seu amigo que espancava a mulher, disse para o companheiro:

«Vamos-nos embora, que o homem dá no que é seu!»

—De maneira que o sujeito podia matar a mulher, porque matava o que era seu?

—Segundo a theoria da patrulha, podia!

—E V. não sabe em que dia se deu este facto.

—Para que quer V. saber?

—Para dar parte ao commandante que não deixa passar estas faltas.

—Não estou lembrado; mas si elle

quizer providenciar mando indagar por alli que informarão.

— Além dos sugadores dos cofres da nação, ainda mandaram vir mais dous da Inglaterra.

— Quem lhe contou isso? Já V. vem com invenções.

— Leia aqui este pedacinho no *Jornal do Brasil* de 15 de junho.

— Faça o favor ler.

— «Em abril do corrente anno foram contractados em Inglaterra dous officiaes machinistas para o arsenal de marinha, e se lhes abonou 600\$00 a cada um; tiveram passagem á custa do estado e garantindo-se-lhes ordenado desde lá. Chegaram em maio, e como vinham sem dinheiro abonou-se mais 100\$000 a cada um.

«Estes dous bemaventurados ganham 6\$000 por dia de ordenado e 7\$000 de gratificação, e quando ha *serão* chegam a fazer 20 e 30 mil reis por dia!

Tudo isto é por causa da guerra segundo a opinião do Sr. presidente do conselho.»

— Que terra, meu Deus! Que governo!

Continuem senhores do progresso, que a hora não tardará muito a soar.

— Capitão, é o *Mercantil* quem falla.

— E eu sou todo attenção.

— O *vigario* de Candeas, em companhia de um seu *afilhado*, e escoltado por dous capangas, foi á casa de uma viuva e tirou-lhe duas filhas, uma para elle e outra para o *afilhado*.

— O que diz, senhor!

— Silencio e attenção:

«A viuva tinha dous filhos, que não se achavam em casa de sua mãe na occasião do rapto.

«Passados dias, os dous moços do combinação com as irmãs, as furtaram do *vigario* e seu *afilhado*.

«Este *attentado* por tal forma exasperou o *vigario*, que resolveu retomal-as.

«Os moços, prevenidos dos designios do raptor, armaram-se e esperaram, dispostos á defenderem sua mãe e suas irmãs.

«O *vigario* — não faltou, accommetten a casa, e d'ahi originou-se um terrivel combate.

— Estou perplexo. . . .

— Silencio attenção.

«— O *vigario* — afinal fugiu, mas, o seu *afilhado* teve nma das mãos escangalhada por um tiro e um dos moços um grave ferimento de fouee em um hombro»

— Agora falle, quero ouvir-o.

— O que lhe hei de dizer?

— E ainda ha quem diga este *paiz* mais adiantado do que o Paraguay? Ainda ha quem chame monstro ao padre Duarte? Não será isso o que se chama um *leão pastor*? Ainda. . . .

— Não é isto o que o senhor deve dizer.

O falseamento de todas as cousas, a immoralidade, a corrupção, a impunidade e a perversão dos costumes; o apoio, que os malvados encontram, tudo isto dá em resultado, essas infamias, esses escandalos.

E saiba mais, que o *vigario* das Candeas, ha de em breve ser julgado um *sancto* varão; um *typo* á imitar-se; um *inncente*, porque é influencia do *progresso*; tem a protecção do governo.

— Meu Deus compadecei-vos deste Imperio. Senhor nós caminhamos para um abysmo.

— Domingo ha concerto no Passeio Publico, em beneficio dos invalidos da patria.

— O fim é meritorio.

— Quatro musicas militares vão tocar das 4 ás 10 horas da noite.

— Que a charidade nunca morta nos corações bahianos, desta vez se mostre em todo seu esplendor e que os esforços dos que se empenharam para essa obra de humanidade sejam coroados de felizes resultados.

— Já que o governo pouco se lhe dá com a sorte daquelles que o servem com seu sangue.

## A PEDIDO.

— Com que cynismo abusa aquelle melro da charidade publica!

— Elle não tom a culpa.

— Estou por isso.

— Ruim é o cachorro que lho dão o osso e não roe.

— E' a mal entendida beneficencia do nossa terra. Si um pobre pae de familia, falto de recurso, for pedir uma esmola, hão de chamal-o vadio, especulador e tudo mais que se segue.

— Entretanto que aquelle ocioso explora a charidade publica, para dar partidas, ter excellente piano, rica mobilia formar filhos, etc.

— Não sei os filhos como não se envergonham.

— De que? Ha nada melhor do que comer trutas á barbas enchutas?

— E mais é que um dos taes, anda a fazer momos a laia de macaco para a casa do Par-de-aranhas.

— Quem leva em conta um esmoller.

— Eu sei que as partidas delle são bem concorridas. Quando passo pela *Estrada Velha* vejo bem gento do grande tom.

— Porem é uma miseria.

— O *Sa* sabe com *raiva* sempre que vao la, daquelle luxo porco, daquelle ostentação aviltante, daquelle grandeza humilhante.

— São modos de pensar.

— Esta gente da pá virada....

Estes filhos da Candinha....

— São das Arabias.

— Pois não andam dizendo que certo commandante presenteia o governador com caixões de mangas e gordos capados?

— Elle recebe?

— Eu é que sei?

— Com que fim?

— Indague.

— Será para captar graça e alcançar alguma dilatação de prazo no deslucamento?

— Quem sabe...

— Homem, os tolos eram desenove, moreram *vinte um*....

— Só si é isso.

— Ha cousas, que se me contando, não acredito.

— E quem lho obriga?

— Fico perplexo. Desejava que a pessoa á quem se referem me desse explicação.

— Si lho interessa, porque não pede?

— E' que me custa crer certas cousas assim de costas á riba.

Por isso ando secco do me encontrar com o Sr. afferidor de pesos e medidas.

— Para que?

— Para perguntar-lhe si é exacto, que ha uma semana, ou pouco mais, indo uma mulher afferir medidas para vender farinha n'uns quatro saecos, S. S. recusou-se a afferil-as por não estar completo o terno.

— E o que tem isso?

— Muito.

Vento-se ella obrigada, si quiz ter medidas afferidas, a comprar um meio alqueire em mão de S. S., que ja os tem de prevenção.

— Ha abuso nisso?

— Pois não!

E' contra a postura 53.

— Em que termos é ella concebida?

— Assim:

«Ninguem é obrigado a afferir maior numero de pesos e medidas, do que lhe for NECESSARIO: pena de 20\$000 ao afferidor que á tal respeito commetta extorsão: o dobro nas reincidencias.»

— Então não creia que o homem fosse capaz disso.

— Pois por isso é que eu desejava explicar-me com elle.

— Aquella borboleta *mór* que esvoaça pela *eira* dos jardins, tem sugado o perfume de muitas flores!

— Aquillo não é borboleta, é zangão,

— Absorveu o aroma da *lima*, aspirou o odor de uma *bella* flor, sorveu a ambrozia da *açucena*, murchou a seiva de uns *pes* de *losna* no jardim da *Conceição* e finalmente está fruindo a fragancia da *rosa*.

— Toma figão!

Que insecto damnado!

— Nem por isso é tão bonito.

— Tem as azas douradas como a capa do *Archanjo S. Miguel*.

— Quem não se respeita não é respeitado.

—Morreu o Neves!

—Si o Sr. soubesse manter a sua posição não era desfeitoado por um galé.

—Não dou importancia aos desvarios de um reprobrio.

—Que entretanto o desmoralisou a vista de seus subordinados, levando-o de encontro a parede.

—Mas soffreu.

—O que?

—Um conselho.

—Do qual sahio bem e o Sr. enxovalhado.

E sabe resultado de tudo isso o que é?

—Diga.

—A sua gana sem limites.

Si houvesse agua no *abarracamento* o homem não ia bulir no barril do forçado.

A vinte um cabiu a terra, Deus nos livre de gente serra.

A sua cubiça lucra na farinha, no feijão, na carne, no toucinho e ainda queria n'agua? Bem feito!

Si aqui, as barbas de quem lhe pode tomar contas, o Sr. faz uma *comedia* destas, quanto mais se estivesse em *Priju*; *hia* com todos seus subalternos para o mangue catar caranguejos.

O que vale que esta mamata ha de durar pouco.

—Aquella mulher pode se chamar — *come escravo*.

—Quem é ella?

—A viuva do Lopes.

—ja é costume.

—Desde 6 horas da manhan que está castigando um moleque de 7 para 8 annos. Ja contei 122 lolos!

—Arre!

—Além das rebadas com que vae entremediando o seu matutino divertimento.

—Ha gente muito barbara!

## VARIÉD ADE.

### LADRÃO INDUSTRIOSO.

Lê-se em uma folha portugueza:  
Em um dos primeiros dias bonitos da presente primavera achava-se tranquillamente sentado em um jardim de Paris um

homem gordo encostado a uma bengala de unicornio com castão de ouro cravejado de diamantes, e um grosso grilhão, tambem de ouro, a segurar-lhe o relógio.

O individuo gozava serenamente este bom prazer de viver em um dia de sol á sombra de uma arvore, quando repentinamente se sentou junto d'elle um homem de feições pouco sympathicas.

O homem gordo desviou-se um pouco, e, como o outro o fitasse impertinentemente, disse-lhe:

—Que bonito dia! faz gosto um tempo deste!

—E' verdade. Eu infelizmente não o posso gozar. Tenho a noite no coração.

—A noite!

—E' exacto. Espero por um ataque de hydrophobia. Acabo de ser mordido por um cão damnado.

O gordo ia fugir, quando o seu companheiro o reteve dizendo-lhe:

—Não se ausente. Eu por enquanto não me enraiveço contra os individuos, mas sim unicamente contra os objectos brilhantes.

Edizendo isto, o homem arregalou muito os olhos, fez uma careta horrivel, e atirou-se à bengala do seu visinho, na qual principiou a morder com rancor.

O dono da bengala ia fugir, quando o outro lhe arrancou tambem a corrente do relógio, que, como a bengala, levou-a a bocca. E em seguida ergueu nos ares a bengala e bramiu;

—Fuja! que o vou morder. Está me chegando agora a vontade de me atirar tambem ao senhor.

O gordo não esperou mais nada, e desatou a fugir com quanta rapidez lhe permitia a sua obesidade.

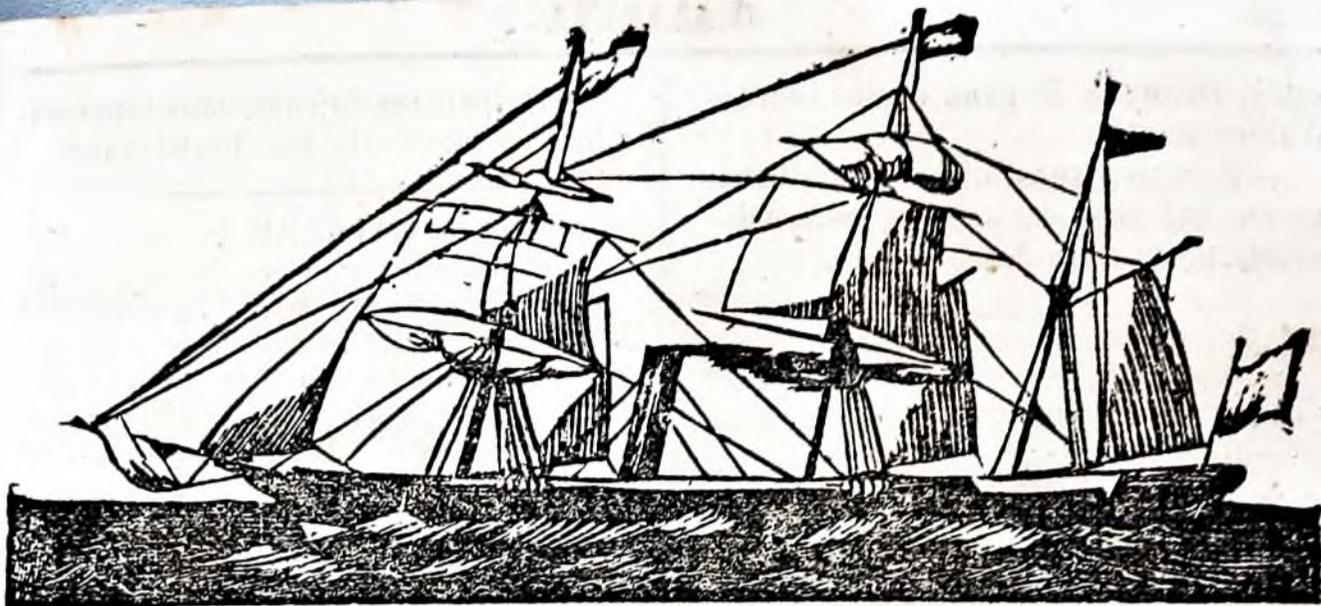
Dous agentes de policia, que haviam presenciado o caso, capturaram o hydrophobo, levando-o á presença da respectiva authoridade, onde rapidamente se reconheceu que o supposto enfermo não passava de um falcatuzeiro atrevido.

## ANNUNCIOS

Pede-se ao Sr. João Padilha, official de sapateiro, o favor de ir ao Caes Dourado n. 69, para se liquidar um negocio de cinco annos,

O Sr. Manuel José de Amorim, é rogado á ir até ao Caes Dourado n. 69, visto que ha sete annos se deseja fallar á S. m. e não se o tem encontrado.

Pede-se ao Sr. G. J. F., o favor de apparecer ao Caes Dourado n.º 69.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

6 DE AGOSTO DE 1867.

SERIE 24.<sup>a</sup>—N. 239.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.<sup>o</sup> andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Edita avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de agosto de 1867.

Não houve expediente.

—O 6.<sup>o</sup> batalhão foi hontem arejar no Bomfim.

—V. quer, dizer, que alguns guardas do 6.<sup>o</sup> andaram tomando seu *regabose* pelas areias de Itapagipe, não é?

—Abi temos outra!

Vêja si eu sou grego.

O 6.<sup>o</sup> batalhão com a musica e o seu commandante na frente foram hontem ao Bomfim.

—Então foi romaria.

—E V. a dar-lhe!

Houve jantar bem servido á custa do commandante e officialidade, muita vinhaça, muita cerveja, muito brinde, etc., etc.

—O logar convida.

—O batalhão veio debandar á noite na porta do commandante debaixo de vivas.

—E' o que eu disse, foi uma romaria *apagodada*.

—O Sr. Soares Martins, que se inculca de tão dedicado ao povo, que se gaba de tantos melhoramentos ter introduzido no matadouro, porque não faz um beneficio a seus patricios?

—Ora vamos a ver com que vae V. sabir-se.

—Porque não acaba com o abuso de serem os africanos preferidos para talhadores, andando por abi os nacionaes a trocarem as pernas sem ganhar o que comer?

Isto é que era um passo philantropico.

—Porem o homem pode vedar que o Sr., por exemplo, tome um talho e admitta um africano para talhar a carne?

—Estou que sim.

—Como!

—Si elle quizesse bem podia.

Ha africanos, que se sujeitam a cortar carne de graça, porque o que roubam do povo lhes deixa bastante e eis o motivo de serem preferidos.

Um individuo, que nunca entrou em açougue, empenha-se, toma um ou dous talhos, acha o africano, que vae de graça lhe servir, e que faz-lhe ganhar os cobres sem trabalho, embora o povo

esteja entregue á gana desses ladrões d'além mar?

— Homem, suas ideias são boas, porem não passam de utopias irrealizaveis nesta terra das bananas.

— Aquelles dous *quebradores de pedra* logo estão millionarios.

— O officio não dá para isso.

— Si elles usassem somente delle.

— Com tudo. . . . .

— V. anda no mundo da lua!

Os meleorios *tem agencia*. lucrativa.

— Sendo assim, sim.

— Vão comprar madeira no mar.

— Já tardava uma das suas! Então comprar madeira faz enriquecer?

— V. não comprehende a força dos pasteis.

Para eu *passar* por homem de dinheiro, basta andar sempre com *moeda* n'algibeira, embora não seja minha; nunca me verei em *falsa* e precaria posição.

— So de sua cachola sabe isso!

— Dinheiro chama dinheiro e no meio de grandes quantias *empurra-se a bisca*.

— Quando o homem não tem sorte, faça o que fizer nunca tira a *correia* da cintura e por fim desesperado passa uma corda ao pescoço e acaba com a droga.

— Isso é lá com o *Pereira*.

— Diabo! . . . .

Acordei sobresaltado com essa gritaria infernal, á uma hora da noite!

*Será alevante de malé?* . . . .

Já agora vou para a janella á ver si passa alguem que me informe que *balburdia* é essa

.....  
O' amigo o que significa essa *baracafusada* ahí pela rua?

— São os admiradores do talento artistico da Sra. De-Giovani, que sahiram do theatro e foram á casa della levar-lhe uma capella.

— Com esse estrondo todo?

— Ora! De perto é que o Sr. havia de apreciar: houve poesias, foguetes, flores, vivas, etc.

— Influencias da rapazeada apreciadora do merito da Sra. De-Giovani.

## O HYPOCRITA.

Victor Hugo descreveu o hypocrita pela seguinte forma:

«O hypocrita é um paciente na dupla accepção da palavra; calcula um triumpho e soffre um supplicio. A premeditação indefinida de uma acção ruim acompanhada por doses de austeridade, a infamia interior temperada de excellente reputação, enganar continuamente, não ser jámais quem é, fazer illusão, é uma fadiga. Compôr a candura com todos os elementos negros, que trabalham no cerebro, querer devorar os que lhe veneram, acariciar, reter-se, reprimir-se, estar sempre alerta, espiar constantemente, compôr o rosto do crime latente, fazer da disformidade uma belleza, fabricar uma perfeição com a perversidade, fazer cecegas com o punhal, pôr assucar no veneno, velar na franqueza do gosto e na musica da voz, não ter o proprio olhar, nada mais difficil, nada mais doloroso. O odioso da hypocrisia começa obscuramente no hypocrita. Causa naseas beber perpetuamente a impostura. A meiguice com que a astucia disfarça a malvadeza ao malvado, continuamente obrigarão a trazer essa mistura na bocca e há momentos de enjôo em que o hypocrita vomita quasi o seu pensamento. Engulir essa saliva é cousa horrivel. Ajuntae a isto o profundo orgulho. Existem horas estranhas em que o hypocrita se estima. Ha um *eu* desmedido no impostor. O verme resvala como o dragão e como elle retira-se e levanta-se. O traidor não é mais que um despota tolhido que não pôde fazer a sua vontade, senão resignando-se ao segundo papel. E' a mesquinhez capaz da enormidade. O hypocryta é um titão-anão.»

(*Extrahido.*)

## A PEDIDO.

— Sr. pharmaceutico, Vm. um homem casado (o que para o Sr. é o menos) e alem de casado, amasiado, ainda

quer mais perverter a quem vivo soco-  
gada?

Olhe, que eu conto ao *Barbosa*.

Por ventura, não tem filhas da idade  
dessa, a quem o Sr. faz timbre em di-  
rigir graças de garoto? E gostaria que  
lhe fizessem outro tanto?

E' verdade que pelo seu procedimen-  
to, parece que pouco cavaco o Sr. daria  
com isso.

Para que passa todos os dias pelo  
Cruzeiro e quando vê a innocente me-  
nina diz — *que olhos de mulata! toma  
figão!*

Outras vezes — *mulata tu és meus  
seitiços; esta mulata me mata e outras  
parvoices?*

Eu lhe aconselho que emende-se,  
porque a cousa pode lhe sahir salgada  
e depois não ande dizendo que nós *mu-  
latos somos que maltratamos nossos  
semelhantes.*

Entenda.

— Vejam como o Sr. Campos Lima  
subdelegado da freguezia de S. Pedro  
providencia com *energia*.

No domingo, 4 do corrente, pelas 10  
horas da manhã, falleceu uma mendi-  
ga, que os meninos appellidavam de  
*Quati*, na porta do sobrado nº 1 á rua  
de S. Pedro, quando ahi se achava a-  
quentando sol.

O dono da casa foi em procura do  
subdelegado; não o encontrou. Dirigiu-  
se ao inspector de quarteirão e este disse  
que nada podia fazer sem o subdelega-  
do chegar.

A final ás 4 horas da tarde appareceu  
o subdelegado acompanhado do respec-  
tivo inspector, pegaram no cadaver que  
estava na porta e metteram para den-  
tro da loja. Vendo depois o subdelega-  
do que junto a cabeça da preta tinha um  
balaio, remecheu e tirou de dentro um  
dinheiro, cuja quantia ignoramos, met-  
teu no bolso á titulo de esmola para os  
pobres e retirou-se, juntamente o ins-  
pector, sem dar providencia alguma  
para que fosse d'alli retirado o cadaver.

Massado o dono da casa, vendo dentro  
de sua loja um defunto ja exhalando  
fetido, foi procurar o chefe de policia

que tambem não encontrou, porque  
tinha ido jantar fora!

A's 8 horas da noite dirigiu-se ao  
hospital da Santa Casa da Misericordia  
e pôde obter da irman superiora a  
padiola para conduzir o cadaver para  
alli, gastando de sua algibeira a quantia  
de 3\$000 rs. que deu aos pretos, assim  
de se ver livre de semelhante trouxa que  
lhe appareceu.

— Ovi contar que na occasião em  
que chegou o Sr. Campos Lima, como  
*alguem* lhe disse que elle não sabia dar  
providencias, respondeu dizendo:

«O subdelegado faz aquillo que quer  
pois que serve de graça, não tem obri-  
gação de estar dentro de casa advinhan-  
do o que ha de acontecer!

— Elle sabia disso, para que andou se  
empenhando para ser nomeado effectivo?

— E' pouca cousa por e dispor d'  
uma freguesia onde constantemente ha  
casos de raptos, defloramentos, e andar  
de ordenança atraz de si?

— Sr. Azambuja, *attendite et videte  
si est terra sicut terra lat onopolitano-  
rum.*

— Mestre Militão?

— Quer caiar alguma casa?

— Não; quero chamal-o á contas.

— Não devo nada.

— Eu lhe digo.

V. casou com a pobre rapariga, para  
se tornar algoz della?

— E' de sua conta que eu exemplo  
minha casa?

— Assim tão excessivamente, encom-  
modando noite a dia a vizinhança?

— O subdelegado é meu visinho e a-  
inda não me disse nada.

— Si o subdelegado tem fechado os  
olhos, é porque *Santo Antonio* tem es-  
tado de sua banda, porem não vá se fi-  
ando nisso para espancar tão deshuma-  
namente a pobre mulher.

V já veio corrido da Itapoan por ma-  
tar a cabocolinha.

— Ella escapou, Sr.

— Ah! escapou? Pois bem; retire-so.

— Dizem quo a casa de *segurança*  
vae pelos ares.

—Na moenda da Conceição?

—Sim.

—Talvez; por que aquillo la anda muito desmoralizado. Os *reclusos* brigam e ferem-se, como ha dias succedeu. O *Villas-má*, em suas adorações a *Bacho*, pouco se lhe da que a casa viro de pernas para o ar.

—Mesmo que elle em systemas de *penitencia*; é zero, porque nunca o estudou.

—Eu o conheci *soldado de policia* da companhia do *Manuel*, sendo sargento o *Diniz*, na *villa Boa*, depois vim enconral-o aqui.

—Isso é quando elle veio corrido depois de um processo n'um tribunal superior por *testemunho falso*.

—Justamente; esse sujeito ja mandou vender um filho, afim de pagar a um gallego; é bichinho que encherga por quatro.

—Mas dizem que depois de jantar nem por oito encherga.

—São falsas allusões; o homem sofre da vista, e quando passa o sol meridiano, influe de forma tal sobre as cangalhas que elle pisa em falso.

—Será por isso que elle pede misericordia a Deus, todas as sextas feiras e sabbados.

—Não sei. A mulher tambem faz penitencia de cabellos presos n'uma arca, que elle tranca e leva a chave.

—Pois comprehenda que si o melro assim faz é para andar namorando as moças e passar por solteiro.

—Deixe o pobre serpentão e conteme como foram uns vomitos que lhe provocaram.

—Isso é cousa velha; não ha quem ignore.

—Aqui estou eu que não sei.

—Em certo dia foi um credor apresentar-lhe um fica, que elle assignara por quantia recebida; ao mostrar o titulo, o homem foi atacado de hydrophobia e si o credor não é tão ligeiro que *in contenti* apresentou-lhe embargos na garganta, ficaria sem dinheiro e sem o titulo.

—Basta por hoje, recommendo que mandem untal-o de caxaca por fora so-

mente e expol-o na praça da Luxuria; mas com o respeito devido á cazaca...

## ANNUNCIOS

O abaixo assignado tendo retirado todos os poderes concedidos a seu cunhado o Dr. Thomaz d'Aquino Gaspar, para tratar dos negocios concernentes ao casal, vem pela imprensa declarar que qualquer negocio, que o mesmo senhor tente fazer, será considerado nullo, toda vez que não seja feito na presença e com approvação do abaixo assignado, genro do fallecido Thomaz d'Aquino Gaspar. Bahia 31 de julho de 1867.

*José Augusto Cardoso de Castro.*

O abaixo assignado vale-se da imprensa para protestar contra o mesquinho e infame baldão que seus miseraveis detractores lhe querem irrogar com o fim apenas de ridicularisal-o.

Assoalham essas pequenas creaturas que, estando eu de guarda no dia 26 na Ribeira, recebi em duplicata as vellas que se costumam dar para o serviço daquella guarda.

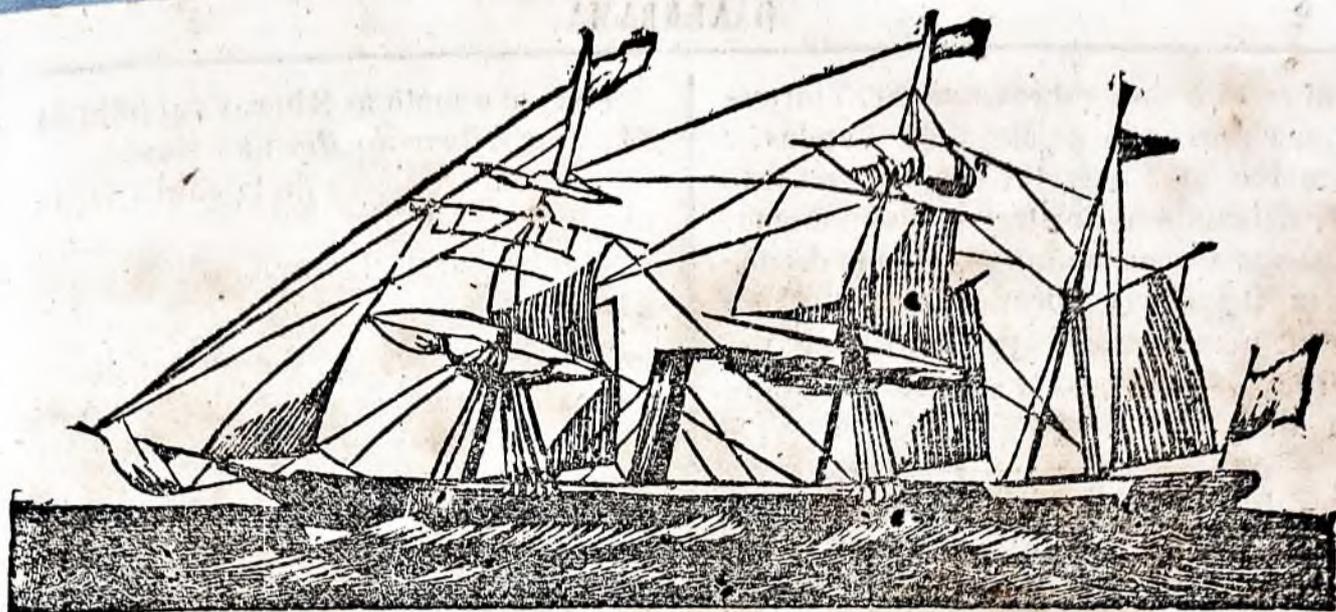
A natureza da pecha que me lançam é daquellas que não merecem fé; pois para que queria eu duas velas? porem, como ha gente que de tudo se serve para enxovalhar a seus desafectos, venho declarar que nenhuma sciencia tive quando o porteiro recebeu as velas e que portanto tudo isso não passa de manejos infames de creaturas vis e abjectas. Bahia 31 de julho de 1867.

*Manuel dos Passos e Silva.*

Foi achada e existe depositada na subdelegacia da freguezia da Sé uma carta para a Sra. D. Ignez Maria da Guia remettido pelo tenente do 32 de voluntario Antonio Joaquim de Magalhães, para ser procurada por quem tiver direito à ella.

O Sr. Manoel David Fane, tenha a bondade de apparecer ao Caes Dourado n.º. 69, para se lhes explicar um negocio de seu interesse.

Pedo-se ao Sr. J. Calafate, o favor de ir ao Caes Dourado n.º. 69, para tratar de negocio que não ignora.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

8 DE AGOSTO DE 1867.

SERIE 23.<sup>a</sup>—Ns. 240 e 241.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.<sup>o</sup> andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

Hoje começa a 23.<sup>a</sup> serie do *Alabama*.

Tem sido baldadas as advertencias feitas á alguns Srs. que entenderam ler gazeta á custa dos bons pagadores.

Pois bem: no fim desta serie terão irremessivelmente um presente de que muito hão de gostar.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de agosto de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdlegado da Penha, participando-lhe o seguinte, que nos informam:

Ha nessa freguezia um individuo, perfeito pé leve, de nome Florencio, porém mais conhecido pelo *Redemoinho*, o qual prodigalisa a pobre mulher, que teve a infelicidade de unir-se á elle, tratos atrocissimos.

A pobre senhora, desesperada de levar tanta pancada, unico afago que recebe de seu desalmado marido, lançou-se na noite de 31 de julho, com uma innocente filha, no Poço de Itapagi-

pe, e alli morreria afogada, si alguns vizinhos, condoidos, não a fossem tirar.

Consta que toda ogeriza deste malcasado para com sua desditosa esposa, provém de tramas urdidos por uma celebre *Pombinha*, verdadeira coruja, em cujo ninho vive elle acoutado.

Espera-se que S. S., como autoridade energica que é, syndicará de tudo quanto fica exposto, e no caso de ser real, envidará o seu prestigio e força em favor da desventura, afim de que uma inoffensiva senhora não continue a ser victima de tão brutal e descommedido rigorismo.

—Ao Illm. Sr. administrador do cemiterio da Quinta, dizendo-lhe que os portões que dão entrada para o cemiterio, devem ser abertos mais cedo, ao menos nos domingos, afim de que familias que vão alli visitar os tumulos de seus finados, não esperem até depois de 9 horas, que S. S. acorde, como aconteceu um domingo destes.

—Na segunda-feira, pelas 8 horas da noite, um boleeiro da companhia de Vehiculos sahiu de uma venda ao principio da Rua de Baixo e foi pegar

um creoulinho, escravo do Sr. Florencio, empregado da Meza de Rondas, o deu-lhe uma horrivel cacêta na tosta, deixando-o por terra como morto. Não appareceu nenhum soldado de policia. Depois recobrando o creolinho a falla, uma rapariga que ahi se achava, foi leval-o em casa do senhor á ladeira de S. Bento.

— O Sr. Apolinario, com venda á Cruz do Cosme, foi mordido por um cachorro damnado, ás 9 horas da noite do dia 5, dentro de sua casa de negocio. Consta-nos que se acha em perigo de vida

— A policia *previdente*, que vá tomando apanhamento.

— Os ladrões ja não têm meios termos: querem enriquecer a todo transe:

— E não ha expediente, de que não lancem mão para apoderarem-se do suor alheio.

— No Rio de Janeiro acaba de dar-se um facto da mais atrevida audacia, que prova a insolente gana dessa recua de gaviões, que andam por ahi a esvoaçar em torno da fortuna dos outros.

— Algum assassinato?

— Qual!

— Então o que foi?

— Uma viuva bastante rica que foi raptada por um ambicioso, que queria, desposando-a, empalmar-lhe os cobres.

— Como foi isso?

— A viuva do negociante Joaquim Coelho de Oliveira, sahiu com duas senhoras de sua familia para visitar um parente; quando voltava, foi cercada por um bando de sicarios, que á viva força a metteram n'um carro e a conduziram á uma casa, onde ja havia um altar preparado para celebrar-se o casamento forçado, tendo o sujeito a prevenção de munir-se de licenças falsas.

— E no Rio de Janeiro se da disso?

— Porque não?

— Com uma policia tão activa, que não consente tres individuos parados depois de certas horas?

— Ora si!

Deu-se o facto ás 8 horas da noite do 31, si o *Diario do Rio* não mente.

— Quem é o heroe de tamanha façanha?

— O bacharel Raymundo Martiniano Alves de Souza.

— E conseguiu seu voraz intento?

— Felizmente, a policia chegou na occasião em que elle com um revolver queria persuadil-a a dar-lhe a mão de esposa.

— Que classificação tem um ente que pratica tão ignobil acção?

— Si fosse o infeliz Carmelino José Monteiro, marinheiro do *Colombo*, o *Diario* teria para elle a classificação de fera e natureza pervertida, por que preferiu morrer a sujeitar-se a um castigo vil e infamante, contra o qual revoltou-se a dignidade humana.

— Entendem que, com a chibata nas costas do homem livre, devem corrigir os desvios do soldado.

— Porem este, meu charo, ficará se chamando o bacharel Raymundo Martiniano Alves de Souza, e quando muito, dirão que praticou um acto reprovado.

— Nesta terra faz-se garbo de tudo quanto é abuso!

— E quem clama contra elles perde seu tempo.

— Tem se fallado tanto contra o delixo de andarem sentenciades á noite passeando e semelhante escandalo continúa!

Ha especialmente um galé que parece privilegiado.

— Talvez esteja para acabar o tempo da sentença. Quando estão nestas condições, deixam-os á vontade.

— Mais isso é uma infracção inqualificavel.

O forçado a que alludo é baixo, acabocolado. Ainda na sexta feira, depois de 7 horas da noite, passava só pelas Portas do Carmo.

— E como sabe que era preso?

— Pelo tinir das correntes.

— Não é a primeira vez que tem sido encontrado semelhante individuo; é isso a prova que elle passeia constantemente.

—Quantos passarão até a noite em casa do suas nymphas.

—Isso é mais certo que bagaço.

—Assim mesmo ha quem falle dos nossos *dignissimos*.

—Quando elles merecem.

—Homens incansaveis em promover os melhoramentos de seu paiz: . . . . .

—Estou lhe crendo.

—E que para equiparal-o aos paizes cultos da Europa trabalham com unhas e dentes.

—Va cantando.

—No intento de eleva-lo á altura da Inglaterra, foi lida na camara a seguinte indicação:

«Indicamos que as sessões desta camara comecem ás 6 horas da tarde.

«Paço da camara dos deputados 11 de julho de 1867 — *Tavares Bastos*. — *Souza Carvalho*. — *Villaboim*. — *Andrade Machado*. — *Gama e Abreu*. — *Dias da Cruz*. — *José Avelino*.»

—Ora va engomar de buzio!

Si elles em pleno dia, com o sol bem alto, não fazem nada que sirva, quanto mais à noite, depois de terem jantado e que por força hão de ter somno!

—Pode ser que a essa hora estejam com a memoria mais fresca.

—Pois ha quem deixe de trabalhar de dia, para fazel-o á noite?

Elles o que querem é chupar os 20\$ rs. diarios e irem cuidar nos seus negocios, e a patria que viva e chova arroz.

Si de dia nunca ha sessão por falta de numero, que fará a noite!

—Eu penso contrario.

—Deixe-se de cousas; os homens o que querem é *flautear* o povo.

—Que está lendo V.?

—A *Ordem* de Pernanbuco.

—Traz sempre bocadinhos apreciaveis

—E' uma gazeta que não tem papas na lingua, como costumam dizer. E ás vezes até me parece exagerada.

—Agora mesmo fiquei banzando com um trecho que li,

—Repita.

—E a carta escripta pelo *Censor* do Rio de Janeiro:

«O chefe de policia mora na rua do S. Amaro e come pão da padaria da Roza.

«No dia 20, indo o caixeiro com o preto dar-lhe pão em casa, como é costume, teve o mesmo caixeiro, quando se retirava, uma altercação com o preto, dando-lhe uma bofetada que o atirou de cambalhotas no chão, o que vendo o chefe que n'essa occasião chegava á janella, mandou agarrar e conduzir preso o caixeiro para a policia. Voltando, porem, o conductor, e dizendo-lhe que o preso era o seu freguez de pão, exasperou-se o chefe, levando as mãos á cabeça, e mando promptamente solta-lo!

«Ja vê que desapareceu o crime pelo facto de ser o criminoso *freguez de pão* do chefe e poder d'ahi resultar o crime maior de ficar o chefe no dia seguinte sem pão para o almoço. . . . mas tambem ja vê que estas bellezas só se observão em uma capital tão *civilisada* como esta que até quer transbordar a civilisação no Paraguay.»

—Isto é muito duro; mais emfim. . . está em letra redonda; quem se julgar prejudicado que reclame.

—O que lhe affianço, é que foi lido por mais de quinze pessoas.

—Mais um pedacinho da *Ordem*.

—Vamos la com isso.

—«Encerrou-se o jury da córte tendo nos ultimos dias praticado as seguintes *boas obras*. Absolveu o carcamano Nicolau Luiz de Maria que deu com o vapor *Oyapok* á costa, em Montivideo; são uns 300 contos de réis que perdeu a nação sem mais nem menos! Absolveu o africano José Zampa, acontador de escravos alheios, pela optima defeza que lhe fez o eximio advogado Queiroz capadocio.

«Condemnou á 6 annos de prisão com trabalho e vinte por cento de multa o alagoano João Baptista de Souza Aguiar por ter pretendido haver de outro a quantia de oitocentos mil réis; o jury que condemnou á 8 mezes de prisão simples o Gomes Ferreira que fur-

tou 150:000\$000 do Banco Rural!! Não se pode melhor desacreditar a instituição! que povo ordinario é o fluminense!! Nem sei como tiveram animo de condemnar a 50 açoutes e 6 mezes de ferro ao pescoço o mimoso mulatinho da condessa do Rio Pardo que furtou a caixa da matriz da Gloria com oito mil reis de esmolas!»

— Si isso não é um pantomima, é o acto do mais feroz cambalismo...

— Ha novidade no becco?

— . . . . o mais atroz attentado contra a liberdade e segurança individual.

— Mas o que é?

— Um factio inaudito, que parta donde partir, revela a immoralidade que lavra nesta epocha corrupta.

— Quer se tornar interminavel na sua digressão? Conte logo ao que veio.

— Então, não sabe que hontem apresentou-se na secretaria de policia o exporteiro do Banco da Bahia João Soares de Oliveira, com os pulsos algemados, com o corpo sevicado, queixando-se de ter sido victima de torturas e crueldades que horrorisam?

— Estou alheio a tudo isso.

— Uma cousa que foi a *ordem do dia* hontem na Bahia!

— E' para ver.

— V. sabe que eu não disponho das boas graças da policia e por tanto não posso estar ao factio *officialmente* dos episodios dessa trama tenebrosa; conto-lhe por tanto segundo as versões que ouvi pela bocca do povo.

— Serve.

— João Soares, foi atacado ás 8 horas da noite na praça Dous de julho por quatro mascarados e mettido n'um carro, que para isso andava alli ha tres dias.

— E elle se deixou prender imbecilmente? Não fez resistencia?

— Não me interrompa, si quer ouvir.

— Prosiga.

— No Campo Grande vendaram-lhe os olhos e deitaram-lhe mordaga; dahi foi conduzido a uma casa, que depois conheceu ser o Moinho á margem do Di-que.

La o lagiciaram com tormentos hor-

riveis; com o fim de arrancarem del-  
le, não sei si uma declaração ou o que  
que seja.

Diz elle, que conheceu distinctamente o ex-director do Banco da Bahia, Francisco Justiniano de Castro Rebello, que interrogou-o, ameaçou-o e impoz-lhe certas condições e depois retirou se deixando-o de sentinellas á vista.

Essas sentinellas ou adormeceram ou sahiram, e João Soares poudo pôr-se ao fresco.

— Manietado, algemado, como estava? Isto está muito crespo.

— Escute, homem.

— Vamos.

— Os algozes, depois de atormentarem a victima, deixaram-na sem sentidos e afrouxaram as cordas, com algum trabalho poudo ella desligar se dos pés e sahir.

— E' muita inepecia! depois de ter a presa segura, facilitar-lhe os meios de fuga e comprometter se!

— Eu lhe disse logo que narrava o que ouvi circular pela voz publica.

— Continúe.

— Neste estado de proravel João Soares foi encontrado por um corneta que o conduziu ao Sr. José Carlos.

— O Sr. José Carlos tambem está mettido nisso!

— Como subdelegado. Dahi foi elle levado á policia.

— Agora ouçamos a policia como se houve.

— Fez-se' interrogatorio e procedeu-se á corpo de delicto no offendido.

— Só?

— Cercou-se a casa do Sr. Castro Rebello, e foram chamados á policia alguns dos ex-directores do Banco.

Por essa occasião houve uma manifestação do povo contra os mesmos não consentindo que elles viessem em cadeiras.

— E foram para gaiola?

— Que duvida!

— O que eu lhe affianço é que nunca se deparou melhor quadra para o spiritismo se ostentar em toda sua plenitude, desenrolando tão intrincada meada.

— Quer ouvir, ou não?

—Falle.

—Na policia, foram interrogados os Srs. Castro Rebello, Sampaio Viana o Castro Guimarães.

O povo tomou vivo interesse pelo offendido e deu significativa prova de sympathia, acompanhando-o debaixo de vivas estrepitosos.

—E' do instincto popular; decidir-se sempre pelo lado soffredor.

—Outro tanto não aconteceu aos ex-directores que foram apupados desde a porta da secretaria de policia, até os quarteis em que se recolheram.

—Eu não approvo estas demonstrações violentas.

—Mas o que quer? O povo acostumado a ver pezar somente a espada da lei sobre os pequenos, torna-se nestas occasões, exigente com aquelles que são encarregados de distribuir justiça com egualdade.

Na ida do Sr. Sampaio Vianna para a prisão, depois das 8 horas da noite, do meio da multidão, dispararam um tiro de polvora secca, na ladeira da Palma.

O povo revoltou-se contra o acto do chefe de policia mandar o Sr. Castro Guimarães á cavallo quando teve de recolher-se, tendo mandado os outros á pé.

—E que quiz dizer tal distincção?

—Pergunte ao major e um official de policia que os acompanharam, além de quatro soldados de cavallaria.

Quando desapareceu na porta do quartel ouvia-se lhe distinctamente dizer para um guarda—*diga ao Sr. Dr. chefe que fico-lhe muito obrigado!*

O povo por essa occasião procompeu em foras e a cavallaria de espada nua veio dispersal-o, bradando os soldados—*Quem for homem de bem, retire-se!*—

Um homem foi espadeirado.

Um individuo que me disseram chamar-se Salustiano Braga e ser policial, puchou um puhal e accommetten o povo.

Em remate, disseram-me que desde a vespera, o chefe tivera noçia do facto no theatro, porém que impassivel continuara a assistir o spectaculo.

—Agora è emendar a mão, porque o povo ancioso com os olhos voltado para elle, está sequioso de justiça.

## A vaidade

A senhora D. Vaidade é filha legitima do Sr. Luxo Patarata, e da Sra D. Impostura Sotbeiba da Fanfarronice; nasceu no anno 50, sendo governador desta cidade o conde da Tollice. Cresceu a Sra. D. Vaidade e tornou-se uma mulher alta, gorda, de olhos grandes, nariz arcebitado, beiços estufados e com um ar de corpo todo requebrado e cheio de tregeitos, de sorte que cada passo que dava parecia que se desengonçava toda; depois de mulher ja feita, casou-se a Sra. D. Vaidade com o Dr. Basoffio, francez de nação e deste estufado casamento nasceram immensos filhos que foram se reproduzindo, e até o presente vivem entre nós na alta sociedade da moda.

Ab! e quantos damnos tem causado a maldita Vaidade no seculo presente!!

Vemos por ahí mulheres com tanta vaidade, que quando entram em uma sala olham para as outras com desprezo, parecendo que tudo lhes fêde; outras por loucas de vaidade só querem apparecer nas reuniões carregadas de brilhantes e sedas de alto preço, embora sirva isto de critica aos circumstantes, como acontece á algumas que apparecendo em publico, lá diz um de um canto—olhe aquella carôxa para que foi botar tantos brilhantes com aquella cara tão feia e aquelle nariz tão grandio—Outro diz ao visinho em voz baixa:—ella vai alli fazendo toda aquella fantasmagoria, porém os brilhantes foram roubados no inventario que fez o maridoa parenta fulana; outro diz que o marido ainda não pagou ao Fontes ou outro ourives, etc. etc., e aqui temos a tolerona dando pasto á critica dos falladores.

A outras dá a vaidade para andarem fomentando-se de quantos cheiros e essencia ha nos cabellereiros, de sorte que entrando em uma sala, é o mesmo que um perfumador ou thuribulo que afoga tudo; ora isto não é mau para algumas gordas encobrirem a merinha de suor azedo quando estão á suar.

—Ha mulheres que tem vaidade por se-

remformozas; quanto á estas tranzeat: Outras tem vaidade do terem pé pequeno, e assim que se sentam traçam logo a perna para se ver a delicadeza do seu mocotó. Outras tem vaidade de fazerem cortezias muito airozas, e mesurae muito torneadas.

Outras tem vaidade de andarem muito faceiras, e de darem saltinhos muito elegantes, e em fim ja conheci uma velha tão vaidora de ter tratamento, e de ter pé pequeno, que estando tomando banhos salgados na Calçada do Bomfim, á hora de sahir do mar mandava a sua criada esperarna beira da praia de pé diante da visinhança com um par de sapatos de setim ja velhos dentro de uma salva de prata para ella calçar e ir para casa com elles.

Ora, si isto fosse praticado por uma moça bonita, ainda se podia aturar, mais infelizmente a dona dos sapatos era um casco de invéntario.

Em summa, por vaidade ha mulheres desmioladas que exigem que os maridos roubem para lhes fazer a vontade, comprando todos os enfeites que ellas fantaziam. e outras quando elles não lhes dão, ficam desesperadas, maldizem a sua sorte, e vão até adquirindo por meio de certo cambio que nós sabemos! D'esta livre-nos Deos, que taes enfeites pezão muito sobre os maridos, quando elles não são de um humor, como alguns que por ahi andam bem fresquinhos e arrotando probidade.

Ora bem, ninguem tome este ultimo ponto para si, porque fallo em geral, e se servir-lhe a carapuça — disfarce, e aça que não entende quando ler.

(*Continua.*)

#### NO ESTYLO DA EPOCHA.

Depois que Lopez revoltou-se contra os brasileiros, fiquei quasi idiota, de sorte que fallo muito e nada digo.

E' esta a razão, porque lhe peço, Sr. redactor, para inserir em seu jornal esta historia por mim contada no Paraguay.

Um dia, era no tempo da era, havia um homem que não era e um compadre que tambem era, sem ser da era. Um

delles, precisando de uns jãcazes para guardar melado, foi pedir a outro umas perneiras para carregar agua.

O tal compadre deu-lhe umas *combucas*, e elle immediatamente poz os bois dentro das *combucas* e o carro adiante dos bois: desceu por uma ladeira acima, e subindo por outra abaixo, com o bacamarte nos alforges, passou em uma roçada; e como os espinhos eram muitos, tirou as botas fora para poder passar: chegando sem ellas calçou-as para poder entrar no riacho e depois de estar dentro, começou a arrancar capim e a encher com elle o carro de madeiras.

Como nesse tempo as batatas eram de outro dono, veio-lhe este tomar uma satisfação, e ficando elle com isso muito pouco enfesado, tirou de um pé de pinhões um talo de couve e deu com elle na testa do tal compadre rebentando-lhe a perna pela cintura.

Por esta causa veio-lhe logo uma dor de cabeça no calcanhar do pé esquerdo e uma dor de dentes no dedo minimo do pé canhoto, e como elle ficasse com isto muito pouco desesperado, tirou-se dentro da agua e morreu queimado.

Depois foi no matto buscar lenha, perdeu ao machado, procurou-o; mas o não achou, poz fogo no matto, queimou o machado, ficando apenas o cabo.

*O apreciador dos disparates.*

#### CANTO DE UM VOLUNTARIO.

Patria! Patria! a todo instante,  
Tenho o seio palpitante  
Da esperanza de voltar.  
De ver teus bosques frondosos,  
Murmurando perfumosos  
Em noites d'almo luar.

Oh! ter ainda a ventura  
De rever a formosura  
De teus valles sem eguaes!  
Contemprar teus altos cumes,  
E respeitar teus perfumes  
Nos floridos laranjaes.

Ver teus regatos formosos,  
Se deslizando queixosos,  
Pelo extenso coqueiral;  
Ver os teus rios gigantes

Magestosos, susurrant ras  
 Pelas rochas de cristal  
 Ver o teu manto de estrellas,  
 Mimosas, fulgentes, bellas,  
 Quaes outro céu não retrata;  
 Ver a lua radiante  
 Se reflectindo brilhante,  
 Nas tuas agnas de prata.  
 E ver ainda a campina  
 Onde essa bella menina  
 Que eu chamava minha irman,  
 Me coroava de flores.  
 E me fallava de amores  
 Com tão innocente afan.  
 Ver em fim esse arvoredó  
 Onde me fallava a medo  
 Uma voz estremeçada....  
 Eis o sonho idolatrado,  
 O pensamento adorado,  
 Que embelleza minha vida!

B F.

## A PEDIDO.



(Continuação.)

— Padre Janico é dotado de uma avidéz latronica insaciavel.

Zangão agiota no mercado das tranquibernias, não ha nada que o farte.

Torna-se cabisbaixo e descontente quando não pratica alguma extorsão.

Por isso, domiciliado na fazenda que comprara, la para a costa do *Mar Pequeno*, sentia tedio insupportavel, por

que alli não podia em grande escala dar largas á seu genio surripiante.

Olhou em toda de si e excogitou onde mais perto acharia uma presa em que lançasse as garras de abutre.

Parafusou... parafusou e afinal a endemoninhada imaginação lhe depa-rou *Santo Antonio*, ou antes a capella deste santo com suas terras que lho tinha dado um tal *Valle Asques*.

Encartar-se na irmandade, que para elle era o novo *El Dorado*, foi seu plano de momento.

Depois de se apanhar de dentro, quiz logo dar cartas e constituir-se dictador; com a sagacidade de que é dotado, poudé illudir os mezarios, e conseguir que fosse encarregado dos reparos da capella.

Atamancou da peor maneira a obra e apresentou uma conta de arrancar cabellos.

Si a irmandade fosse a pagar, ficava de pernas para o ar.

Então elle impoz que a irmandade lhe desse ad perpetuum rei memoriam o uso-fructo das terras do *Santo Antonio*, que consistiam em uma productiva fazenda, em paga de sua divida e os imbeceis mezarios concordaram com essa ladroeira, ficando elle obrigado a dar todos os annos 40\$ rs. que deu-os, assim como eu que nenhum negocio fiz.

— Que harpya voraz!

— Encaixado na fazenda, tratou logo aquillo como seu.

Sem a menor cerimonia mandou assentar alicerces para edificar.

A irmandade, escaldada do arranjo empalmatorio do padre, mandou sobrestar a obra.

Elle porém *finorio* observou muito mansinho que aquillo não tinha fim maligno e era para assentar esteios de madeira.

Vendo porém os mezarios que o resultado era pelo menos *Santo Antonio* pagar carissimas bem-feitorias, pois ja conheciam a besta com quem lidavam, não consentiram que elle continuasse a obra.

Com o genio de crocodilho dissimu-

lou aquelle revex guardando suas magicas para melhor occasião

Trabalhou, trabalhou, até que empolgou o logar de mezario na irmandade e com elle entraram dous alleiçoados seus.

Agora é que começam as ladroeciras.  
(*Continúa.*)

### SONETO

*Offerecido e dedicado á uma senhora que mora em certa rua, pelo prestimo que tem de chamar escravas e crianças para saber o que passa-se na casa alheia.*

Eu vi uma certa mulher muito embusteira,  
Arrotando grandeza e fidalguia,  
Com cara de latú, pernas de gia,  
Querendo se fazer bella e faceira.

Inda balla maior, maior asneira:  
Defronte de um espelho ella se via,  
Mirava a cara, em gosto se nutria,  
Com flôres enfeitando uma caveira!

Não pensem qu'isto é peta, ella inda existe,  
Embora vá minando, qual minhôca;  
A tudo o que é função nunca resiste.

Da madre e do seu flato sempre chôra,  
Faz tanta cousa, que nunca anda triste;  
Mas, namôro com ella...ninguem trôca.

### VARIÉDADE.

Uma pessoa, passava pelo boulevard Beaumarchais (Paris). Um mendigo lhe estende uma mão e com a outra lhe aponta para um letreiro collocado sobre seu peito, e no qual estava escripto: «mudo».

—Faz muito tempo, bom homem, que sojs mudo? pergunta-lhe o caminhante.

—Desde minha infancia, senhor, respondeu-lhe aquelle.

—Chegando-se certa pessoa a outra sua conhecida, lhe disse: «Vm. não me conhece? Não se lembra de mim?» Respondeu-lhe, que se não lembrava. «Pois eu (lhe tornou a dizer) estive com o senhor em casa de Marcos Gomes, em tal tempo, por signal se rio o Senhor tres vezes, e deu huma pancada com a mão na cadeira com a força do riso do que eu dizia.» Lembrou-se então o outro pelos signaes, e lhe disse: «Ja me lembro, sim; então era Vm. uma pessoa que lá estava, alto, bem disposto, com uma cabeça pequena, e pintada de branco alguma

cousa: ora graças a Deus, que o estava eu reconhecendo, parece-me que está agora mais altinho. Ora dê cá esses braços.

### VELHA GAITEIRA.

Um mancebo encontra-se, em um baile, com uma senhora já idosa sua conhecida, a qual estava toda enfeitada, de alto a baixo, com lindas e vistosas flores, e tão juntas que pareciam uma florida trepadeira. Depois de dirigir-lhe os seus cumprimentos, diz-lhe:

—Que linda trepadeira, minha senhora!

—Acha bonit? Meu marido cultivava esta planta, e não sabe o nome della.

—E' a *sempervirens*, minha senhora, cresce muito nos muros velhos.

Malherbe, tendo jantado em casa do arcebispo de Ruão, adormeceu apenas sahio da mesa. O prelado que ia pregar (e que pregava muito mal) acordou-o e convidou-o a assistir ao sermão:

—Ah! senhor, disse Malherbe, fazei favor de dispensar-me: eu dormirei bem sem isso.

### ANNUNCIOS

Rapazeada, attenção!

Temos uma novidade:

Na venda da Primavera

Ha vinho da Liberdade.

Que é pinga excellente

Dizem os entendedores:

No moço desperta forças

No velho certos ardores,

E quem toma uma garrafa

Assim depois de jantar,

Fica alegre e folgazão

Sera o juizo alterar.

Que o vinho da Liberdade

Tem mais este predicado

Faz a memoria atilada

Sem pôr o homem chirrado.

Quem quizer tomar seu trago

Deste vinho excellente,

Va, que á todos se vende;

Não ha escolha de gente.

Muitos hão de perguntar —

A Primavera onde é?

Não sabem? Pois eu ensino

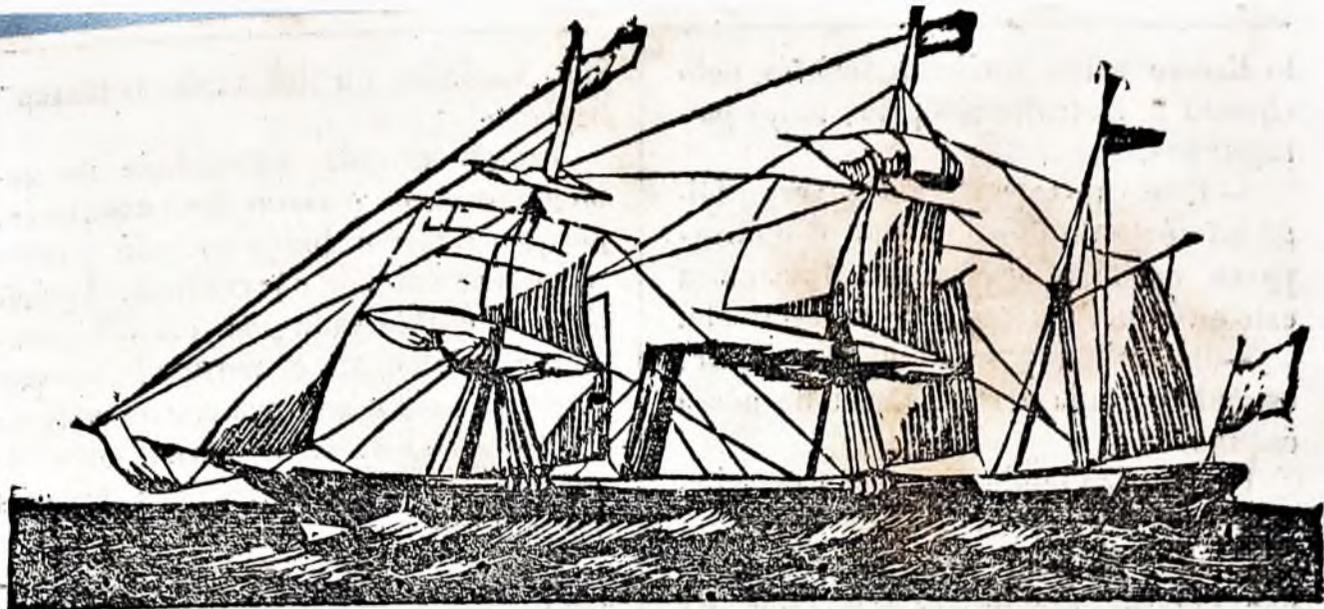
E' a venda Atraz da Sé.

Procurem lá o Albino

Entrando a primeira vez:

E' um sujeito barbado

Que agrada bem ao freguez.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

10 DE AGOSTO DE 1867.

SERIE 23.<sup>a</sup>—N. 243.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 44 4.<sup>o</sup> andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de agosto de 1867.

Officio ao Illm. Sr. provedor da Misericordia, pedindo-lhe que pouha um paradeiro aos escandalos constantemente praticados no hospital da Santa Casa.

Entre outros, ha poucos dias, foi brutalmente espancada a servente Ursulina pelo estrangeiro encarregado da cosinha e seu ajudante, sem que as *charidosas* irmans, que vivem *embebidas* em *celestes* meditações, fizessem a menor opposição [a tão ominoso procedimento o antes deram mostras de approvação.

—Brilhaturas da policia desta terra.

—Desembuche.

—Hontem á noite um soldado de policia, á mandado de uma celebre *Marquinhas Matadeira*, quiz dividir a cabeça de um individuo em duas partes, apenas porém conseguiu fazer-lhe uma grande brecha.

—Que mez para acontecer desgraças!

Tambem hontem no largo do Theatro, pouco depois de 9 horas, um grupo de tres sujeitos encurralou a um individuo e metteu-lhe o cacete em cheio; não appareceu um so policia, sendo de notar que hontem foi noite de espectáculo.

—Si a policia tambem anda occupada em dar pancada!

—Além desses, os jornaes vem recheados de factos desastrosos todos os dias; violencias, roubos, assassinatos, suicidios, etc.

—Entre outros, sobre sahe o do Sr. José Revault accommettido em sua fabrica.

—E a immensidade de arrombamentos, tanto na cidade baixa como na alta?

—E a policia de braços cruzado diz que não tem meios para reprimir a audacia dos ladrões.

—Appellemos para o Altissimo, que é quem pode remediar a tantos males.

—Parece que Lopez tem pacto com o Diabo.

—Ou então Deus esqueceu-se do Brasil.

—Nossos desditosos irmãos no Mat-

to-Grosso estão sendo dizimados pelo cholera e metralhados pelas balas paraguayas.

—É o nosso *paternal* governo folga na corte do Rio de Janeiro, e occupa-se em mandar enxotar da camara este ou aquelle deputado seu desafecto.

—Os paraguayos retomaram Nioac, estando cortada a retaguarda da nossa esquadilha.

Um pratico tendo de guiar a expedição em retirada, por um caminho que, dizia elle, gastaria seis dias, levou-a por logares escabrosos gastando 21 dias de baixo de chuvas de balas paraguayas!

—De proposito, talvez.

—Para ajuizar a desolação que reinava entre nossos infelizes compatriotas, basta isto:

«No dia 29 de maio falleceram, victimas da epidimia, o commandante das forças coronel Carlos de Moraes Camisão e o immediato tenente-coronel Juvencio Manuel Cabral de Menezes, assumindo o commando o major Thomaz Jose Gonsalves.

«Não se imagina o que soffreu a expedição e o que deve estar soffrendo, fome, frio, marchas forçadas, constantes ataques e surpresas do inimigo, e sobre tudo isto o terrivel flagello da cholera, com as circumstancias de não haver remedios para os emfermos, ficando os falecimentos de braços cruzados.

«Por mais de uma vez viu-se a expedição constringida a deixar no caminho os doentes e moribundos, por não ter meios de transporte!

«Consta que entre os muitos mortos lamenta-se a perda do tenente Fernando Antonio de Araujo Muniz (paulista), e a do unico sacerdote que ainda existia na expedição, o qual, acompanhando um comboy de viveres, pereceu desastadamente as mãos dos paraguayos.

⌋ — Infeliz paiz!

### A vaidade

(Continuação.)

⌋ Vamos agora tratar dos filhos da

Sra. Vaidade, ou dos vaidosos masculinos.

Temos grande quantidade de homens vaidosos e assim deve acontecer, porque desde o berço os pais e mães infundem vaidade na creança. Apenas nascida é enfaixada em coeiros ricamente bordados; e porque? Só por vaidade: pois a creança não os aprecia e elles por si de nada servem mais, do que de conterem urina das mijadas do menino.

Vai crescendo e vão os paes fazendo-lhe todas as vontades vaidosas: por exemplo: si pede relógio, dá-se-lhe relógio; si pede cavallo de estribaria, dá-se-lhe tambem cavallo para fazer a vontade; e assim acostumado o rapaz a gastar sem ter o trabalho de ganhar e sem saber quanto é custoso adquerir, torna-se um vaidoso mandrião, habilitado a gastar tudo quanto herdou.

Desta forma tem a vaidade estabelecido usos de se gastar immenso dinheiro inutil, por exemplo: dinheiro com galões de lacaicos, com enterros, com os taes brilhantes e pedras chamadas preciosas, que para nada serve mais do que para se gastar dinheiro; e o certo é que taes usos de objectos de luxo ou vaidade dão até prejuizo ao commercio, como vimos com a Chapada, onde muitos, movidos pela ambição, perderam seu dinheiro e o mesmo succedeu com na California, porque nem ouro nem brilhantes são objectos de utilidade; e por conseguinte são prejudicaes á sociedade, e por essa razão até nem taes negocios são protegidos pela fortuna.

O uso das casacas de panno de lan, que tão quentes são e hoje em dia custam cincoenta mil réis nesta nossa pobre terra, é uma completa vaidade, pois nos bastava um chambre ou mesmo casaca de brim de linho ou de chita, como uzáram nossos antepassados; porém este uso condiz com trez trastes superfluos que as mulheres uzam além de outros, como são: o pente, quando podiam amarrar o cabello com um simples cordão; os leques, que tem subido á um preço excessivo, e bastaria

um abano até de papel duro, que ao menos não se quebrava todos os dias como acontece com os taes docéis; e os brincos na orelhas, uso este bem extravagante, e que parece foi imitado das africanas de certos logares que furaam o beijo para infeitarem com co-raes.

Mas por outro lado neste ponto de ornatos desculpo a vaidade, porque eu mesmo, que sou philosopho por natureza, quando visto a minha sobre-casaca nova dos dias de missa e passo por casas que tem moças ou mesmo creoulas bonitas na janella, entro a sentir um desempenho no corpo, e me parece que ellas estão gostando de mim. Poderá ser engano meu, porém não é de admirar, porque outros mais feios tem namorado, e casado com boas moças.

Ah, que o artigo estendeu-se, e são horas do chá.

---

### A PEDIDO.

---

— Quanto *gravata lavada*  
Metido neste sarrilho! . . . .

— Os moleques andam cantando  
Pela rua este este estribilho:

Tico, tico, tico,  
Ora pello . . . . .  
Quem prendeu o homem  
Foi Xixi Rebello.

Foi la no moinho  
Que não moe canna,  
Entrando na ganga  
Sampaio Vianna.

Ora qual,  
Pêtarolas! . . .  
Castro Guimarães  
Stará na enrola?

Sr. Oliveira, chegue-se para cá,  
Pos cobres do banco conta venha dar,  
Si não, fique certo, não pode escapar,  
No fundo do dique, ha de ir passeiar.

Peixinhos do rio, camarão do mar,  
Pegarà na cabra p'ra outro *mamar*,  
De pernas atadas, não pode andar  
No fundo do dique irá passear.

— Eu não saio mais á noite  
Por ser isso arriscado;

Poso ir sem mais nem menos  
Para o dique ajoujado!

— Capitão?

— O que quer?

— Venho pedir justiça contra a calúnia e a difamação, contra a mentira e safatez.

— Isso é com o juiz municipal.

— Mas, capitão, não se leva uma máscara á juizo; porque não se quer caras de asnos, carnavaes de impudicia no centro da civilisação. Eu conto-lhe tudo.

A redacção do papel *Trovão*, gratuitamente inimiga do Sr. Nicolau Carneiro Filh, entendeu assoalhar infamias e descreditos na estrada de sua vida pública e até particular.

Não tratarei dessa ultima parte, que a ella ja ha cabalmente respondido a indignação publica. Mas quanto á segunda, direi alto e em bom som que é calúnia, calúnia estudada, pagada á ouro, e traçada com o veneno da vibora mais nojenta e torpe.

Estou habilitado, a responder ao *Trovão*, dizendo que si houve tempo em quo a devoção do Senhor do Bonfim nunca fosse lezada, esse tempo é o da administração do Sr. Nicolau Carneiro Filho, pois vi uma carta do Sr. eserivão Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, em que este declara que as contas apresentadas successivamente aos Srs. juizes correctores em 65, 66, 67, foram julgaads illibadas e incensuraveis.

Sei mais que o Sr. Nicolau Carneiro Filho tem contribuido com todas as forças para a prosperidade da devoção, ja encommendando objectos para a Europa, ja alargando o adro, ja levantando muralhas, ja concertando as casas dosromeiros, deorando o templo interiormente, comprando objectos para o serviço do culto, adornando o frontespicio das casas dosromeiros com grades de ferro e largos passeios de asphalto, etc.

Bem vê portanto, capitão, que o *Trovão* mente, que calúnia, que só vê no fundo de tudo isso um meio de ganhar dinheiro.

Dizem mais que é um roubo; um roubo! ouviu capitão, o debito do Senhor do Bomfim! Como si ignorasse que quasi todos os thesoureiros tem sahido credores ou deixando dividas á serem pagas como os Srs. Francisco da Costa o A-breu, Thomaz Pereira Geremoabo, Dr. José Eduardo Freiré de Carvalho, e José Maria Henrique Ferreira!

E' isso, capitão, e não se lembram que, além d'isso, ha desfalque nas rendas, em virtude da guerra, que á tudo prejudica, e mui principalmente por não ter pago o Sr. tenente coronel Pedroso a sua joia de 1:00\$000 por ter fallido.

Quanto as esmolas—so houveram duas maiores—da Exma. Sra baronesa de Passé e da senhora do Sr. Arnaldo da Silva Lima.

Conclua d'ahi, capitão, a má vontade da redacção do *Trovão*, para com o Sr. Nicolau Carnei o Filho, má vontade essa, inspirada principalmente por um velho que parece mirar d'ahi algum interesses. . . . .

—Basta.

—A policia continúa a não fazer caso dos desvios, que vão pela *Casa de reclusão* sem trabalho; aquillo vae a aniquilar-se.

—Ha alguma cousa nova?

—O estado normal daquella casa é a desordem e desmoralisação, depois que foi entregue a homens cujo estado habitual é a embriaguez.

—Isso é cousa repetida; ha factos novos?

—E' publico e ninguem pode contestar que o *Villas-má* reduz aquillo a expressão mais simples; porque, conhecedor de mathematicas, quer egualar a zero o cargo que lhe encaixaram. O estado daquella ignobil creatura é miseravel e digno de compaixão; mas é isso compativel com o cargo que elle occupa?

—Ora, deixe-se de preambulos e conte a historia.

—O indomito animal esta *assanhado*, vive a dar couces, como si ainda estivesse em seu *curral*.

—Tudo isso são divagações, si não tem factos, cale-se.

— Pois ouça:

*Villas-má* faz dos *reclusos* seus escravos.

De manhan, sahe uma com um cesta de quiabos, pimentas, couves e mais traquinadas de panella e vae levar a porta de casa para vender essa muxinifada.

Outro, vao engraxar as botinas não so delle como dos *Villas-masinhos*, quero dizer da filharada do *cujo*.

Um terceiro, depois de fazer a faxina, vae comprar os arranjos de casa; anda pelo açougue, vae á quitanda e os pobres guardas que acompanham taes *reclusos* aguentam toda maçada.

—Tem mais carga?

—Na noite do Precusor, passava eu pelo *Moenda da Conceição* e encontrei-me com uma chusma de *reclusos* carregados de espigas e côcos; admirei-me e perguntei o que ora aquillo o soube que as espigas eram para o cujo regalar-se e os côcos para cangica.

—Faça pausa ahi, depois ouvirei o resto.

(*Continua.*)

---

## VARIÉDADE.

---

### EGUALDADE SEGUNDO A ENTENDEM OS INGLESES.

Si um lord embriaga-se, dizem:

« S. Ex. está de muito mau humor. »

Embriaga-se um *gentlman* e dizem:

« V. S. está muito alegre »

Emborracha-se um tendeiro:

« Este homem está bebado. »

Fal-o um pobre trabalhador:

« Que borracho! »

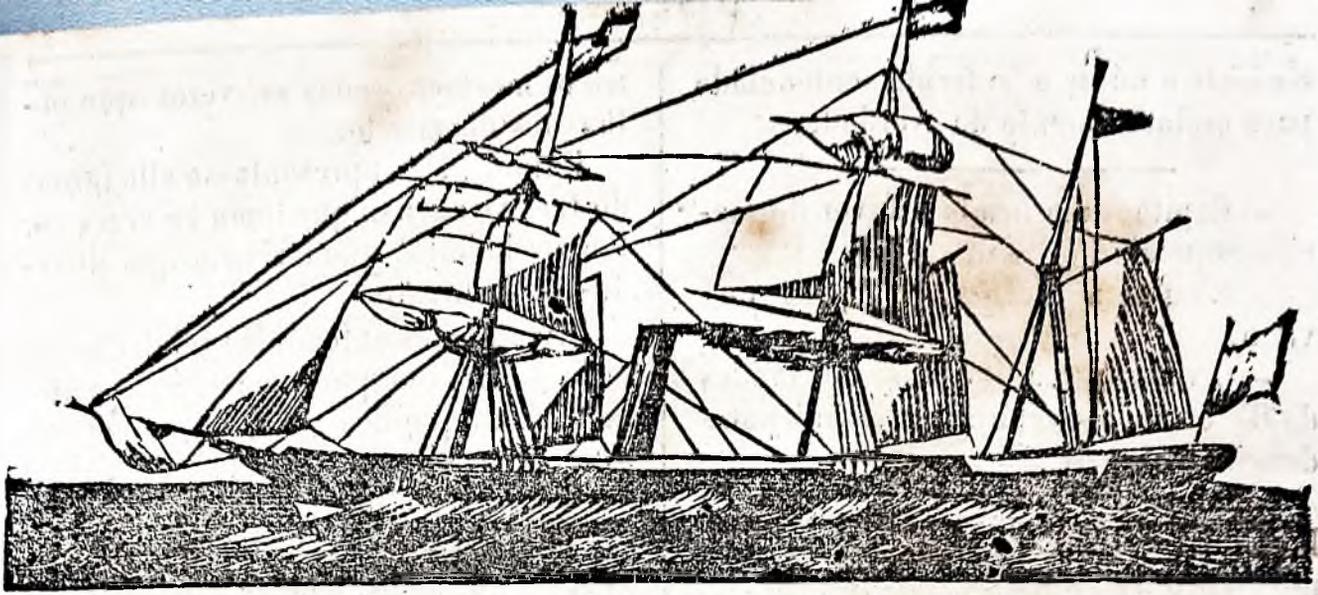
---

## ANNUNCIOS

---

O abaixo assignado, tendo retirado todos os poderes concedidos a seu cunhado o Dr. Thomaz d'Aquino Gaspar, para tratar dos negocios concernentes ao casal, vem pela imprensa declarar que qualquer negocio, que o mesmo esnhor tente fazer, será considerado nullo, toda vez que não seja feito na presença e com approvação do abaixo assignado, genro do fallecido Thomaz d'Aquino Gaspar. Bahia 31 de julho de 1867.

*José Augusto Cardoso de Castro.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

13 DE AGOSTO DE 1867.

SERIE 23.<sup>a</sup>—N. 245.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.<sup>o</sup> andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsã 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de agosto de 1867.

*Circular*—O capitão do *Alabama*, attendendo ás justas reclamações de seus cobradores, em vista dos pares de botinas, que gastam nas cobranças, Ha por bem agraciar aos seus pontuaes assignantes, e para esse fim prepara um quadro, que será distribuido com a folha, onde se lérã em letras de ouro os nomes dos assignantes merecedores; assim como acompanhará a este um outro com tarja funebre com os nomes dos assignantes remissos.

Previne que aquelle que não estiver em dia tracte de se pôr, pois será melhor ver seu nome no quadro de honra, do que no funebre. Não admitta mais pedidos, pois no principio do anno deixou de ser publicado um magnifico quadro, com as caricaturas de todos os assignantes atrazados por considerações, e pelo que ficou todo o trabalho perdido depois de prompto.

E para que chegue ao conhecimento de todos, houce por bem mandar pu-

blicar esta. Dada á bordo do vapor *Alabama*, ancorado no porto de *Latronopolis*, aos 12 de agosto do anno dos calotes.

Eu Lima Barbosa o escrevi e assignei.

*Lima Barbosa*—immediato.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, levando ao seu conhecimento um facto que cumpre averiguar afim de desarredar suspeitas sobre o credito do empregado a quem elle se refere.

Corre pela voz publica que em dias da semmana passada o Sr. administrador da casa de prisão com trabalho procedendo á busca nas caixas dos presos, encontrara na de Francisco Pereira da Silva 306\$ réis, sendo 160\$ réis em ouro e o resto em papel, e que apoderando-se de semelhante quantia não a reoolheu até hoje ao deposito publico, como era de dever.

Longe de dar-mos credito a semelhante imputação, acreditamos que ella seja infundada, porém como é daquellas que podem abalar a reputação do serventario publico, pede-se encarcoidamente a S. Exa. que mando

sindicar e ouvir o referido sentenciado para esclarecimento da verdade.

— Capitão, um brado a favor do merito esquecido.

— E eu com muito gosto para ouvir o.

— O veterano capitão José Fernandes do O' é um dos veteranos da Independencia do Brazil.

Em Piraja fez toda a campanha da Babia e foi um dos heroes do dia 8 do novembro de 1822 no Cabrito.

A 2 de julho de 23 entrou triumphante na capital, como capitão de 92 ou Henriques Dias.

— Isto são glorias, que ninguem lhe pode tirar.

— Porem ouça V. Ex. o resto.

O decreto n° 1234 de 8 de julho de 1865 concedeu uma etape de 1\$ rs. diarios a essas venerandas reliquias da nossa emancipação e parece que o capitão do O' tem direito a ella.

— Incontestavelmente.

— Pois desde 1865, que requereu ao governo e até hoje não teve solução.

— E não sabe a que attribua isso?

— A má vontade de um genio malevollo e invejoso, que, para cevar algum odio tão pequeno como antigo, crea empecilhos e talvez até ja consumiu os papeis do bravo velho.

— Isso é reprovavel, so um genio de corta-ferro o pratica.

— O caso é, que elle até hoje tem deixado de receber essa pensão a que tem legitimo direito.

— E porque não recorre ao actual commandante das armas? Homem justiceiro e verdadeiramente amigo de sua classe, ha de indubitavelmente attendel-o e dar andamento à sua pretensão.

— V. Ex. lembrou bem; vou aconselhar isso a elle.

### O SOMNO.

Filho d' Erebo e da Noite, irmão por consequencia da Esperança, com a qual o Céu não nos falte, o da Morte, da qual livre-nos Deus, ao menos por em quanto, desce do Olimpo, e mette-se en-

tre os mortaes, todas as vezes que pilla-nos dormindo.

Então. . . . apresenta-se elle fazendo taes visagens, que toma as vezes cor tao verdadeira, que faz com que duvide-se da mentira.

Divergem os entendidos relativamente ao logar, em que toma elle assento; uns dizem que fica na cabeça, por ser esta entre as demais, aparte mais nobre: outros, que na barriga ou buxo em razão do ponto de contacto existente entre os bons ou maus sonhos, e a barriga mais ou menos cheia: outros, finalmente nos olhos, os quaes, si para nós estão feixados, não o estão porem para Morpheu, que embriagando-se em as noites que aqui descem, conta *chufas ao pae* que ora visita-nos.

Seja como for, o certo é que o Somno pinta-se de cores: assim é, por exemplo: vermelho, quando visita aos miseraveis, cuja fortuna immensa tem por base honra de virgens e lagrimas de viuvas: é azul, quando visita aos invejosos; tolo ou ciumento da *bisca* dos que namoram: é preto, quando vem ter com viuvas, que maltrataram o defunto, ou com papalvos, que temem se dos mortos: é finalmente cor de oiro, quando vem tocar aos namorados, que julgam que a pequena não se casa com outro, á não ser com eile.

D'aqui. . . vemos que o Somno, a final de contas, é uma mera scena de fantasia em a qual é actor o pensamento, e palco a escuridão immensa que rodeia-nos; e como tal. . . representando as vezes tragedias e commedias, onde esta mata-nos, e aquella torna-se para o pobre um gozo, posto que ephemero, um pouco *aproveitavel*: recitamos para não dar-se os primeiros: uma rolha de cortiça enfiada ao pescoço num arame de viola, ou o anel do diabo, isto no dormir.

### LA VAE VERSO.

Que diabo de embeleco,  
Vae aqui por este becco!  
Que disparates sem conta!

A policia estupefacta,

Ora ata, ora desata,  
 Anda qual barata tonta!  
 Mettida nossa rascada,  
 Pobre lesma, aparvalhada,  
 Anda co'a cabeça atôa;  
 E depois de patinhar,  
 Perde o modo até de andar,  
 Fica com cara de brôa.

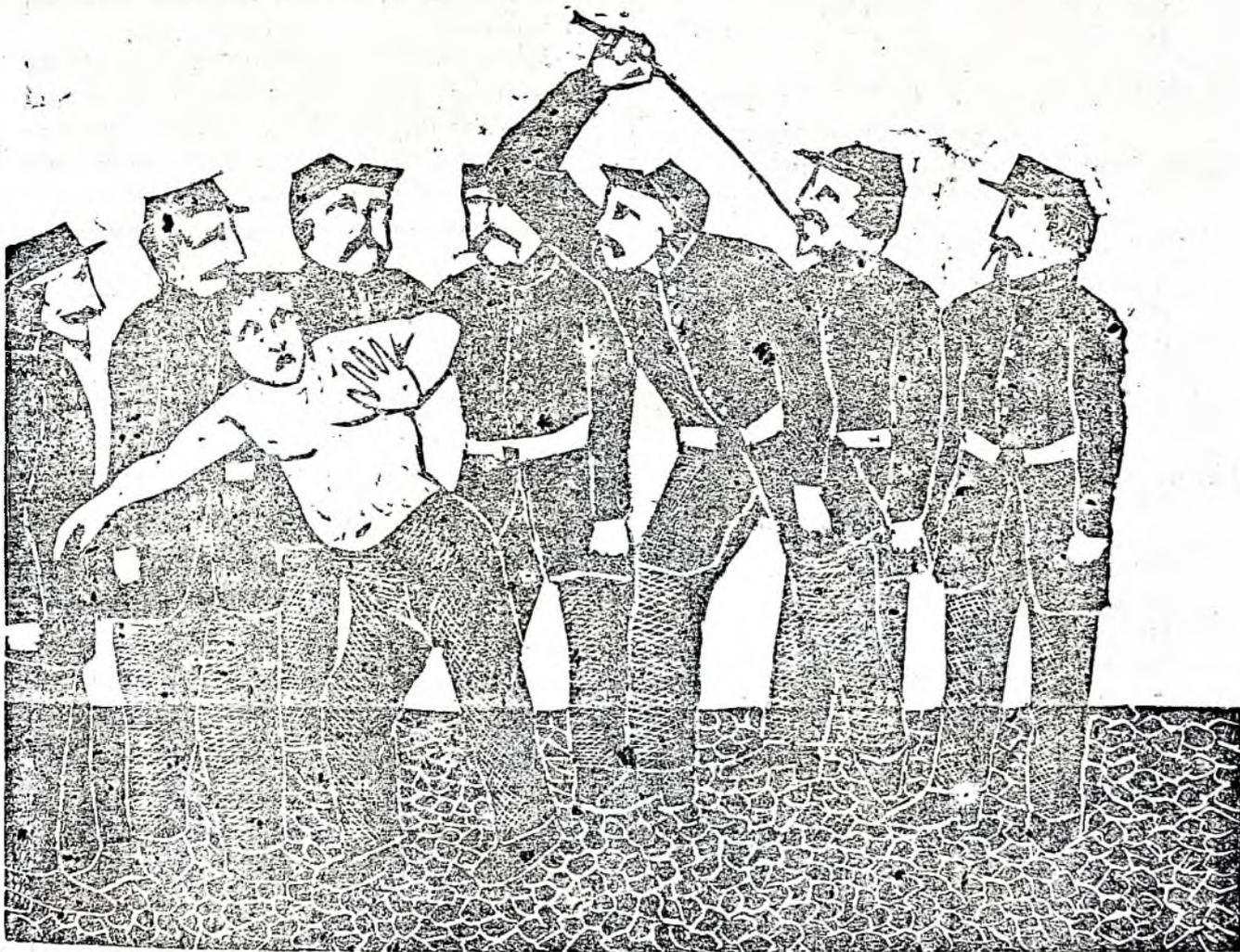
Toma medidas d'arromba,  
 Vae qual uma maxamlomba  
 Andando nossa polcia;  
 E em cada providencia,  
 Si não atesta demencia  
 Prova a sua impericia.

### As duas espadas.

N'uma carroça de cisco

Vae espada carcomida;  
 Em quanto em berlinda passa  
 Outra ainda mui brunida.  
 Neste encontro aquella exclama:  
 «Ah! tambem fui bem tratada!  
 «E transitando mil flores  
 «Me atiraram da sacada.  
 «Mais, depois que na batalha  
 «Venci o ferro inimigo;  
 «Por ter quebrado o meu corpo.  
 «O monturo é meu abrigo.  
 Uma verdade se colhe  
 Desta justa exclamação;  
 Do soldado brasileiro  
 E' bem triste a condicção

## A PRANCHA



Sôa a corneta...da—avançada—os toques  
 No quartel echoaram,  
 Eis que os soldados das companhias correm,  
 O—quadrado—formaram.

Que vae sem pena açoutar-se,  
 A' frente do batalhão,  
 Um soldado brasileiro...  
 Defensor d'esta nação!

E feito o quadrado...dentro d'elle...triste..  
 O bravo... o condemnado  
 Ouve a sentença...e logo a farda despe,  
 Que a farda è do Estado!

Vergonha eterna! Açoutar-se  
 A' frente do batalhão...  
 Um soldado brasileiro...  
 Defensor d'esta nação!

E começa o castigo... fero... atroz!  
O corneta soldado...

A prancha vibra... e se lhe falta, força...  
E' logo castigado

Que não deve elle ter peua,  
A' frente do batalhão,  
Açoutando o camarada...  
Defensor d'esta nação!

Oh, qu'espetaculo... sobe e desce a prancha,  
O soldado aviltando...

Seus bravos feitos em defeza da patria...  
Assim recompensando!

Como um escravo... açoutado,  
A' frente do batalhão,  
Um soldado brasileiro...  
Defensor d'esta nação!

Oh! vêde como o paciente geme,  
E que execranda scena!...

Como desmaia... como ao algaz o chefe,  
Oh' que prosiga... ordena!

Como se açouta, ora o livre  
A' frente do batalhão,  
Como se avilta o soldado,  
Defensor d'esta nação!

Oh! vêde todos... do condemnado o sangue  
Pelos labios desce...

E pelas faces da ignominia o pranto,  
Que logo apoz fenecer!

Vergonha eterna! Açoutar-se  
A' frente do batalhão  
Um soldado brasileiro...  
Defensor d'esta nação

E cáhe a prancha... cada golpe um grito...  
Uma porção de vida!

Mais uma infamia... nessa infamia um crime  
D'essa lei homicida

Maldito quem n'este imperio,  
A' frente do batalhão,  
Manda açoutar o soldado...  
Defensor desta nação

Findo o castigo... no hospital o bravo  
Morreu... sorte ferina!

Morreu bradando: maldição à patria...  
Mãe... mãe assassina

Que por lei a mais cruenta,  
A' frente do batalhão,  
Deshoara... mata seu filho...  
Soldado d'esta nação

Oh! vêde-o morto, que de ferro a prancha,  
O corpo seu quebrara;

Que perde a patria? Para o logar do bravo  
Ja outro recrutara....

Vergonha eterna! Açoutar-se  
A' frente do batalhão.

O soldado brasileiro...?  
Defensor d'esta nação

(Extr.)

— Desabou hontem para a rua a  
parede de um sobrado que se está edi-  
ficando nas Portas do Carmo.

— Offendeu alguém?

— Felizmente não. Apenas a casa do  
Sr. Bonifácio, que fica vizinha, soffreu  
alguma cousa.

— Devia haver uma fiscalisação se-  
vera nessas edificações, porque os  
proprietarios ás vezes, a par de mes-  
quinharías e para fazerem uma eco-  
nomia porca, compromettem as vidas  
de seus semelhantes.

### VARIÉDADE.

Uma *lorette* escrevendo a um seu prota-  
ctor para lhe emprestar 500 francos, julgou  
dever ajuntar o seguinte *post scriptum* em  
sua missiva:

«Eu estou totalmente envergonhada de  
vos mandar pedir dinheiro, tanto é que  
corri atrás da portadora para que me tor-  
nasse a dar a carta, porém já não pude mais  
alcança-la.— Vossa criada, *Amunda* »

### ANNUNCIOS

No sabbado 17 do corrente será pu-  
blicado um romancete intitulado — *Dra-  
ma em tres capitulos*, que se denomi-  
narão:

1.º — O banco.

2.º — Os directores.

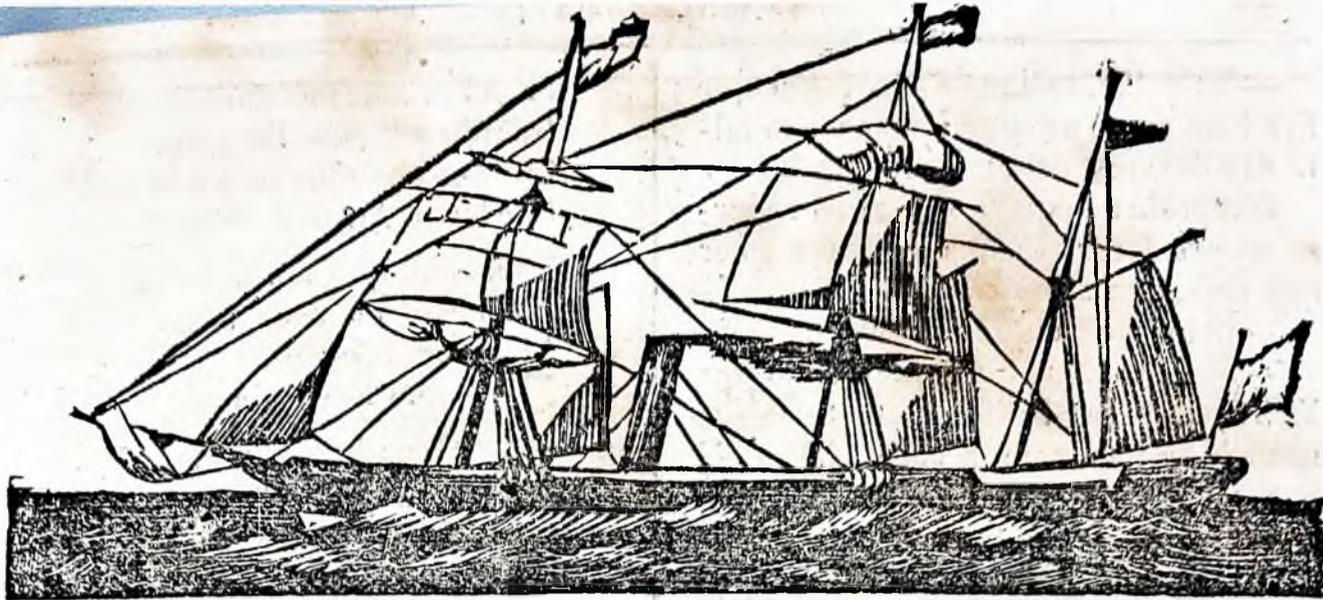
3.º — O rapto de um homem.

Preço de cada exemplar — 500 rs.

O abaixo assignado previne, que per-  
deu na noite de 8 do corrente no beco  
denominado do Funil, na freguezia da  
Penha, um relógio de ouro patente n.º  
6822 e que quem o tiver achado pode  
entregal-o ao annunciante, morador á rua  
da Madragoa ou no escriptorio do Sr.  
Manuel Francisco de Souza Charias, que  
será bem recompensado. — Itapagipe 9  
de agosto de 1867.

*Erico Possidonio da Silva Vieira.*

Pede-se ao Sr. J. Calafate, o favor de  
ir ao Caes Bourado n.º. 69, para tratar  
de negocio que não ignora.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

15 DE AGOSTO DE 1867.

SERIE 23.<sup>a</sup>—N. 244.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúua, á rua do Collegio n. 14 1.<sup>o</sup> andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160. rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de agosto de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que expeça terminantes ordens ás authoridades competentes para que não consintam que pela povoação e estrada do Rio Vermelho continuem a transitar individuos armados, como actualmente acontece, em que cada um ali se julga com direito salvo de trazer uma faca na cintura, ou um punhal no seio:

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua onde morou o *Saldanha*, n.º 32, 1.º andar, e intime a um engraçado *marmanjorum*, que ali mora, que não continue a mijar pelas grades da sacada para a rua, pois além da immoralidade e desrespeito ás familias, que ficam defronte, prejudica a quem tem a infelicidade de por alli passar nessa occasião, como aconteceu no sabbado 10 ficar um moço todo *aromatizado*; sob pena de ir ter com

elle o muxingueiro, munido da competente taca. Cumpra.

—Capitão, consta-nos que andam desde bontem na *Victoria* tres cães damnados, sendo um pertencente ao francez *Stefens*, que foi immediatamente morto e os outros dous ainda por lá passeiam.

—Dirija-se ao Sr. Dr. chefe de policia, e peça-lhe que mande o *Evaristo* munido das competentes bollas.

— Vou ter com elle.

—Charo Dr, sabe o que andam dizendo?

—O que é?

—Que V. S. está de proposito entorpecendo a marcha do processo.

—Eu? A consciencia do dever para mim é sagrada.

—Eu entendo que deve ser assim. Mais infelizmente dizem que tal não acontece; que V. S. depois de conferenciar com o *maior* vae combinar com os patronos dos eujos.

—Apezar de amigo dos indigitados na cassuada, entendo que o cumprimento da lei está á cima de tudo.

—Ou então, resigne o logar; por que fica bem com sua consciencia o não lalta aos deveres de amizade.

Compreenda que o seu papel reduz-se a *promover* justiça a quem quer que seja, que a tenha.

—Conselhos é que dispenso.

—Si lh'os dou, é porque desejo ver V. S. sahir-se brillantemente neste negocio e não com a cara cheirando a *breu*.

—Estou sciente.

—Capitão, trago-lhe este specimen de orthographia.

—De quem é obra?

—De um fiscal da camara.

—Ora adeus! eu pensei que era de vulto maior. Não admira que um fiscal não saiba escrever, quando muita gente de cathogoria mais elevada não o sabe.

—Porém, capitão, em tão poucas palavras tanta asneira?

Note que as palavras griphadas são impressas e que elle so escreveu as outras.

«N. 198. — *Freguezia da Rua do Passo — Recebi do Sr. Antonio Goncarves Reiz a quantia de 16\$ réis proveniente da infracção da postura n.º 19, sendo 2 meritas por falta da iri-caens — O fiscal — L. J. S.*

### LA VAE VERSO.

Minhas gentes venham ver  
Uma grande novidade,  
Se amarrando gente livre  
Aqui dentro da cidade.

Do tempo da inquisição  
Tormentos, que se exercia,  
Soffren o pobre Soares  
Na fazenda do Garcia.

Seguindo pelo Cabeça  
Vae de casa em caminho,  
Quando é de chofre agarrado  
E levado ao moinho.

Campano de honrados,  
Virtude ostentando,  
Que gente rabuda  
Entre nós andando!

Sr. A. . . . ., mo conte,  
Guardo segredo, lhe juro,  
Que *bimbalhadus* foi umas  
Que levou Atraz do Muro?

Cachorro, que muito anda,  
Acha osso ou acha pau,  
Vm. por *bolizoso*

Lhe deram este quinau.

Desta visagens fazendo,  
A noite não ande mais,  
Para que outra sapeca  
Não leve pelos quintaes.

Em S. Miguel um melcorio  
Fingeir em romaria,  
Em trages de *peregrino*,  
Adorar Santa Maria.

Com essas trélas pretende  
O refinado lapuz  
Ver, si com promessas vans,  
A uma moça ceduz.

Dó engenho de Cobaça  
Javeio elle corrido,  
Por ter naquelle lugar  
Um facto equal commettido.

Para que de taes ciladas  
Não ande a se soccorrer,  
Va dalli o muxingueiro  
Ao *peregrino* correr.

### A PEDIDO.

—Muxingueiro, sobe a ladeira da  
*Doença*, entra n'uma taverna á direi-  
ta e agarra pelo caxaço o seboso ca-  
xeiro dessa posilga.

—Aqui está o machacaz, capitão.

Aconselho a V. Ex. que mande vir um  
pouco de Labarraque; o diabo exhala  
um chulé, que tonteia.

—Hei de mandar d-sinfectar-lhe o  
corpo com o teu calabrote.

O' besuntão como é teu nome?

—Juquim.

—*Joquim*, e como aquella baderna  
de moleques, que se ajunta em tua tas-  
ca, te chama *Machado*?

—Não sei explicari.

—Para que teunes na tua venda  
tantos moleques e capadocios a boli-  
rem com quem passa?

—A benda não é minha.

— De quem é então, besta?

— E' do sôr meu mano *Manueli Zelis Muchado*.

— Seja la do diabo.

O que quero, é saber, si ignoras que na vizinhança ha familias, que não estão para ouvir tantas immoralidades proferidas pela tua pandega.

— Para benderi, é preciso não desagradari aos friguezis.

— Fum! que fedor de bolor exhala este animal! Porque não te lavas, bruto?

— Eu custumo passari um panno molhado assim pelo corpo, á noite depois que fecho a benda.

— Ah! porcalhão!

Dize-me, para que te importas que os mais em sua casa tenham isto ou aquillo, que as outras vendas não comprem os generos por atacado, que vendam pouco, e em cima disto desacreditas dizendo que os generos são maus?

— E' para chamari friguezia para mim.

— Bom; espera um pouco.

Muxingueiro, dá um banho de casco de côco e areia no immundo corpo desta besta e depois passa-lhe o calalrote até cançares.

— Ah! sôr capitão misericordia!

— Cumpre as ordens, muxingueiro.

— Capitão, este cara de areia mijada embebeda-se para descompor o imperador do Brasil e os brasileiros em geral, pedindo a Deus que o Lopes leve os brasileiros a chicote.

A vizinhança vive atordoada com as berreiras deste bruto.

Ha dias, na porta da botica do Bacellar, dizia do Brasil o que Mafoma não disse do toucinho e como um brioso rapaz lhe exprochasse tão vil procedimento, atracou-se com elle e puchou por um punhal que cravaria, si quem estava na botica não lhe obstasse tão nefando designio.

Trago-o para que V. Ex. lhe mande ajustar contas com o muxingueiro.

— Onde moras, creatura vil?

— Rua das *Estampas*.

— Teu nome?

— *Antonio*.

— D'onde és natural?

— Da *Figueira*.

— Para que bebes tanto?

— E' quando me aperta a *Lua*.

— E porque não vaes dormir até cozinhares a botracheira, para não te intremetteres no que não é de tua conta?

O que te importa que o Brasil seja bem ou mal governado?

Não vives aqui melhor que em tua terra, onde não passarias de aguadeiro ou adubador e cultivador de cebolas, si é que não desses para saltador das matas de Traz-os-Montes?

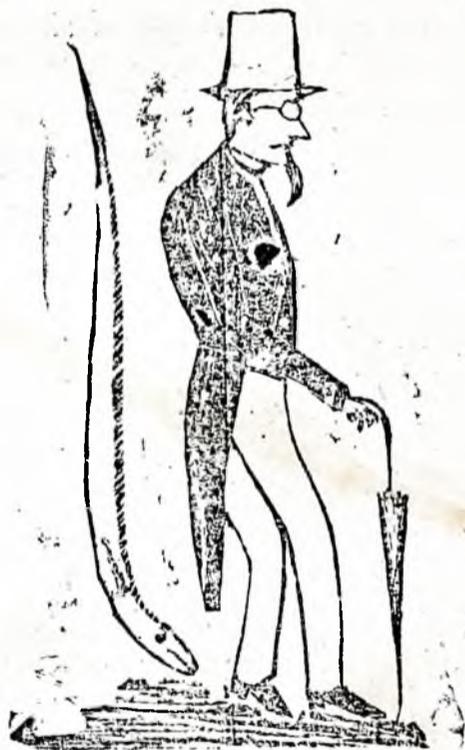
Falla sendeiro...

— Sr. capitão, tenha paciencia, eu emendo-me d'aqui por diapte.

— Capitão, o inspector de quartirão ja deu parte ao subdelegado da vida desregrada deste mono, o major Ernesto ja queixou-se e elle continúa. E' preciso um castigo.

— Leve-o ao muxingueiro, que lhe applique na lingoa um sinapismo de pimenta bem madura e, si continuar, mande metter-lhe a viperina lingoa em azeite fervendo.

— Obrigado, capitão.



— Misericordia! Misericordia!

— Faça alto: quem vem lá?

— Ui... Ui... Ui...

— O que aconteceu?

— Não... posso... explicar-me...

Vi... Vi... Vi...

— Viu o que, homem de Deos? Tome folego o falle.

— Encontrei me com um phantasma comprido como carango, de chapéu branco, casaca cumprida e de pontas de thezoura de cartorio, com a devida venia a S.S.e o semblante de carrasco, nariz ao longo e cangalhas amarellas apoiadas sobre o dorso, pernas finas e patas compridas.

— Em que logar viu isto? conte-me.

— Seguindo caminho da *moenda da Conceição*.

— Ha de ser o carrasco, que vae fazer alguma execução.

— Não; não, senhor, disseram-me que o cujo foi soldado de policia, e depois de julgado por *falsa testemunha* foi chamado Serpentão.

— Ah! já sei; é chefe dos reclusos da moenda.

— Sim; o mesmo.

— Então foi isso que o assustou?

— Não; mas foi por que me disseram que elle avança depois de meio dia.

— Então elle é onça?

— Já disse que é homem, e como pergunta-me si é onça?

— Compreendo perfeitamente; é sem duvida o *Villas mas*.

— Como então avança elle depois do meio dia?

— Parece-me que é publico o motivo: o cujo é amante dos liquidos alcoolicos brancos.

— Como? Elle gosta da pinga?

— Isso, só ignora a boa policia d'esta terra, que encaixou semelhante devasso depois de ser julgado n'um tribunal supremo por falsario e apaixonado.

A proposito, vou contar uma que o cujo quiz enfiar no inspector do trem de paz

Suppoz que por ter cangalhas devia encherger por quatro e os mais por dous; e então propoz-se a fazer botinas para os meninos do Trem de p z. . .

— Então elle é sapateiro?

— Ouça, e calle-se: quiz fazer das suas gentilezas, tomou a seu cargo mandar fazer na officina de que é elle chefe,

uma porção de botinas a preço de rs. 4\$238, e quando apresentou a obra, o chefe, do trem, que não poupa os tratantes, a devolveu, por se achar fora do contracto; isto é, por ter encommendado botinas de bezerro francez e o cujo querer impingir couro de vacca, por bezerro francez.

— E elle o que fez a vista d'isto?

— Disse que ia representar contra o chefe cujo character é a melhor recommendação de seus actos.

O bruto é muito insolente, parece que quer que lhe leiam a chronica horrenda de Serpige: suppoz fazer com elle o que fez com o Lopes, a quem infamou mandando comprar carne pelo João das mulatas para deitar-lhe no quarto, para afinal imputar-lhe a prevaricação de que elle foi unico agente.

Certamente do mesmo modo por que procede ucom o *cabrito sapateiro*, que andou promovendo assignaturas a *forciori* dos empregados da casa de reclusão, sem que um só quizesse prestar-se as suas infamias, dando em resultado tudo a briga que elle teve com o Carrinho que lhe empresto u a cama.

O cabrito sapateiro tem mais vergonha nos calcanhares do que o infame *Villas mas* na cara, e não prega caloes nas vendas.

---

## ANNUNCIOS

---

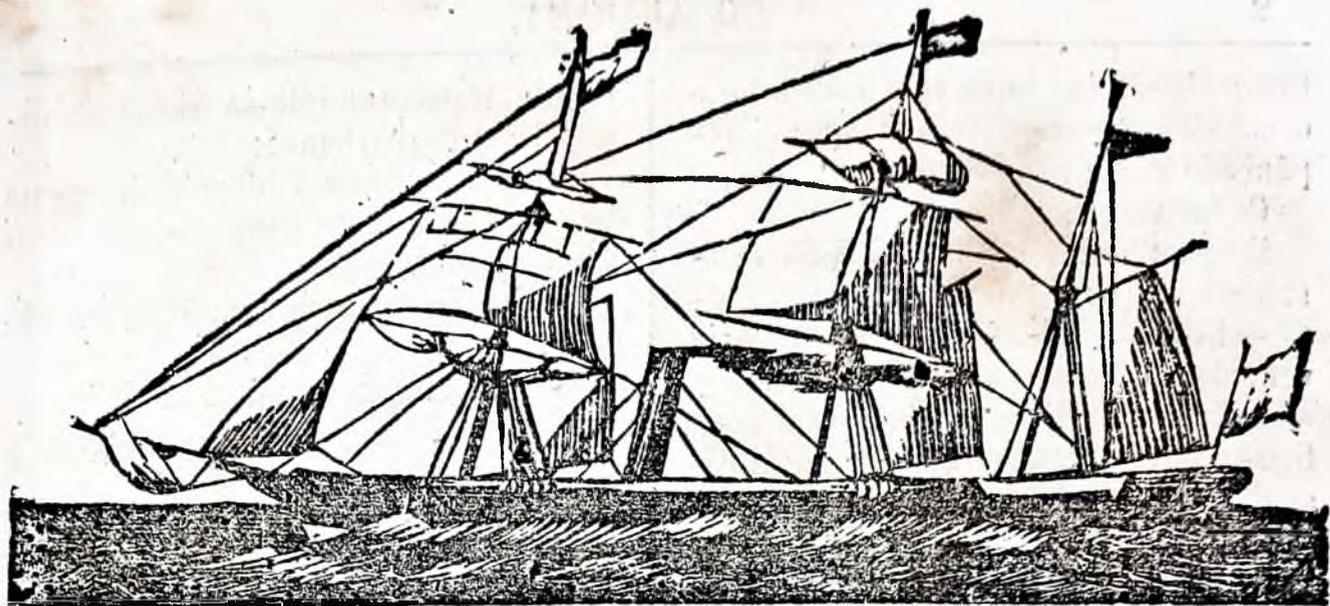
No sabbado 17 do corrente será publicado um rom necete intitulado — *Drama em tres capitulos*, que se denominarão:

- 1.º — O banco.
- 2.º — Os directores.
- 3.º — O rapto de um homem.

---

O abaixo assignado previve, que perdeu na noite de 8 do corrente no beco denominado do Funil, na freguezia da Penha, ura relógio de ouro patente n.º 6822 e que quem o tiver achado pode entregal-o ao annunciante, morador á rua da Madragoa ou no escriptorio do Sr. Manuel-Francisco de Souza Charias, que será bem recompensado. — Itapagipo 9 do agosto de 1867.

*Erico Possidonio da Silva Vieira.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

17 DE AGOSTO DE 1867.

SERIE 23.<sup>a</sup>—N. 245.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 4.<sup>o</sup> andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de agosto de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que um africano, morador á ladeira do Alvo, n.<sup>o</sup> 29, na noite de 15, maltractou cruelmente com um cacete a um creoulinho de 10 annos seu escravo, espancando-o desde o largo da Saude até sua casa e ahí por mais de um quarto de hora.

Espera-se que S. S. por humanidade mande ir a sua presença esse infeliz, cujo estado não pode deixar de ser melindroso, e depois do competente corpo de delicto, faça proceder na forma da lei contra tão desalmado senhor.

— A' respeitavel Mesa da Ordem 3.<sup>a</sup> do S. Domingos, perguntando-lhe si tem necessidade de *tijollos* e se encarregou ao Sr. *Adão no plural* de fabrical-os no pateo do hospital dessa ordem, visto que esse cara de bolo mal ameaçado leva todos os dias horas esquecidas ahí, a fazer foscas e momices para as casas cujos fundos deitam para

o dito pateo, devendo no caso contrario, expedir terminantes ordens ao administrador do referido hospital que tanja semelhante jamanta e o aconselhe a ir tratar de sua complicada vida e saldar os innumerados calotes que prega, a fim de ter a cataça mais limpa e não procurar illudir pessoas inexperientes que vivem em socego.

### EDITAL.

A camara desta leal e valorosa cidade convida a aquelles de seus municipes que tiverem perna torta e a queiram endireitar, a irem mettela n'um profundissimo buraco com dous palmos de circumferencia que se acha aberto em frente da egreja do *Archango*.

Paço da municipalidade de Latronopolis 15 do mez do deleixo do anno da negligencia.—O presidente, *barão do Pouco cuidado*.—O secretario, *Des-cuido*.

—Ja não resta duvida de que nesta terra desapareceu a ultima scentella de segurança individual.

Ninguem se pode julgar tranquillo em sua propriedade.

De uma hora para outra o lar domes.

tico pode ser impunemente invadido o o cidadão algemado, amordaçado, espancado e até assassinado.

Os factos repetem-se.

E as authoridades impassiveis cruzam os braços.

—Está V. fallando sobre materia vencida; tudo isto ja é muito sabido.

—Mas cada dia um facto vem confirmar que cada um tracto de garantir-se da melhor forma, si quizer estar seguro.

—Qual é o mais recente?

—Na noite de 14 na casa n.º 17 á rua da Misericordia divertiam-se algumas pessoas, licita e honestamente, guardando todas as regras da decencia e com todo acatamento ao decoro publico.

Um grupo de muito mais de 300 pessoas, entre homens e mulheres, em frente a essa casa, praticou os mais reprovados excessos: não contentes com apredrejarem a casa, invadiram-na.

Essa scena turbulenta durou das 9 horas á meia noite, pondo em sobresalto toda circumvisinhança.

—E o motivo dessa algazarra qual era?

—Porque a reunião era composta de pessoas de cor preta, por que algumas das mulheres que faziam parte della, costumam andar de saia e nessa noite trajavam vestido.

—Isso denota a mais crassa ignorancia. Pois cada um não pode andar como quizer, com tanto que não offenda a moral?

—Eu não quero entrar nessas considerações, desejava somente que me dissessem si é licito um ajuntamento daquelles, a fazer tão descommunal assuada, perturbando o socego publico fora de horas, proferindo palavras obscenas, rasgando, e apupando pessoas indefezas.

—E onde estavam o chefe e delegado de policia, que não viram tal alarido?

—Divertiam-se no theatro, sem duvida.

O subdelegado compareceu, porém baldado de força, para conter os turbulentos e fazer respeitar a lei, foi elle

proprio testemunha dessa scena de inexcusable barbarismo.

A final, o homem depois de muito trabalho, com seus bons modos, conseguiu alguma cousa.

—E viva a patria e morram os patifes.

—Srs. M., A., é preciso prestarem mais attenção na correção das provas.

—Não precisa recommendações de V. Ex.

—E' preciso, porque os Srs. deixam passar muitas cousas. Vejam a 1.ª pagina do n.º 244, na 2.ª columna, que em lugar de —*damnarum-se desde de hontem na Victoria etc.*, sahio —*undam damnados etc.*

—Foi culpa do typographo que emendou.

—Sempre a culpa recabe sobre o typographo.

—V. Ex. pode mandar a errata,

—Pois ahi a tem.

—Pobre escrava! Por uma ninharia, tão maltratada!

Ha gente muito deshumana!

—Esquecem-se de que o escravo é nosso semelhante e nosso irmão em Jesus Christo; que compra com o suor de seu corpo, com o sangue de suas veias o nosso bem estar, e os nossos caprichos.

—Quem ha de dizer que por um cruzado, foi esta miseravel escorreiada tão deshumanamente?

—Por um cruzado?! E' mesquinhez de mais.

—O senhor deu-lhe um cruzado, assim de comprar mel para o cavallo; e a desgraçada teve a infelicidade de tropeçar e quebrar a vasilha em que trazia tal mel.

Depois de castigada dasabridamente, anda de porta em porta a pedir aos vizinhos um cruzado porque o fero senhor assim o exige.

—Duas penas a um tempo! Castigo corporal, e pagar o dinheiro! E' barbaridade!

—Não reflexionando esse homem, que si aquella desventurada por um accesso

de desespero, cançada de sorver trago a trago o amargo da taça do captiveiro, commetter um suicidio, elle perderá mais do que a ridicula quantia de quatro tostões!

—Mais ninguém dirá que elle foi o author da morte da desgraçada!

Conhece o algoz daquella pobre?

—E' o maior do corpo — um — tres vezes.

—Ah!... Elle pode fazer, está em sua epocha.

—Capitão, tive denuncia de que alli occulta-so um contrabando.

—Que biboca é aquella?

—E' uma *fabrica de massas*.

—E esta rua?

—Aqui morou o *D. José* alli é a *volta para o declive dos tijollos*.

—O que espera?

—Suas ordens.

—Proceda ja e ja a rigorosa busca.

.....

—Não perdi meu trabalho, capitão, encontrei um inexperiente menina de 14 annos, que foi raptada á 8 dias da casa do *titular de Japirá* e que está alli servindo de pasto á gana lasciva dos sevandijas que habitam aquella espelunca.

A infeliz foi primero levada a venda fronteira do Antonio, onde passou duas noites e depois, mandaram-na para alli onde está feito guardanapo sem dono que todos limpam á mão.

—Vá dizer isto mesmo ao chefe de policia á ver si elle como pae de familia condoe-se da tal infeliz; e depois mande o muxingueiro metter orelho na casilla que vive alli aboletada.

### A PEDRADA.

—Como anda tudo á matroca nesta terra!

Ha dias entrava uma embarcação e a fartaleza do Mar cascou tres tiros, dizendo-so que era navio fugido.

—Estavam dormindo ou atordoados?

—Digo isso apenas para V. Ex. ver o cuidado que ha por ali.

—E a nação fez mais essa despesa

inutil de polvora.

—Isso não; o commandante das armas não é desses que deixam ir tudo por agoa abaixo; logo que soube da espichadella que tinham dado, ordenou que o commandante do forte pagasse a despesa feita.

—Bem, bem! E o cujo que se dê por muito contente por ser só isso.

### SONETO.

Eis de um ente infeliz a condicção!...

D'um ente, neste mundo, malfadado  
Que p'ra cumprir seu duro e triste fado,  
Caixeiro veio a ser d'um velhacão.

Não acaba ainda aqui esta oração...

Do seu paiz natal foi transportado:

Cumprindo este dever, resignado

Foi-lhe dado por amo um vendelhão!...

Embora... mais si tanto me hei queixado

Não será pela muita sujeição,

Mas sim por sem razão ser maltratado.

Agora só me queixo d'arguição;

Que o velhaco para si tem assentado

Não pagar-me, e chamar-me de ladrão.

### O Cascudo

—Capitão, V. Exa. bem disse.

—O que foi que eu disse. meu rapaz?

—Que naquelle negocis da Meza de rendas, não fosse pagar o justo pelo peccador.

—E succedeu assim?

—Parece-me; por que pagou multa um que foi victima de sua boa-fé; entretanto que o author da rabioseca nada soffreu e ficou fresco, prompto para nova gamada.

—Não creia, que elle para outra seja tão franco como desta: Assim como estou certo de que o Sr. administrador lhe quizesse passar a mão pela cabeça.

—E' desaroiso não tem duvida.

—O que resmungo V.?

—Acho triste que officiaes encarregados de guardar um prezo sobre quem pesa a imputação de um grave crime. vão todos os dias cerrar-lhe os pirões o saborear-lhe os bolinhos.

—Quem são esses glutões.

—Por que pergunta?

— Desejo saber.

— Pois meu charo.

Quem tudo quer saber

Nada se lhe diz

Ou fique *vinte, um*

Ou inlague como eu fiz

---

### VARIEDADE.

---

#### NO ESTYLO DA EPOCHA.

Morri para o mundo!

Fui atraído pela mulher que mais amei! . . .

Meu peito parece suffocar-me: meus labios esfriam-se: pareço um cadaver de pé! . . .

Oh! mulher ingrata, por que fatalidade te havia encontrado em meu caminho? . . .

Porque em vez de te sorrir ás minhas tristes olhadelas, não me deste logo uma taponna?

Calcaste aos pés a minha ultima esperanza, cruel! escarneceste da paixão ardente que devorava este meu peito que era uma fogueira onde podias assar batatas!

Fiquei quasi louco!

A cabeça andava me á roda! . . .

Vi tudo em duplicata e ainda não havia jantado!

Não! . . . não foi do vinho.

Foi o amor que deu-me um couce no coração fazendo-me perder a tramontana.

Mil vezes tem-me passado pela mente abrazada o desejo de asphyxarme em uma pipa de vinho.

E no entanto foi ella insensivel a quem por seu respeito beberia um copo de cerveja, a quem por seu sorriso fumaria um bom havana!

Mulher, a quem amei mais do que á ponta do meu cigarro; por quem derramei lagrimas sufficientes para um novo diluvio; por quem daria tudo que tenho de mais caro . . . as minhas chinnellas de tapete e o meu chinó castanho! . . . treme da minha vingança que será terrivel!

No mundo só tenho encontrado trabalhos, pezares e pobreza; vou por isso enclausurar-me: no claustro me não

faltarão cartas de jogar, vinho e charutos!

Gozarei mil prazeres differentes: torei amantes, carro, escravos, fazendas e dinheiro.

Viverei em continuas orgias: serei um devasso, serei finalmente um verdadeiro frade dos tempos modernos.

*O apreciador de disparates.*

O grande Condé enjoado de ouvir um presumido fallar incessantemente do senhor seu pae e da senhora sua mãe, chamou um de seus creados e disse-lhe:

— Senhor meu laçoi, dizei ao senhor meu cocheiro, que ponha os senhores meus cavallos, no senhor meu cabriolet, que está na senhora minha cavalhariça.

Um pintor retratando uma moça muito bonita e vendo que ella se esforçava para tornar a bocca cada vez mais pequena, a qual a obrigava a violentas contracções, disse-lhe: — «Si tendes muito interesse em fazer desaparecer vossa bocca, posso retratar-vos até sem ella.

Um homem vendo passar seu medico, voltou-se para o lado. Perguntando-se-lhe a razão, respondeu:

— Estou envergonhado de apparecer diante d'elle, pois ha muito tempo que não adoço.

---

### ANNUNCIOS

---

Não tendo sido possível concluir-se a impressão de — *Um romance em tres capitulos*. — será exposto á venda por todo meado da semana vindoura.

#### VINHO DA LIBERDADE

NA PRIMAVERA

54 — *Atraz da Sé* — 54

Freguezes venham

Aqui chupar,

Desta excellente

Pinga sem par.

Quem deste vinho

Que a tudo excedo

Um copo chupa

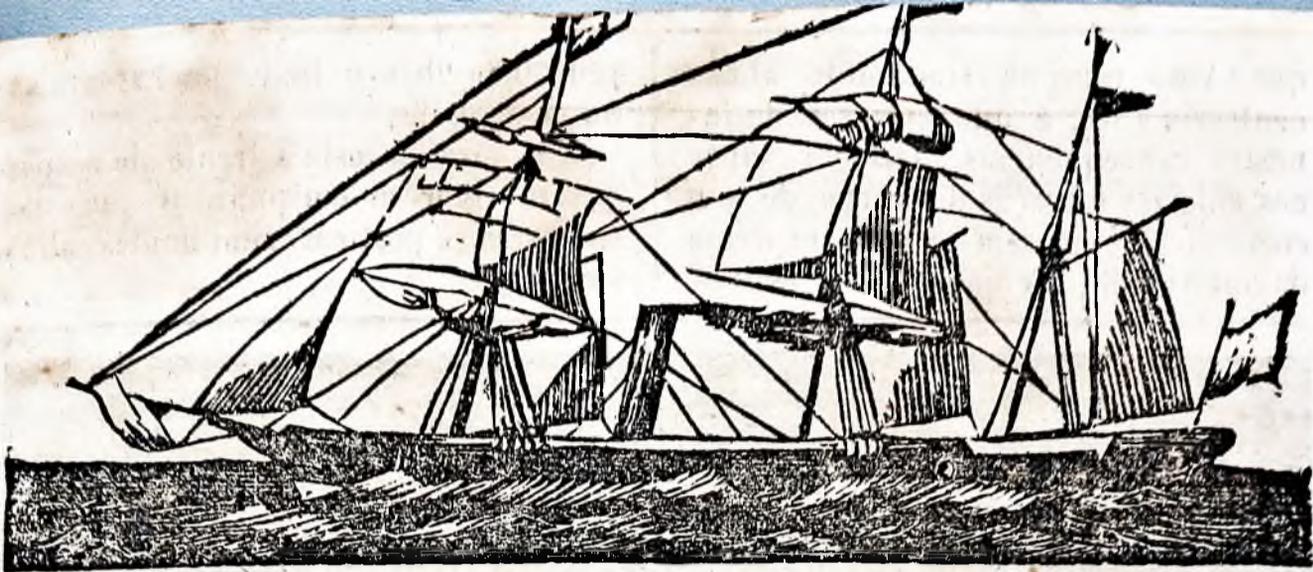
Logo outro pede.

Venham letrados,

Venham artistas,

Homens do Forum,

Tambem logistas.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

20 DE AGOSTO DE 1867.

SERIE 23.<sup>a</sup>—N. 246.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.<sup>o</sup> andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de agosto de 1867.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe providencias contra o procedimento de um cabo de esquadra, que coasta chamar-se Eduardo, vindo do Sul.

Esse individuo, vive quasi sempre fora de seu juizo perfeito e neste estado torna-se um insolente insuportavel, agredindo a todos e tendo até o arrojo de invadir casas de familias, como ha poucos dias praticou.

Em nome da moralidade e disciplina militar, pelas quaes tanto se desvela S. Ex., espera-se que se digne fazer com que o referido cabo seja admoestado e chamado ao trilho de seus deveres.

—Ao Illm. Sr subdelegado da Penha, ainda uma vez, chamando sua attenção para o deploravel estado de uma pobre mentecapta que anda pela Calçada, dormindo ao relento pelas soleiras das casas ou pela estrada da Varagem.

Semelhante quadro de miseria, em um paiz como este, depõe assaz contra o espirito de beneficencia, que caracteriza o povo bahiano e por isso espera-se que S. S. dê as providencias a seu alcance asfim de minorar os rigores da sorte daquella infeliz

—S. Ex. o Sr. presidente da provincia acaba de dar um passo de calculada prudencia.

—Qual é elle?

—Acaba de prohibir que os soldados de policia usem de suas armas sem que para isso recebam ordem.

—Semelhante acto é digno de justo louvor; porque ainda na quinta feira á noite, na Saude, presenciei e todo o povo, que assistia ao fogo, um soldado espancar um homem.

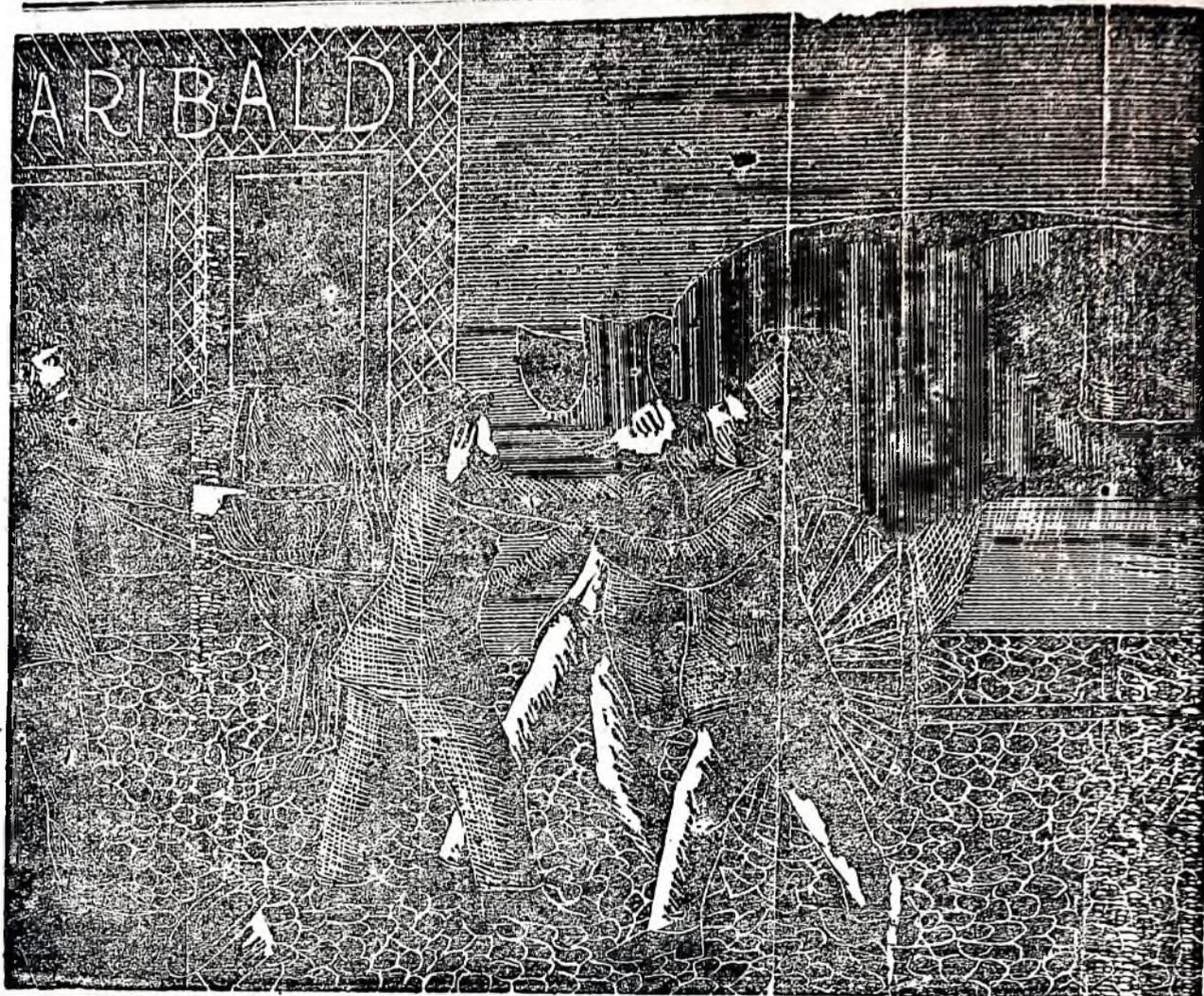
—Veja o officio:

«Sendo abusivo o procedimento dos soldados de policia, de pucharem armas e algumas vezes fazerem uso dellas, sem ordem da competente autoridade policial, como succedeu no theatro de S. João na noite de 14 do corrente, quando entraram na platéa para accomodar o tumulto que houve entre alguns espectadores, cumpro

que Vm. reprima similhante abuso contrario á lei, e que pode ser de funestas consequencias, fazendo saber aos officiaes e praças do corpo de seu commando que sem ordem expressa da autoridade, á cujas ordens estive-

rem, não lhes é licito puchar armas ou usar dellas.

Vm. fará ler esto á frente do corpo, e será rigoroso em punir os que continuarem a praticar similhantes abusos.»



O plano execrando  
No antro forjado,  
Por homens arpyas;  
Está consummado!

Levaram ao cabo  
A audaz empresa;  
Nas garras das feras  
Cahiú já a presa.

Creatura abjecta, alma de lodo  
Instrumento vil, prepara o laço. . .  
Ligeiro na maldade como um *coelho*  
Vende a victima dande-lhe um abraço.

E tendo consumado a torpe acção,  
Que de negro lhe faz o peito tinto,  
Fingindo arrepende-se da traição  
Para os algozes brada: — *Não consinto.*

— Que terra, meu Deus!

Vive-se aqui á mercê dos turbulentos, ladrões o assassinos.

Na quinta feira houve festa na Saúde; além dos muitos relogios, cadeias e carteiras roubadas ali; um audacioso larapio, fingindo-se ebrio, arrebatou das mãos de um homem a carteira com 125\$ réis, na occasião em que elle pagava uma despeza que fizera em certo botequim!

E no outro dia os authores, já muito conhecidos, de semelhantes *cavalharias*, passeavam frescos por esta cidade procurando nova occasião de exercerem sua industria.

No entanto, quando alguém se queixa, a policia responde ingenuamente que não tem força para reprimir o attreimento dos galunos!

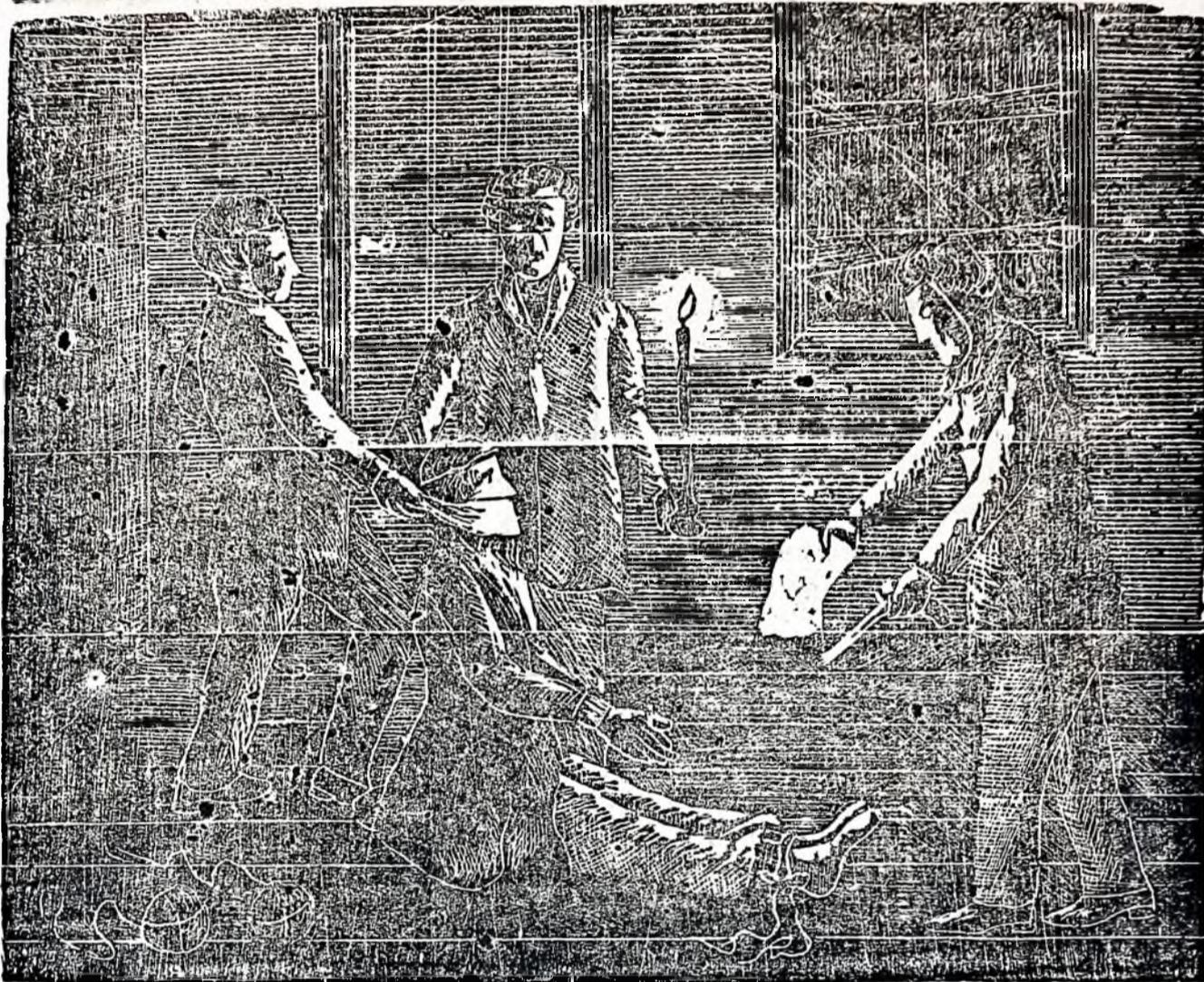
— E de facto não tem, o corpo do policia está muito resumido.

—E eu creio que ha policia de sobra; tanto, que a vejo dando guar- nição na cidade, havendo tres bata- lhões de guarda nacional aquartella- dos.

—Mas não sabe que todos tres es- premidos não deitam o succo de um?

—No emtanto, vão tres tenentes coroneis mandando um gordo soldo para comandar cada um uma cen- tena de soldados!

Notavel profeciencia! Admiravel lino economico!



### **Assigna ou morre.**

Sedentos de sangue.  
Quaes tigres ferozes,  
Exercem na victima  
Tormentos atrozes.

—Nesta terra cada um faz o que quer.

Veja aquelle sujeito como está alli no Gaes Novo da Alfandega, muito á seu bel-prazer, atravancando a rua e empatando o transito com um montão de cebolas podres, ha mais de oito dias!

—Si a camara não lhe dêsse licença, elle não se animaria a fazer da rua armazem ambulante.

—E o sujeito parece ser dos taes de amilação, que não tem domicilio. Ar-

ruma quatro pipas, deita um encerado e faz dahi sua morada, Ahi dorme, ahi come, ahi vive.

—Espere para vel-o, da'qui a dous dias. senhor de propriedades com fortuna nos estabelicimentos, etc.

—E' verdade, essa gente do pé leve arriba a cabeça n'um instante.

### **Faça a ha de um andulez.**

Um soldado andulez contava a seus amigos a seguinte façanha, de que ha-

via sido heroe:

— Junto a São Sebastião  
Estava de sentinella,  
Sem temor e nem cantella  
Na noite de São João,  
Quando vi vulto suspeito;  
Um touro quasi gigante  
Maior do que um elephante  
Que vinha p'ra mim direito.

O perigo vendo assim  
Escondi-me na guarita,  
E mesmo ali por vindicta  
Entra o touro atraz de mim.  
Sahi da guarita e zás,  
N'uma casa junto aquella  
Me metti pela janella;  
E o touro sempre atraz.

Desta casa sem desdouro,  
Bem que o caso peça fé,  
Sahi pela chaminé,  
E sempre detraz o touro.  
Encolhi-me então por fim  
E metti-me pelo cano  
Do meu fuzil. —

Um — — 0' magano! —

Sold. — E o touro atraz de mim.  
Mas nem por isso aturdido  
Quiz entregar-me, eu o juro;  
E me vendo em tal apuro  
Escapei-me pelo ouvido.

Um — Valha-me Christo! que enredo!

Outro — Pois como? voto a Caifaz  
Não sahiu o touro atraz?

Sold. — Porque tapei-o com o dedo!

## VARIEDADE.

### LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR

(Parodia.)

Qual um touro a berrar  
Dentro do curral do Fraga;  
Assim do defluxo a praga  
No peito meu vêm chiar;  
E' minha vida rufar  
Ingrata, neste tambor;  
Vê que contraste de horror!...  
Tu comendo marmelada,  
E eu cantando na escada  
Lembranças do nosso amor.

Si o sol desponta eu me assento:  
Si o sol se esconde eu me deito:  
Si a brisa passa eu me ageito  
Porque não gosto de vento.

E quando chega o momento,  
De te pedir um favor  
Alta noite com fervor  
Canto nas cordas de eubya  
De minha saudosa lyra  
Lembranças do nosso amor.

Mulher! a lei do meu fado,  
E' o desejo em que vivo  
De comer um peixe vivo  
Toda que seja cusopado  
Sinto meu corpo esfregado  
E coberto de holor;  
Meo Deus! como faz calor;  
Ail que me matam, querida,  
Saudades da Margarida,  
Lembranças da Leonor.

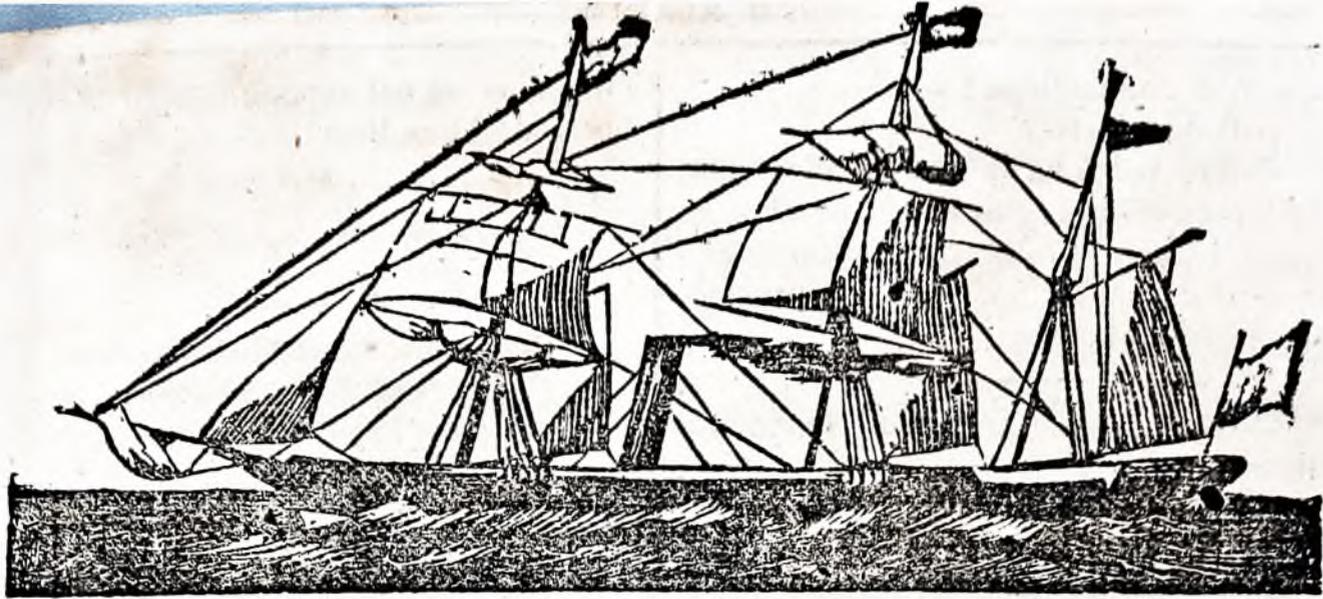
O anjo da morte pouza  
Do dique quase na beira,  
E lá passa a noite inteira  
Sobre o leito em que repousa;  
Com um pedaço de lousa,  
Elle abafa toda a dor;  
E por um grande favor  
Manda ao diabo a saudade  
E affoga por amizade  
Lembranças do nosso amor.

## ANNUNCIOS

José Coelho Sampaio e Martiniano L. de Britto e Santos, despachantes geraes da alfandega, participam aos seus freguezes e mais pessoas que queiram incumbil-os de qualquer despacho, tanto de importação como exportação ou navios que estabeleceram para esse fim um escriptorio na Praça do Mercado n.º 23 A, fronteiro a entrada do Hotel Fertin, onde podem ser procurados das 7 horas da manhã ás 4 da tarde.

O Sr. José Jacinto, o capitão d'um dos vapores da Companhia, Bahiana venha pagar o feitio de duas calças que deve á 18 mezes, á rua do Pilar n.º 108.

O armador, á rua do Pilar n.º 108, junto á 1ª Prensa contrata qualquer armação funebre ou de galla por menes que outro qualquer, e tambem recebe encomendas de palma e capellas para anjos, e para imagens; quem precisar do seus prestimos pode procural-o a qualquer hora do dia ou da noite em sua residencia n.º 108.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

24 DE AGOSTO DE 1867.

SERIE 25.<sup>a</sup>—N. 247.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 4.<sup>o</sup> andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de agosto de 1867.

Officio ao Illm Sr. Dr. chefe de policia, perguntando-lhe si é de S. S. a ordem dada aos guardas da porta de sua repartição para não deixarem entrar os academicos asim de assistirem, como todo o cidadão tem direito, ao andamento do processo — *Rebello e C*; — e a ser verdadeira esta ordem, que informe tambem a causa que a motivou, a qual offende tão grosseiramente o amor proprio de uma classe importantissima, como tambem os direitos de homem livre.

No caso, porem, que seja falso, que queira castigar os insolentes auctores, reparando assim um erro que não é difficil de produzir más consequencias.

— Ao mesmo, levando ao seu conhecimento que o taverneiro da rua de D. José n<sup>o</sup> 7 seduziu e raptou uma inexperienced orphan, de 14 annos, levou-a para sua polsiga e ahi reunido alguns comparsas, com os quaes vive em com-

pleta orgia, praticou scenas que o poder se recusa a mencionar.

Depois de por alguns dias servir ella de ludibrio aos sensuaes desejos dessa pandega de lubricos, foi levada até S. Bento e alli abandonada!

A infeliz, guiada por alguém, voltou para casa de seus seductores, mais elles negaram-lhe a entrada e ella permaneceu nas escadas dos mesmos por dous dias, até que por compaixão foi recolhida a padaria n<sup>o</sup> 21 na mesma rua, onde se acha.

O excesso de audacia e cynismo desse taverneiro é assaz inqualificavel o clama por uma justa reprimenda; por tanto, espera-se que S. S. tomando o facto em consideração, dê providencias que o obriguem a reparar o mal que causou a infeliz.

— Infeliz creancinha!

Qual o ser degenerado, que depois de por nove mezes te carregar no ventre, te mostrou a luz da vida, para impiedosa te lançar á voracidade dos cães?

Que culpa tivestes, innocente creatura, dos desvarios de uma paixão incensata, talvez, para expiares erros

que não commetteste?

—O que é isso?

—Não vê? Uma infeliz creança que deitaram em um quintal á Gambôa e que foi morta e dilacerada pelos cães.

—Que barbaridade!... Opprobrio da especie humana...

—Quebraram a perna do Pitanga no theatro.

Um desses moços engraçados, especie de *dom dom*, que por ahí andam, esbarrou o homem pelas escadas abaixo.

—Que desastrado! que genio maligno! Divertir-se com a desgraça do proximo!

—Chegou vapor do Sul.

—Que novidades?

—Nada, pela palavra.

—Então ainda esta vez ficamos com agoa no bico?

—E sabe Deus até quando.....

—E as providencias tomadas para o regosijo?

—Coraram.

—Por isso eu não conto com o ovo si não quando vejo a galinha espremel-o.

—Eu não tive jornaes. Apenas recbi o *Diario Fluminense* que publica um telegramma de S. Paulo, noticiando a retomada de Curumbá no Matto-Grosso e que foram libertados quinhentos brasileiros que estavam prisioneiros dos paraguayos.

—Semelhante noticia não pode deixar de ser-nos agradavel.

—Operou esta excellente acção o bravo tenente coronel de commissão Antonio Maria Coelho Cuyabano por deliberação do distincto brasileiro administrador da provincia o Sr. Couto de Magalhães ja tão vantajosamente conhecido no paiz e com titulos immensos á estima publica,

—Bom.

—E' preciso notar agora uma observação que faz o *Diario*.

—Qual é?

—Esta:

«Mas... attenda-se que a noticia

foi conhecida por communicação do Sr. barão de Villa-Maria.»

## LA VAE VERSO.

### MOTTE.

*Das costellas de Sansão  
Fez Ferrabraz um ponteiro,  
So para coser um cueiro  
Do filho de Salomão.*

### GLOZA.

Gema embora a humanidade,  
Caíam couriscos e raios,  
Chovam choriscos e eaios  
Nas azas da tempestade,  
Triumphava sempre a verdade  
Com quatro toxas na mão;  
E o mesmo Napoleão,  
Sustentando um raio aceso,  
Supportar não poude o peso  
*Das costellas de Sansão.*

Nos tempos da Moira-torta  
Viu-se um sapo de espadin,  
Que perguntava em latim  
A casa da mosca morta.  
Andava de porta em porta,  
Dizendo mui galhofeiro  
Que p'ra matar um carneiro  
Em vez de pegar n'um mastro,  
Do nariz de Zoroastro  
*Fez Ferrabraz um ponteiro.*

Diz a folha de Marselha  
Que ao levantar-se da cama,  
A Imperatriz de Moirama  
Tinha quebrado uma orelha  
Ficando manca a parrelha;  
E' isto mui corriqueiro  
N'uma terra em que o guerreiro,  
Sem ter medo de patrulhas,  
Gasta trinta mil agulhas  
*Só para coser um cueiro.*

Quando Horacio foi a Chine  
Vender sardinhas de Nantes,  
Viu tresentos estudantes  
Metidos em uma tina.  
Mas sua peor molina  
E sua maior afflicção  
Foi ver de rojo no chão  
Noé virando cambotas  
E Moyzès calcando as botas  
*Do filho de Salomão*

## A PEDIDO.

— Capitão, V. Ex. vao ao beneficio do José Maria?

— Quando é?

— Hoje.

— E o que leva á scena?

— Um excellente drama em seis quadros, intitulado *Dalila*.

— Só?

— Não. Termina o espectáculo com o interessante vaudeville ornado de musica intitulado — *Paulo e Virgini*.

— Que mais?

— A companhia *Buffa Parisiense* presta-se tambem para o maior brilhantismo desta noite.

— Então recommendo esse beneficio, pois o José Maria merece á protecção do respeitavel publico bahiano, nunca negada a quem a elle recorre.

— Vou mandar imprimir.

## Samba

*De capadocis na noite do fogo na Saúde.*

Arre, la minhas candongas  
Eu não sei de nada não,  
Nesta Bahia tem gente  
De muito mau coração.

Vamos suciar  
Mulata bahiana,  
Mais não traga ca  
*São Paio Vianna*

Zucupaco, zucupaco, minha tia,  
La vae Soares p'ra fazenda do Garcia.

A laranja quando nasce  
Logo nasce redondinha,  
Não eu que hei de me enganar  
Com certa gente damniinha

Sô Xixi Ribeiro  
Não me prenda não,  
Q' eu não fui nem sou  
Seus captivos não

Zucupaco, zucupaco, meu sobrinho  
La vae Soares amarrado p'ra o moinho.

O limão tira o fastio  
A laranja o bem querer,  
Não sei que tem certa gente  
Que a força honesta quer ser . . .

Bambá de caroço,  
Abobora de umbigo,  
Senhor Guimarães  
Não samba comigo.

Zucupaco, zucupaco, minha prima  
Veja este *coelho* como é bom na esgrima

— Incomparavel é a policia de Santo Antonio!

Tendo mais em que cuidar, vae pro-  
vocar a hilaridade dos meninos, toman-  
do-lhes as *arraias* no largo da matriz!

— E' que embirra com o brinquedo dos meninos.

— Ora! Quanta gente boa *brincou* no tempo de menino!

— La por isso não; mesmo em tempo de rapaz ha muito quem *brincasse*.

— Todas as noites, depois das 7 horas, observa-se um vulto no largo do *Santo Portuguez* a praticar, sem nenhum respeito as familias, devassidões com uma rapariga que sahe ás compras de seus senhores.

Esse lorpa immoral dá apertuchos e beijocas na rapariga e a chama seu *ben e dicta sua*.

O l bestalhão inculca-se protegido do Antonio e amigo do José e crê que por ser *empregado* tem *faculdade* para afrontar o decoro publico impunemente, como si estivesse em algum *Valle*.

Convém que a policia tome conhecimento e faça retirar aquelles *pombinhos*, afim de que a moral não continúe a ser desacatada e a praça publica convertida em lupanar.

O taful é tambem *ogan* de terreiro e chefe do *quilombo* n.º 13; quem seja a *mamãe*, é o que não se sabe, porque são muitas.

O cujo de mais a mais é *bocorio*, mentiroso e gabola e anda dizendo que certo inquliino não paga a casa onde mora, o que é refnada *faleivosia*, por que, deixou de pagar quando morreu o proprietario, e não saber quem era o verdadeiro cobrador e temer as ciladas da marca M.

Cuidado porém com o tal detractor  
(*Continúa.*)

—Sr. *porteiro*, seja um pouco mais tratavel e so mostro mais moderado para com as pessoas que vão procurar a solução do seus negocios.

Lembre-se que não está na sua *secretaria* e que o *governo* lhe paga para servir e não para praticar grosserias com quem vae tratar de seus interesses.

Entende?...  
—

—Capitão, deixe lhe contar uma esperteza.

—Ora Vamos lá!

—O *Piroca*...

—Que diabo é o *Piroca*?

—Ouça para saber. O *Piroca* comprou 100 pratos para o rancho de sua *gente* e descontou 320 réis de cada praça; acabado o tempo de serviço, a *gente* dispersou-se e elle bateu *nove* nos pratos e levou-os para sua casa.

—Mas eu estou em jejum sobre quem é o *cujo*.

—Um sujeito que do *tenente* foi a *coronel* e que n'uma *pira* ja ia sendo queimado?

—Realmente não comprehendo! Estou *vinte um* em toda essa embrulhada.

—Pois si V. Exa. não precebe, deixe que o diabo leve ao homem e os pratos que elle usurpou dos soldados.

—Charo Sr. Thomaz. —*Jure manifestar aqui no publico* sua opinião á respeito:

Vm. que advoga, por que entende de *lezes*, me fará o favor de declarar si *certo* *sugeito* que fallio *casualmente* segundo uns, e com fraude como querem outros, não se tendo rehabilitado, pode exercer cargos policiaes.

Não se enfade com o *griphe*, por que não faz alluzão a Vm. que, posto fallisse, está empregado como caixeiro de—sua senhora—ama,

Esta explicação é para que nos poupe outras nos tribunaes.

*O alfaiate de Simão Dias,*

---

### VARIEDADE.

---

### MORTE PREFERIVEL.

---

—Um soldado *fo* rancez, sendo condemnado

do á morte, implorou a Napoleão I. que lhe perdoasse.

—Não posso consentir no que me pedes, respondeu o imperador.

—Senhor; confesso ter perpetrado o crime de que me accusam, e reconhecço que devo ser castigado; mas o genero de morte que me destinaes é horroroso.

—Sendo só isso o que te enquieta, poderei conceder-te um favor.

—Qual, senhor?

—Escolheres o genero de morte com que preferes acabar a vida.

—Mil vezes obrigado, senhor; accetto.

—Escolhe: como queres morrer?

—De velhice.

O imperador, conhecendo o logro, poz-se a rir, e perdoou-lhe.

---

### BILHA DE LEITE POR BILHA DE AZEITE.

Offereceu certo dia um sapateiro ao czar Basilowitz um nabo de tamanho descomunal, como o melhor presente que lhe poderia fazer. O czar recebeu esta prenda singular e recompensou generosamente o sapateiro, obrigando os senhores da *côrte* serem calçados por elle, pagando o dobro que pagariam a qualquer.

Um cortezão avaro vendo como czar recompensare a offerta de tão pouca valia, imaginou que offerecendo ao soberano o seu melhor cavallo, receberia do imperador maiores provas de liberdade.

O czar deu-lhe em troca o nabo que lhe offerecera o sapateiro.

---

### ANNUNCIOS

---

## UM ROMANCE EM TRES CAPITULOS.

Por...

1.º—O BANCO.

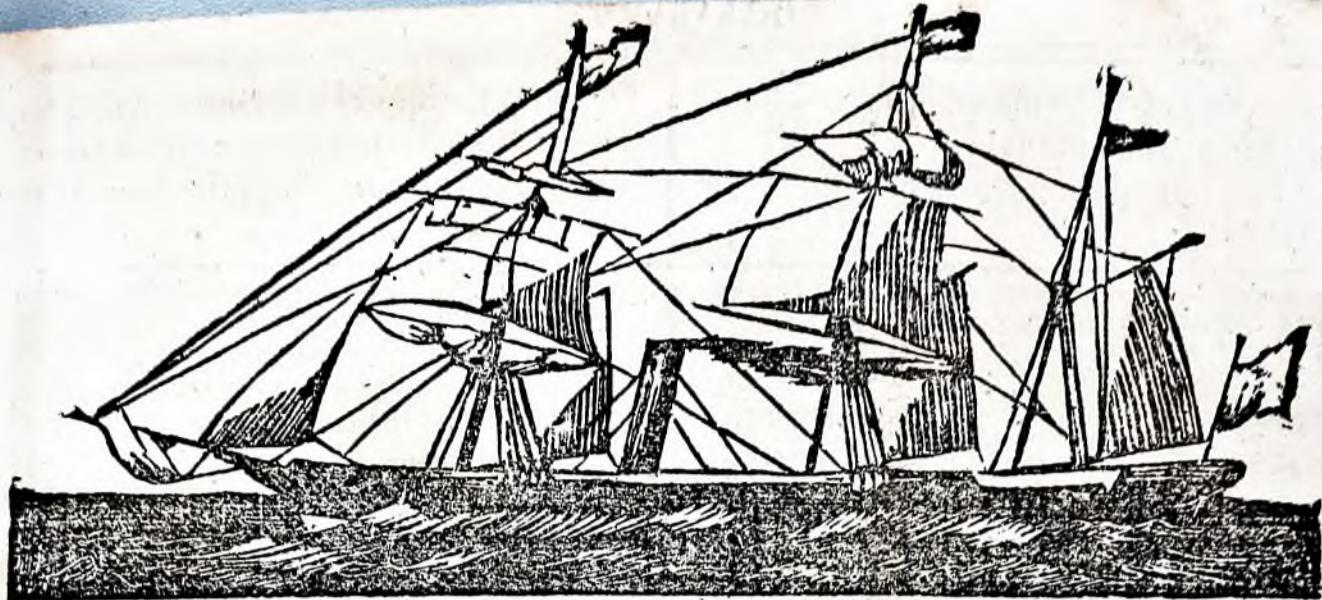
2.º—OS DIRECTORES.

3.º—O RAPTO DE UM HOMEM.

Vende-se nas lojas do Sr. Ludovico Atraz da Sé, Falcão, Baixa dos Sapateiros e nesta typographia.

---

Na loja de charutos ao largo da Piedade, tem alguns livros de latim, inglez, geometria, arithmetica e algebra, geographia e historia que se vendem por menos preço, por serem usados.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

28 DE AGOSTO DE 1867.

SERIE 23.<sup>a</sup>—N. 248.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 44 1.<sup>o</sup> andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de agosto de 1867.

Officio ao Illm. Revm. Sr. arcebispo, participando-lhe que, ha mezes, achase a freguezia de Monte-Gordo sem vigario, para celebrar o santo sacrificio da Missa e mais Sacramentos, acontecendo morrerem os habitantes desse lugar sem receberem as preparações spirituaes. Em vista do que acima fica exposto, espera-se que S. Ex. Revm. remediará tão grande falta, mandando para essa freguezia um sacerdote para administrar os Sacramentos.

—Ao Illmo Sr. commandante do corpo policial, pedindo-lhe informações acerca de um desaguisado, que, consta, tivera logar na secretaria desse corpo, entre dous officiaes, chegando a ponto de um desembainhar a espada para o outro, e; no caso de ser verdade, si foram punidos os mencionados officiaes, como manda a disciplina militar.

Portaria aos Srs. Marques, Aristides e C., impressores do *Alabama*.

—Tendo Vms. me communicado que extinguiu-se o numero da gazeta, que continha as inclusas caricaturas, queiram reimprimil-as. Cumpra.

—Que livro é esse rapaz?

—E' uma carta que o Sr. Luiz Olympio dirigiu ao Ex. Sr. arcebispo em resposta á pastoral do mesmo, premunindo os seus diocesanos contra os erros perniciosos do spiritismo.

—Deite ahi para apreciarmos com vagar e mande agradecer ao Sr. Luiz Olympio a lembança e delicadeza.

—Diabo leve estas gazetinhas!

So servem para massar e incommodar a gente.

—Pois eu, si fosse *subdelegado*, estimava, ter por intermedio dellas, conhecimento dos factos revoltosos, crimes e abusos, que se dessem, para providenciar.

—Isso foi no tempo *primitivo*; mas hoje em que a gente tem mais que cuidar em seus negocios, ir tractar de subdelegacia, é cravo.

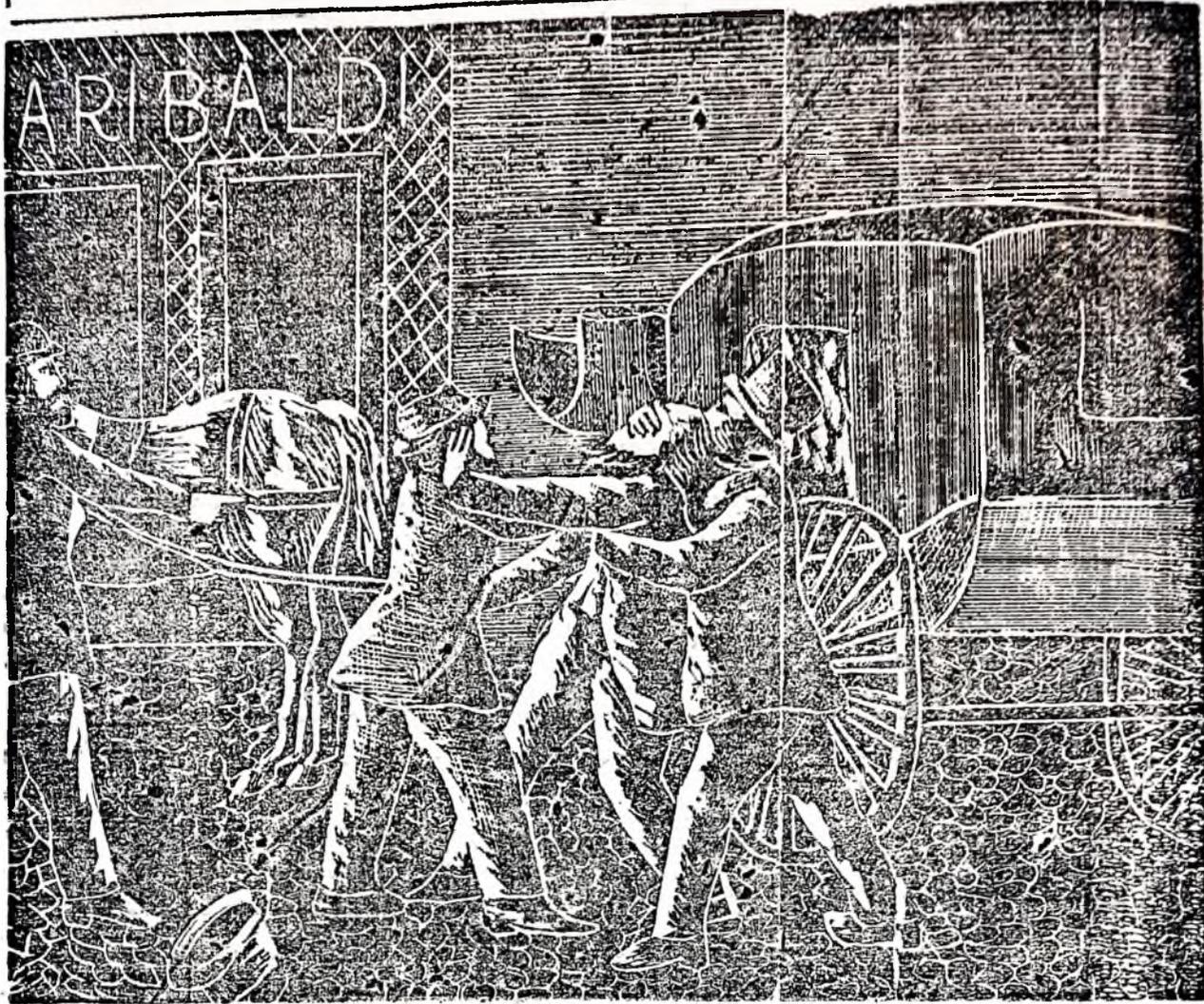
—Para que accitou?

—Por causa do maldicto *Alabama*.

casca-mo o chefe um officio que me faz perder a tramontana!

Estou la para andar por casas de pretos!

—Tenha paciencia meu moço, não se arrefestele; pegue-se com Avó de Christo e trate de cumprir com suas obrigações.



—Que divertimento selvagem!

Podê se egualar a uma pata-la de burro ou a um couce de seneiro!

—Esta encaifado, rapaz?

—Pois não! Tem termos isto!

—Mas o que aconteceu?

—Daquelle escriptorio do 1º andar, a atirarem pregos caibraes para a gente no caes.

O sujeito atira e esconde-se.

—Conhece o dono da casa?

—Não; mais é facil de saber; è por cima deste cabellereiro, homem legal para com seus freguezes.

—Va perguntar a elle [si sabe o volte para tomar-se providencias.

—Capitão ha dias que me contaram que pela Saude andavam, alta noite, vultos em trajes de mulher; não levei ao conhecimento de V. Ex., julgando

ser algum embuste, porque como diz o adagio—*tempo de guerra, mentira e mo terra*—e a questão Soares tem sido incentivo para muito carrapetao e innovação. O *Diario* de hoje, porém, confirma o facto desta maneira:

« Digno das mais sérias providencias é o facto; que sujeitamos á apreciação dos nossos leitores, acontecido na freguezia de Santa Anna, no lugar denominado—Cova da Onça.

—Eil-o:

Na madrugada, de sabbado 24 do corrente, pelas 3 horas, observou a patrulha rondante d'aquelle lugar quatro vultos, vestidos á mulher, com lenços em forma de veus sobre a cabeça, e desconfiando delles, por extranhar a reunião de quatro mulheres na rua, a tal hora, dirigiu-se para as reconhecer quando são-lhes apontados aos peitos

os revolvers, que traziam quatro homens disfarçados sob a apparencia feminina, ameaçando a patrulha de que fariam fogo, si ousasse ella dar um passo á frente.

Sentindo-se a patrulha impotente para resistir, porque só estava armada á selles, em quanto que aquelles malfatores, sem duvida, poderiam trazer revolvers á seis tiros cada um, em desigualdade pois de numero e de armas, retirou-se.

Não podendo apitar á vista de ameaça, tratou então de ir ao encalço dos rebuçados á ver que direcção tomavam: effectivamente assim o fez; mas quando estavam na altura da Saude, teve de abandonar a diligencia, por lhe ter sido feita a ameaça de morte, si continuassem á acompanhá-los.

Ninguém sabe o que pretendiam aquelles homens em tal lugar e hora;

indubitavelmente a perpetração de um crime de qualquer ordem que fosse. Que a patrulha estaria morta, si avançasse, apitasse, etc., deve de inferirse logicamente das ameaças do lado de forças superiores: logo seria sem fructo qualquer sacrificio de vida, que ella fizesse.»

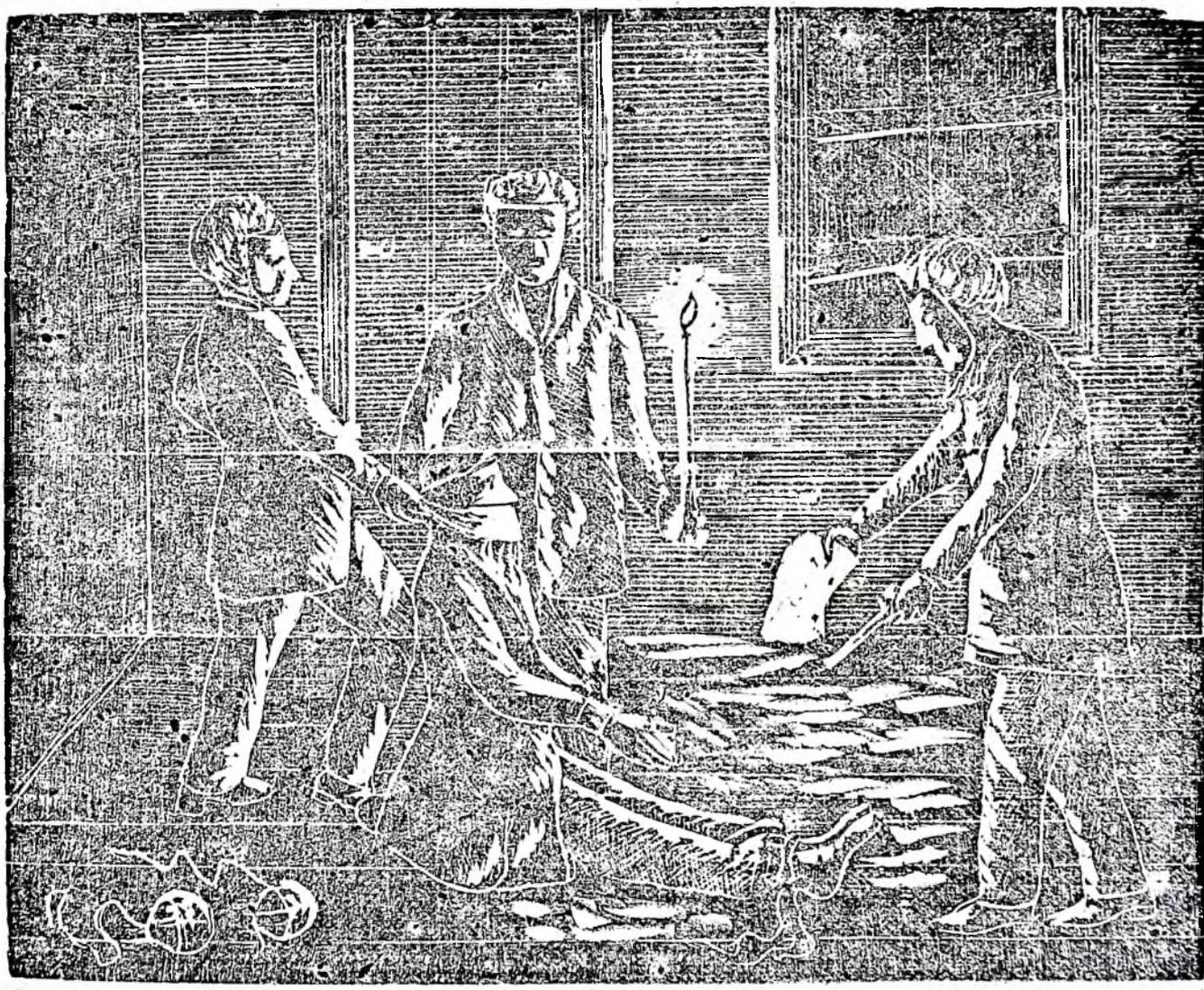
O reinado do terror ergueu seu throno nesta terra. Domina o punhal e o bocamarte.

Quem pode se contar seguro aqui, quando a audacia dos malfatores chega ao auge de coagir a força publica sobre a pressão de suas ameaças?

—Decididamente ninguém.

—Estamos entregues aos nossos proprios recursos, e os assassinos passeiam de punhal erguido entre o povo.

—Não se consumma; a Providencia Divina vela.



—Diga-me uma cousa.

—Si souber.

—Por que é que quasi todas as gazetas que tratam da questão Soares,

quando fallam dos accusados, dizem —Os *Ilustrissimos Senhores*. etc., e, quando fallam no paciente, o designam simplesmente pelo nome, negando-lhes

o senhorio?

— V. não sabe que os accusados são pessoas de posição, cidadãos qualificados, homens de dinheiro?

— Ah! é por isso?...

Pois entendia que ao menos ali deviam disfarçar o brilho das cores de que estão fascinados.

— Va tratar de sua vida, que é melhor, do que enfrontar-se em negocios, que não são de sua conta.

— Mesmo que não quero que o Interesse venha com alguma ameaça mysteriosa de prudencia! . . . . . tome sentido! . . . . .



### LA VAE VERSO.

#### PADRENOSSO.

Senhor, escutae attento  
A vóz da san verdade;  
Pois sois na realidade |  
Pae nosso.

E' só do poder vosso.  
Que esperamos salvação;  
Gritará toda a nação,  
Que estaes no céu.

Rasgae, senhor, o veu,  
Desse ministerio vil,  
Para ser todo o Brasil  
Santificado.

Vós estaes atraídoado,  
Por esses, que vos rodeam;

Parece que até odeiam  
O vosso nome.

Ganhareis grande renome,  
Si a verdade escutares:  
A paz de vossos lares  
Venha a nós.

Esperamos bem em vós,  
Todos firmes brasileiros,  
Que tirarcis do captiveiro,  
O vosso reino.

Isento do ente—Regulo,  
Nós pedimos por piedade,  
Justiça com egualdade  
Seja feita.

O ministerio se deleita  
No sangue, que temos visto;

Não sendo por tudo isto  
Vossa vontade.

Desprezaram a liberdade  
E a vossa constituição  
E fizeram a revolução,  
Assim na terra.

Por causa desta guerra  
Temos muito que chorar;  
Podendo tão bem estar  
Como no céu!

O ministerio—o labéu  
Só deve ter de—malvado,  
Pois até nos tem roubado  
O pão nosso.

São verdades, que eu posso  
Com os seus actos provar,  
Pois é este o praticar  
De cada dia.

Conhecemos com agonia  
O mal, que nós tem causado;  
—Um ministerio honrado  
Nos dae hoje.

Vossa justiça se arroje  
Contra quem nos causa o mal;  
Mas, senhor, ao liberal  
Perdôae.

Attento, senhor, olhae  
O paiz tão empenhado;  
O governo tem augmentado,  
As nossas DIVIDAS.

A não serem ja solvidas,  
Por pagamento pontual,  
Tendes de chorar o mal—  
Assim como nós.

Pedimos, senhor, a vós,  
Demittais—o ministerio—  
O mal, que elle fez ao imperio,  
Perdoamos.

De vós isto esperamos,  
Promettendo de coração;  
Esquecermos que elles são  
Nossos devedores.

Livrae-nos dos horrores;  
Livrai-nos por piedade,  
E em tal calamidade  
Não nos deixeis.

Senhor, só vós podeis,  
Pôr termos a — tantos erros;  
Não nos deixeis—em desespero  
Cabir.

Temos direito a pedir,  
Um ministerio — capaz,  
Para que não—caia mais  
Em TENTACÃO!

Minorae nossa afflicção,  
Mitigae a nossa dôr,  
E, do ministerio—traidor  
Livrae-nos.

Oh! monarcha, salvae-nos  
De jugo tão—nefando;  
Mostrae que sois—do mando  
Senhor.

Mostrae que sois imperador  
Da patria, que vos viu nascer,  
E que devia isenta ser  
De todo mal.

Um golpe assaz fatal  
No—ministerio—esperamos;  
Lesde—já todos bradamos  
AMEN JEZUS.

F. G. H.

#### MUZEU PHANTASTICO

Um curioso da Estranja, imaginando consistir a sua felicidade em possuir um muzeu, que contenha as mais raras preciosidades do mundo, tem corrido séca e méea, afim de obter a mais variada collecção das mais admiraveis curiosidades—no que se não tem poupado a fadigas nem a despezas;—o convida a todas as pessoas, que lhe queiram ministrar algum objecto raro, a que o façam publico, que elle o procurará e aceitará gostoso mediante o preço porque se ajustar.

Annunciou este forasteiro em todas as cinco partes do mundo, que os seus esforços não tem sido totalmento baldados pois que já fazem parte do seu muzeu os seguintes objectos:

Um marido, que jamais teve um desvio da fé conjugal;

Um jornalista consciencioso e independente, que nunca cedera ou immu-decera perante um empenho ou algum interesse;

Um cão de caça, que so acompanhou seu dono ao monte;

Um mestre-escola, que embirrava com os dias feriados;

Um eclesiastico, que traduzia com perfeição as palavras do Christo.

Um ministro da fazenda, que achara prospero o estado das finanças:

Um lavrador, que em nenhuma estação do anno se queixara do máu tempo;

Um homem, que se barbeava a si e que n'essa operação nunca fez caretas;

Um negociante, que ignorava o adagio:—quem diabos compra, diabos vende,—e que duvidava que houvesse no mundo quem vendesse gato por lebre:

Um deputado, que só mirava ao bem publico:

Um valentão rixoso, que não possuia no corpo uma cicatriz:

Uma beata, que foi uma santa de coração e de genio;

Um funcionario, que, tendo ordenado certo, adquiriu molestia de peito com a assiduidade do trabalho:

Um mau caçador, que não attribuiu nunca a sua inhabilidade ou impericia á irregularidade do chumbo, á imperfeição da arma, nem tão pouco á inferioridade da polvora:

Um sacerdote, que dera alguns passês na sua vida sem exigir remuneração:

Um membro governamental, que deixara a pasta por sua livre e espontanea vontade:

Um ferreiro de pernas muito direitas;

Um mandrião e bebado, que não tinha a reputação de habilidoso no seu officio:

Um sapateiro, que não apresenta rotundidade de nadeugas:

Um sachristão, que não considerava o templo como casa propria, não andando n'elle como em sua casa:

As cinzas d'um imperante excellente, cuja morte não foi attribuida a veneno:

Uma comica, que nunca sentiu incommodo repentino:

Um romeiro, que sahiu de casa mais empoadado do que quando se recolhia da romaria:

Um militar superior, a quem esquecerá o tempo que tinha de serviço:

Um avaro, que não previra nunca um futuro cheio de privações:

Um juiz, que satisfazia a ambas as partes litigantes com as suas decisões.

Um caçador, que, ao ver escapar-se-lhe a caça, não procurava persuadir que ella ia ferida:

Um barqueiro de atravessar rio, que não tinha inveja do collega pelos passageiros, que este mettia no barco:

Um empresario theatral, que não perdera nas suas especulações.

## A PEDIDO.

—Aspirante!

—Prompto.

—Prepare-se para uma commissão importante.

—V. Ex. ordena e eu obedeco.

Por mais difficil e trabalhosa que seja a tarefa, que me incumba, empregarei esforços para desempenhal-a satisfactoriamente.

—Va avisar o muxingueiro e gente necessaria para a deligencia.

—Todos aguardam suas ordens.

—Saia por ahi, acompanhado delles a encabrestar os heroes da ultima campanha eleitoral dada nos campos de *Japirá*.

—Oh! Importantes typos Latronopolitanos!

—A *tropilha* deve vir encangada pela ordem que vae aqui.

1º—O Dr. Gonçalão, caracterizado em monstro *marinho*.

2º—O commandante dos cacetista *Xico Zebinho Soreas Meu cavallo come milho*.

3º—O bastardo capitão, *salvador* do grupo, que trará em cada mão dous pires, louça de *Aragão* e uma tora de *carvalho* a cabeça.

4º—O Mané Zé Correia com um garrafão de *girobita* pendurado ao pescoço, servindo-lhe de faixa d'authoridade que é da *quadrilha*.

5º—O capitão *Lalau Gajono*, lara-pio de boceta de ouro.

6º—O Dr. Glicó do *Mau fim*, Progressista, tropiante mor, condecorado com a medalha dos calotes.

7º—O *Farias Aracajo cão Goso*.

O resto da caterva, batedores, capan-

gas, peito-largos e phosphoros não é preciso vir a minha presença, leve-os para o porão e entregue-os ao cuidado do muxingueiro.

— Capitão, em pouco tempo suas ordens estarão cumpridas.

(Continúa.)

— Capitão, não desejava voltar mais a V. Ex. para tractar sobre o assumpto, pelo qual vim outro dia a sua presença, porque se não supponha que o amigo, que a indignação contra a calumnia levou-me a defender, incommoda-se com accusações tão infames ja em si e ainda mais por partirem d'onde partem, do redactor do *Trovão*.

Mas tendo-me escapado alguns pontos principaes, recorro á sua benevolencia mais uma vez.

— Quaes são estes pontos?

— E' que tambem não pagou a joia do 400\$ reis o Sr. coronel Silva Reis, além de outros muitos, cujos nomes não me recorda agora e por isso não os menciono.

— V. está perdendo seu tempo com tão immundo e nojento papel.

— Mas, capitão, o calumniador do Sr. Nicolau Carneiro Filho diz que elle é socio no roubo dos thesoureiros que o antecederam.

— Fazendo-o socio no roubo dos thesoureiros, que o antecederam na administração da confraria do Senhor do Bomfim, não faz mais que apresentar o *Trovão* uma nova prova em favor do coronel Nicolau Carneiro Filho — pois accusações dessa ordem só produzem cabeças loucas ou almas sem pudor, e todos conhecem tanto estas como aquelles.

Em materia de calumnia basta.

Quanto ao mais quem ignorará o verdadeiro incentivo dessas accusações em uma terra, como a nossa, de ambições ridiculas e rivalidades pequeninas?

Ninguem.

Colocado, como se acha, o Sr. Nicolau, em alta posição social, não podia ser mais feliz que os outros, não podia escapar ao dente viperino da inveja e do despeito.

Não podia o demonio da maledicencia callar o seu nome, deixar de cravar-lhe fundos na honra os seus dentes viperinos para vasar-lhe no intimo do lar domestico o seu veneno destruidor!

— E quem é que pensa V. Exa. que lança estas calumnias e injurias ao Sr. Coronel Nicolau?

— Ja eu sei quem é. São certos sujeitos, que faziam seu commercio no commando superior, e como o Sr. coronel Nicolau os demittisse, lançaram mão deste infame meio de vingança, sobre-sabindo certo capitão de parceria com um velho imbecil, que, pela independencia pegou em armas contra sua patria, alistando-se no batalhão dos caveiras!

— Quem é este miseravel

— Não lhe digo o nome, quero ser mais condecendente com elle, do que elle tem sido com o Sr. Nicolau.

— Pois bem; continuem que o homem, que escuda-se em uma consciencia pura, na reputação de cidadão prestante e character sisudo, cospe o desprezo em quem cospo-lhe a injuria.

Tenho dito.

— Ha la para a rua, onde morou o Xixi, um velho portuga vendelhão, que deu para desfructavel.

Si ha de cuidar na manteiga de porco e bacalhau e experimentar o melhor meio de purificar o vinho, deu para requestar a filha de um inglez maquinista e escreve-lhe cartas, que são um aborto de eloquencia cebolar.

Ja não despacha os freguezes o tal Francisco, entretido na porta, so ares tomando com um galho de oliveira a fazer momices.

La vae uns versos com que elle terminou uma de suas bombasticas mesivas:

As faces cada vez mais se fulguram  
As palavras ao meio se retalham  
Os meus pensamentos todos se baralham  
Suspiros meus e teus se decoram.

Sou vosso pai marido e escravo.

Francisco.

## MAIS OUTRA!!!

— Um inspector de quartirão, assaz desmoralizado, que tem dous fôcos de bebedeiras na rua que não é torta, onde se goza saúde, na noite do 16 do corrente fez um dos seus costumados disturbios, porque entendeu que devia ser recolhido na casa, onde mora-se gratuitamente, um crioulo que, sem cometer crime, fôra preso por esse turbulento, que conta sete processos como elle mesmo se gaba, e que occupa aquelle *elevadissimo* cargo: e como o pobre crioulo lhe perguntasse — o Sr. por que me prende? respondeu a tal *authoridade* de borra de azeite o — Sr. nada fez, mas eu quero que vá preso!

— Quanto despotismo! que estúpido!

— É verdade que o tal inspector estava na forma do seu *louvavel* costume, com a grammatica na caxolla, por isso muito imperante dizia: — ha de ir para a cadeia, pois agora tenho força e a primeira *authoridade* da freguesia é minha.

Pede-se ao Sr, que está na subdelegacia da freguezia da *Avó de Christo*, providencias, assim de que o tal mamarote não continue, pois que não attende aos milagres de *Santo Antonio*, nem os prodigios de *S. Roberto*, e as misérias dos *Simões das Vallas* que é o primeiro a desmoralisal-o. Si S.S. não acceder, então reclamar se-ha ao digno delegado.

*Um que não é do copo.*

## VARIÉDADE.

Um erudito conhece a fundamentalmente as maximas das beatas, ou falsas devotas pela continua convivencia com algumas assevera, que encontrara em todas, a mesma doutrina, e seguiu-se disto classificar o seguintes

*Votos mais essenciaes da profissão do beatismo.*

- 1.º — Preguiça iateira.
- 2.º — Mentira opportuna.
- 3.º — Murmuracão perpetua.
- 4.º — Hypocrisia absoluta.
- 5.º — Vangloria sem limite.
- 6.º — Golosina disfarçada.
- 7.º — Odio mascarado.
- 8.º — Vingança com excessão.
- 9.º — Inveja delicada.

10. — Total abjuração do soffrimento.
11. — Apologia dos crimes proprios
12. — Calumnia da virtude alheia.

## O MARINHEIRO INGLEZE E O SEU COMPANHEIRO SEM CABEÇA.

Em certo combate naval, veio uma bala de artilharia e levou a perna a um marujo inglez. — Cabindo este desgraçado sobre o convez, dando gemidos que cortavam o coração, pediu a um companheiro seu que o levasse para a enfermaria, visto o estado lastimoso em que se achava. Commovido o outro das supplicas de seu infeliz amigo, pegou nelle às costas, e apenas tinha dado alguns passos, quando outra bala lhe separou a cabeça do corpo; mas não percebendo o que o levava, continuou o seu caminho. Passando porem, ao pé d'elle outro marujo, exclamou: — «Forte asno! para onde levas tu es e cadaver sem cabeça? — Sem cabeça! replicou o outro muito admirado; e conhecendo depois a verdade, acrescentou: — «É que tal é o sujeitinho? Disse-me que havia perdido uma perna, mas não me soube dizer que tinha ficado sem cabeça!»

## AOS SRS. ASSIGNANTES

Este numero apesar de sahir com duas folhas é contado por um.

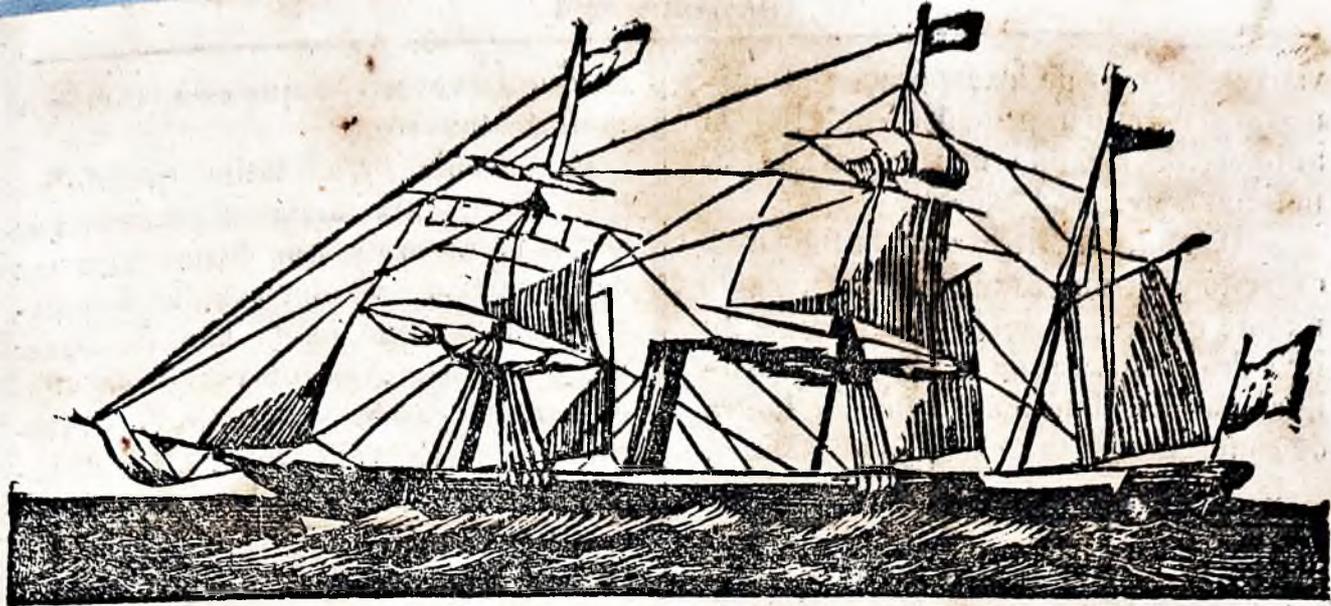
## ANNUNCIOS

## FURTO DE CAVALLOS.

Furtaram entre a noite e madrugada de 23 do corrente, do pasto da roça do commendador José de Barros Reis, a Cabulla, pela estrada do Engenho Retiro dous sendeiros, a saber, um russo-pedrez, tamanho ordinario, espinhaço curvo, com signaes de pisaduras. peçoço fino, e crina cahida curta, tendo ainda nos cascos signaes de disferrado a pouco; não está gordo, tem a anca muito ossuda, e é castrado. Foi arre-matado, ha tempo, no corpo policial. O outro castanho-escuro, igual tamanho do primeiro, crina cahida curta, tambem castrado, e tem em um quarto signal de ferro em forma de um coração.

Gratifica-se com 50\$ réis a quem os appreheder e com 100\$ réis si forem presos os ladrões, suppoem-se que seguiram do Engenho do Ritiro pela estrada de S. Caetano e Pirajá.

Bahia 24 da Agosto de 1866 .



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

29 DE AGOSTO DE 1867.

SERIE 25.<sup>a</sup>—N. 249.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.<sup>o</sup> andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de agosto de 1867.

Officio ao Illm. Exm. Sr. commandante das armas, pedindo lhe que dê suas ordens a fim de que seja collocada no Passeio Publico uma guarita, onde o sentinella, que alli ha, se abrigue dos rigores da chuva e do sol e não seja obrigado a metter-se em uma arapuca de esteiras velhas, que arranjou para amparar-se das intemperies do tempo.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que tenha todo o cuidado com os pães da padaria do Custodio, á rua do Tingui, os quaes nunca tem o peso legal. Cumpra.

—Tres vapores procedentes do Sul tem entrado neste porto depois das apregoadas noticias, que se esperavam, e cada um delles nos trouxe uma nova decepção!

—Eu, por mim, sempre acreditei que

essas *sanfarronadas* não passavam de uma *engabelação* aos papalvos.

—No entanto, fez-se quanta *patacoada* ha: comissões nomeadas, preparativos com estrondo, para dar na vista, publicações pelos jornaes, tudo deu em agoa de varrela.

—O exercito move-se e logo apparecem difficuldades para entorpecer-lhe a marcha; ha falta de meios de transporte; não ha gado para carregar a artilheria, trense munições, e o pouco que ha foge morto á fome para o campo inimigo; e já se diz que o marquez de Caxias deve *estar contrariadissimo com tal emergencia, que pode comprometter, si não mallograr, o plano que havia combinado.*

—Ao passo que desculpavam tanta demora com a necessidade de tomar elle providencias acertadas, afim de que nada faltasse na hora extrema, e, apenas dá o primeiro passo, surgem os obstaculos!

—Os inimigos tomam-nos 16 carrotas e 4 carros de provisões, segundo dizem os jornaes.

—O povo do Rio de Janeiro manifesta geral descontentamento e dá

visíveis provas de exasperação. O ministro da justiça procura conciliar os animos, declarando na camara que as noticias são agradaveis.

—O general Mitre apresentou-se no exercito com um numerosissimo estado maior; quanto a soldados *nicles*; e foi logo desconsiderando o general brasileiro não lhe dando ao menos a honra de communicar sua chegada ao campo.

Consta que a esquadra apprehendeu uma lancha tripolada por italianos, que levava communicações de Corrientes para Humayta; quando se viram perseguidos, lançaram os papeis, que conduziã, ao mar; estes porem, foram apanhados antes de se submergiem.

—E' verdade que o Dantas andou as cassuletaças na camara dos deputados?

—Fallam. O *Correio Mercantil* diz que a sessão do dia 9 foi «interrompida por haver o Sr. ministro da agricultura procurado *repellir* uma «expressão que julgou offensiva da «parte do Sr. Tavares Bastos, dirigida «a elle ministro.»

—Pois o *Pharol* traz uma carta onde diz!

«No dia 9 houve na camara dos deputados uma scena horrivel e o Dantas foi *eseovado* moral e physicamente.

.....  
«O S' utó teve tambem os oculos quebrados por um *murro* do Belfort, o Sodré ficou um tanto machucado.

—Que exemplos edificantes!

Estes nossos estadistas dão para tudo... até para espadanchis.

### A ESPECULAÇÃO.

.....  
Saúde é ge to;  
Quem é tolo  
Anda magro.

São estas, amaveis assignantes, as *magicas* e *galantes* palavras que tomamos hoje por epigraphes, para provar por factos incontestaveis, que a especulação é o que presentemente está em seu maior auge e geralmente adoptada. Deixemo-nos de preambulos e vamos

ao que serve; pois o que está, está, e o mais gastou-se.

A especulação, do latim *speculatio*, quer dizer—um meio empregado por certos meninórios, que de noite, em vez de dormirem, velam, estudando e inventando de que modo hão de lograr os papalvos. Não obstante ser ella, em alguns casos, synonymo de strategia, esperteza, velhacaria, e até de ladroeira, &c é, em outros, necessaria, principalmente quando se quer encobrir algum meio, empregado por alguem, para livrar-se d'algumas saugrias nas repartição da algibeira.

Vamos aos factos.

E' especulação a de certos sujeitos, que diariamente tiram esmolos para os Santos de sua barriga. Bom seria que a camara municipal estabelecesse uma postura, pela qual fossem multados em 30\$000 reis e 15 dias de prisão todos esses malandros, que, sem officio, nem beneficio, buscam n'isso um vergenhoso meio de vida.

Especulação é a de certos *magicos*, que andam sempre muito apressados na rua, fingindo ter muito que fazer, e, entretanto, quando encontram algum conhecido, dizem—*O' F. trazes dinheiro ali, para me trocares cem mil rs?...* Si o pobre conhecido diz-lhes, que não traz mais que vinte, respondem logo os taes espertos, sem mostrar os improvisados cem mil rs:—*pois bem! dá-me os teus vinte, tenho de dar aqui a um sujeito um troco e amanha eu l'os mandarei.*

Coitado do pobre conhecido, o calote foi certo!...

E' especulação a do logista, em cuja casa não pára caixeiro, porque aquelle, depois de breve tempo, busca todos os dias um pretexto para este, por não poder mais aturar suas malcreações, despedir-se e no ajuste de contas ficar (diz o amo) devendo-lho.

Especulação é a do empregado publico, que rebate o ordenado, e no fim do mez recebe-o, antes que a pessoa, que com elle fez o negocio o va receber.

Especulação é a do caixeiro, que, sahindo a cobranças, va jogar seu

bilhar, conversar pelas boticas, fallar em politica, da qual elle nada pesca, visitar as primas do Taboão, Ladeira da Misericordia, rua do Collegio, etc., e depois volta sem dinheiro, e vai mentir ao amo, que não encontrou os freguezes.

Especulação é a de certos sejeitinhos, que, não sabendo dizer quatro palavras, copiam o que veem nos livros, arvoram-se em redactores, formam um papelucho muito desenhado, a que dão o nome de periodico, mandam a algumas pessoas, que cahem no logro de assiguar e pagar logo o primeiro quartel, e, ao depois, ficam *mamados*, pois que o tal chamado periodico, antes de findar-se a primeira assignatura, foi-se... para onde?... morreu... coitado! um ja houve aqui cujo redactor recebeu *revistalmente* de alguns o importe de um anno e de todos o de 6 mezes e crems que não sabiu nem 4 mezes.

Especulação é a de alguns padres, que nos dias de sexta feira vão ao Bom Fim, pescar 4, 6 e mais missas, que dizem elles, (si é que as dizem) quando lhes apraz.

(Continúa.)

## A PEDIDO.

(Continuação.)

—Olé! Traz V. uma extravagante collecção de typos de todo calibre, meu aspirante.

—É um cardume de vultos proeminentes na perversão e maldade.

—Passo revista á pandilha.

—Aqui esta:

Um reprobó,

Um cynico espadachin,

Um devasso,

Um larapio,

Um perdalario,

E um escova-botas.

—Leve essa canzoada para o porão, ficando o chefe da quadrilha.

—Chegue para a frente, Sr. Gonçalo.

—Então, meu rapagão, que diabruvas andou V. fazendo la pelos *Campos Heroicos*?

—Era preciso vencer, e para vencer era necessario empregar todos os meios.

—Embora torpes, immoraes, corruptores.

—Que duvida!

—E que gloria resulta, meu caracivio, de um triumpho salpicado de infamias, nodado de arbitrariedades e tropelias?

—Capitão, crime é não vencer. Conseguido o fim, não importam os meios.

—Para as almas vis e abjectas como a sua, para os caracteres ruins e degenerados como o seu.

—Capitão, o logar de honra hoje pertence ao que mais se avanta no tremedal do corrupção.

—Com que desfaçatez diz V. isso, meu alvanel de depravação.

—Ja disse a V. Ex. que em politica não ha meio reprovado, com tanto que so alcance o que desja se.

—Massacrando o povo, commettendo arbitrariedades inauditas, praticando infamias inacreditaveis.

—O povo não tem nada com isso; o povo é uma massa, que se move a vontade de quem pode mais.

O povo curvará eternamente o pescoço como, camello diante de seu senhor para receber a carga, ou se deitará a seus pés, como o cão para ser castigado.

—Enganas-te, maldicto! O povo é soberano e livre, e, si hoje se curva ao arrocho da nefanda prepotencia dos dominadores deste periodo desgraçado da violação de todos os dogmas constitucionaes, amanhã erguerá bem alto a cabeça para castigar os desalmados que calcaram seus direitos.

—Ca.....ca.....ca.....

Como está V. Ex. enganado!

—Infame! Atreves-te a usar do ridiculo em minha presença! Queres que mande abreviar a sorte, que te aguarda?

Si não houvessem entes execrands como tu, creatura immunda, o mundo não seria o theatro de tantas immoralidades e bandalheiras.

Tu, sobre cuja cabeça goteja a taça da maldicção paterna!

Tu, sobre cuja frente está gravado

em letras negras e indeleveis o forrete do impudor e do desearo!

Tu, que sacrilega e impiamente ousas levantar as mãos para aquelle que te deu o ser!

Tu, opprobrio do uma illustre e respeitavel descendencia!

To,.....tenho nojo de continuar.

Aspirante!

—Aqui estou, capitão.

—Tira esta alma de lama de minha presença.

—Siga, meu lorpa. (Continua.)



—O *Villas-más* principia a dar por paus e por pedras. E' que ja principia a encher gar que ha de acabar sendo gato da Misericordia.

—Temos novidades?

—Pois não leu o autogenio de certificados com que elle se apadrinhou para attenuar a fama de que goza?

Ora, da-se tratante mais corajoso! pois não sabe elle que o publico da Bahia não se sugeita a documentos officiosos, adrede por elle fabricados, muitos sem sciencia dos suppostos autores, para que suspenda o máu conceito que forma d'aquella serpente?

O bruto sabe fingir-se e quando quer qualquer cousa não poupa os meios degradantes.

Ora, ainda que fosse tudo real, como elle quer impingir, ignora por ventura

o asno que ha documentos mais valiosos, que destroem cabalmente aquella papelada?

—Remetta este animal ao muxingueiro para cortar-lhe a cara até tomar vergonha e officie ao governo para chamar-o quanto antes a contas para conhecer que os cobres dos reclusos passaram já a sua folha, e que o deficit que se verifica agora é muito maior do que o outro. Isto quanto antes, Intime-se e cumpra-se.

—Acho triste em certos homens, a quem o governo distingue com logares de influencia e nomeações de importancia, que são condecorados, promovidos, lembrados para tudo, que gozam o nome de cidadãos prestimosos e dedicados, etc., andarem apurando tetéas.

—E' o governo procurar para esses logares pessoas, que estejam nas condições, que possam e tenham animo para gastar.

—O governo não está no caso de especular

—Então não me venha martelar a paciencia.

—Eu apenas o que quero é censurar a *patriotada* daquelles, que, para figurar e por interesses eleitoraes, acceitam certos cargos e depois, quando gastam quatro vintens, vão de cara dura cobrar do governo.

—Ainda não pude atinar onde vao bater a sua cantilena.

—A parte nenhuma

—E a quem vem esse aranzel?

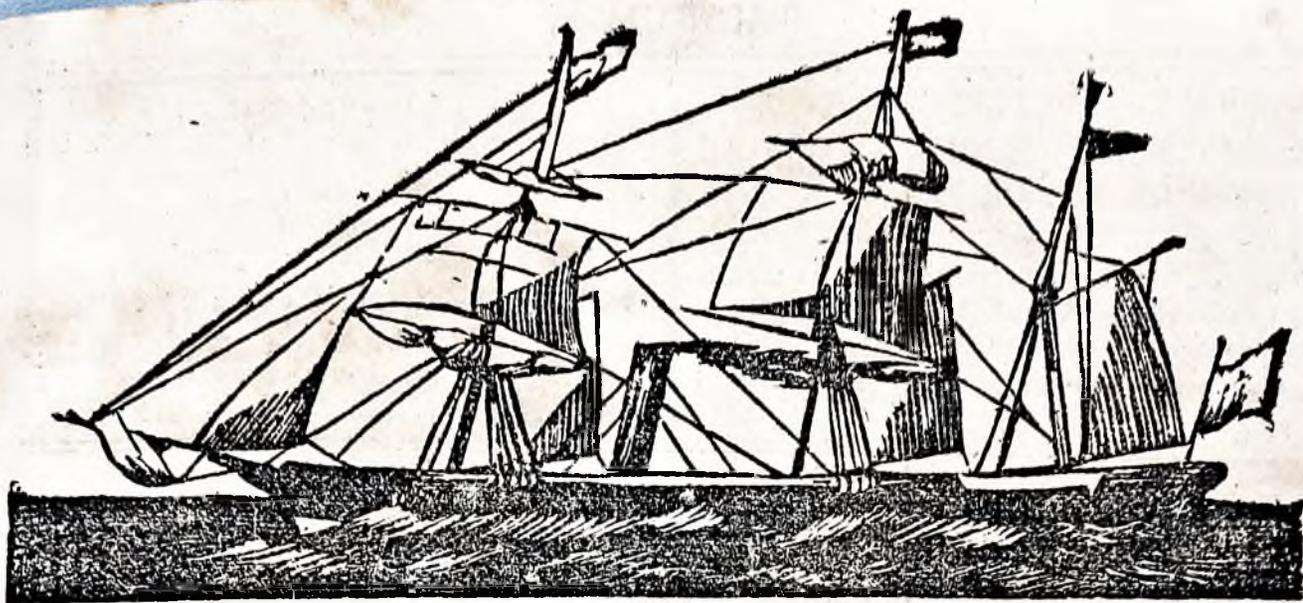
—Lembrei-me disso, lendo no *Diario* de quinta feira, nos requerimentos despachados o seguinte:

«Dr. Manuel José da Costa e Silva, coronel commandante superior da guarda nacional do municipio de Porto Seguro; pedindo pagamento de 7\$600, que despendera com recrutas. —Pague-se, estando nos termos»

—Ah! Eu logo vi que V. não estava a taramelar sem fundamento.

#### F. UNIÃO MOCIDADE.

Sessão quinta feira às 7 horas — Rua de D. José n. 8. — *Olavo Baptista*, S I.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

30 DE AGOSTO DE 1867.

SERIE 25.<sup>o</sup>—N. 250.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 4.<sup>o</sup> andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de agosto de 1867.

Portaria ao immediato, ordenando-lhe que, em nome da classe typographica e da imprensa em geral, dirija uma mensagem de agradecimento aos Srs. deputados Luiz Antonio da Silva, Bittencourt Sampaio e Gomes de Castro, por se lembrarem de appresentar na camara o incluso projecto. Cumpra.

«A assembléa geral resolve:

«Art. 1.<sup>o</sup> Ficam isentos do serviço activo da guarda nacional os typographos, que tiverem titulo legitimo e estiverem em effectivo exercicio da sua profissão.

«E' titulo legitimo para se reconhecer a qualidade de typographo a matricula na camara municipal do lugar em que estiver estabelecida a typographia, a qual terá para este fim livro especial, e prova-se com certidão passada pelo secretario.

«Art. 2.<sup>o</sup> Aos donos de typographias incumbe:

« § 1.<sup>o</sup> Declarar na camara municipal quando tiver de cumprir a disposição do art. 303 do codigo criminal os nomes dos typographos que se acham no seu estabelecimento.

«§ 2. Remetter annualmente a mesma, um mappa dos typographos que durante o anno tiverem trabalhado no seu estabelecimento, com declaração do tempo em que entraram e sahiram.

«Estes mappas serão assignados, e sujeitam o dono da typographia ás penas da lei em caso de fraude.

«Art. 3.<sup>o</sup> O dono da typographia, que ja tiver cumprido o disposto no art. 303 do codigo criminal, remetterá á camara municipal, depois da publicação da presente lei, um mappa dos typographos e aprendizes, que trabalharem no seu estabelecimento, o qual será assignado por elle, com as declarações exigidas no § 2.<sup>o</sup> do artigo antecedente, sob as mesmas penas cominadas no citado art. 303 do codigo criminal.

«Art. 4.<sup>o</sup> O typographo, que, por espaço de dous annos consecutivos, não figurar nos mappas de que trata a presente lei será eliminado, fazendo-se

publica esta eliminação pelos jornaes, e não será readmittido sem que pelo menos tenha continuado a exercer a profissão por espaço de tres mezes, comprovando o exercicio com as declarações convenientes na camara municipal.

« Art. 5.º São competentes para decidir qualquer reclamação a respeito das disposições desta lei, a camara municipal e o presidente da provincia, interposto o recurso segundo o disposto na lei de 2 de outubro de 1828.

« Art. 6.º Ficam revogadas, etc.

« Paço da camara dos deputados, 12 de agosto de 1867. »

— Correm estes dias pela cidade boatos sinistros e tenebrosos, não sabemos si com fundamento ou não.

— Nesta terra, quando se dá um facto, espalham mil.

— Não sei; neste caso a policia que mande pela imprensa tranquilisar os animos, declarando que taes boatos são falsos e procure inculcar confiança na população.

— Porém o que tem ouvido V. dizer?

— Mil versões, cada qual mais atterradora, citam-se innumerados casos de ataques á segurança e á propriedade individual.

Dizem que o Sr Bruno, que negociava em porcos, fôra atacado no Xixi e tomaram-lhe o dinheiro, depois de o espancarem; que Geraldo Bispo de Almeida fôra agarrado na Estrada Nova, corrido e como nada levasse o soltaram; que um homem nos Barris fôra accomettido e roubado, que outro em Sant'Anna ficou sem o relógio, que mais um foi levado á S. Miguel e abi tomaram-lhe o dinheiro, que tinha recebido na pastelaria do Marcolino, que diversas casas tem se tentado arrombar e outras tem sido roubadas, que passeiam vultos incognitos por diversos pontos, etc. etc.

— Sabe qual é o remedio para tudo isso?

— Agora.

— E' cada um acautelarse.

— Ou então o chefe de policia que

permitta a cada individuo trazer sua pistola no bolso.

— Douz nos livre, isso é peor,

— A camara dos deputados authorizou a mobilisação da guarda nacional.

— Em que consiste essa mobilisação?

— Em dividil-a por classes.

— Como? Não comprehendendo.

— Os solteiros, os casados sem filhos, os casados com filhos, etc., formarão cada um, separadamente, companhias ou batalhões, conforme as circunstancias.

— Quer isto dizer que o governo quer ter gente prompta, de que lance mão á qualquer hora e que esteja prompta a voz de marche!

— Já se viu despostismo maior?

Reflectiu o governo o mal, que acarretou sobre o cidadão guarda nacional?

O guarda nacional do batalhão dos solteiros não tem mais direito sobre si, pertence de corpo e alma ao governo.

Consegnintemente ninguem mais quererá se arriscar a tratar negocio com um homem, que hoje está aqui e amanha não.

Ninguem se fiará em um homem, que não pode cumprir sua palavra, por que o governo, quando menos o espere, o atirará para onde quizer, sem necessidade talvez.

Ninguem encarregará de seus interesses um individuo, que, de uma hora para outra, ou ha de embarcar ou desrtar.

— E' o mesmo que tratar com um soldado de primeira linha.

— Calo me porém para deixar fallar a *Opinião Liberal*:

« Para fugir ao imminente e constante perigo, resta ao guarda, ou official solteiro, mudar de estado, porque mudando de estado *muda de batalhão!*

« E ao enxoval do casamento ajuntará elle a *nova farda*, a do batalhão dos *casados sem filhos*.

« Então, para effectuar a passagem o guarda exhibirá a competente *certidão de casamento*.

«Feliz, si a prova chegar a tempo, aliás seguira a sorte que *aprouver ao governo*

«Concluido o processo da prova do casamento, passa afinal o guarda para o *batalhão dos casados sem filhos!*

«E' o primeiro substituto do *batalhão dos solteiros*: o perigo ainda está perto!

«E' preciso que tenha filhos, para gozar de alguma tranquillidade.

«Consequentemente, logo que lhe nasce o primeiro filho corre o cidadão d'esta terra de liberdade a dar d'isso conta ao seu capitão de companhia, ao commandante, ao commandante superior, etc ; e, *provado* devidamente o *allegado*, passara o guarda para o *batalhão dos casados com filhos*.

«Si porem tiver a desgraça de lhe morrer o filho, aqui volta o misero recambiado para o *batalhão dos casados sem filhos!*

«D'aqui seguir-se-ha *naturalmente* para remover abusos, e fazer cumprir a lei, estabelecer-se no seio das familias a mais immoral e degradante *espionagem*.

«Oh! como tudo isto é digno d'esta portentosa e liberalissima situação!

Acrescentaremos ainda;

Si morre lhe a mulher, o pobre guarda que estava no *batalhão dos casados* la vai carpir a viuvez no *batalhão dos solteiros*, si a esposa cuja perda lamenta não lhe dera filhos!

O governo da liberdade e do progresso com esta medida tem tres fins em vista:

Levar ao ultimo grau de perfeição a machina politica de fazer eleições com segurança de victoria.

A completa *coacção eleitoral* . . . o *aniquilamento do systema representativo* . . .

Reduzir inteiramente o povo brasileiro a uma sujeição militar e a uma ameaça permanente. . .

Despotismo. . . e *aniquilamento da liberdade*. . .

Obrigam o cidadão brasileiro a casar-se e a ter filhos afim de se achar esto garantido contra os actos de despotismo! . . .

Sineta dos padres regulando as *funções da reproducção em beneficio do paiz!* . . .

E o governo é liberal progressista!

E a maioria da camara quatrienal é liberal progressista! . . .

## A PEDIDO.

— Ja é do dominio de todos o *estremecimento geral da mais justa indignação*, com que *accordou esta cidade*, em uma das manhans do corrente mez, pela *perpretação de um crime*, cuja *atrocidade*, na era presente, revela o mais apurado requinte do feroz *canibalismo de certos corações*.

O povo em massa, sem distincção de classes, unanime, representando uma só idéa, figurando um só pensamento, de sol a sol, deu mostras de seu poder e soberania, pedindo, de voz em grita, nas ruas e na praça publica, a *punição dos delinquentes*, ao mesmo tempo que sobre estes lançava as mais justas e inequivocas provas de sua *animadversão*.

Era que o estado deploravel da *victima*, innocentemente *immolada ao furor leonino dos malvados*, feria, uma por uma, todas as fibras do coração, mesmo o mais insensivel.

A dor, quando immensa, tem excessos que justificam tambem o seu excesso.

Felizmente sobre os criminosos, verdadeiros *thugs* transportados do velho ao novo mundo, peza uma *accusação tremenda*, *authourisada por provas irrecusaveis*.

Passam-se dias; a *victima*, entregue aos seus propios e minguados recursos, jaz na enxerga da dor, soffrendo o quanto humanamente é possivel de *soffrer-se*, e quando esperava, com resignação e animo o *restabelecimento de seus dias*, para amparo de sua *indictosa e mal-aventurada familia*, vê-se de surpresa *accommettido por nova casta de malfeitores*, que a dor *physica* *aggravam* com a *moral*.

Essa casta, (horror! mil vezes horror!! . . . . .) é a *imprensa*; mas a *imprensa infame*, *corrupta*, *comprada a*

pezo de ouro contado, que tem-se vendido sempre e sempre, e que desgraçadamente com tanto ouro ainda não ponde libertar-se.

Não se contentam com os padecimentos da victima; querem mais — dezejam vel-a em um ergastulo, privada de todos os recursos! pois bem: ella irá, mas ha de ser quando um canalha, chefe da antiga e faccinorosa quadrilha. — P. Segundo — sobre quem pesam imputações de crime capital, e que tornou-se inimigo sigadal de um honrado e rico commerciante por não querer dar-lhe parte de sua fortuna *por certos meios*, for esbofetado ao meio dia na praça publica pelo mais infame dos calcêtas da g lé:

Ella irá; mas ha de ser quando um miseravel, que vivia á mercê da charidade publica, roto e maltrapilho pelas ruas da cidade baixa, hoje senhor de grande fortuna roubada aos que delle se condoiam, que estão hoje pobres, for ferrado na polluta face com a palavra — ladrão. —

Ella irá; mas ha de ser quando um infame, que a troco de uma moeda, renegava o seu ser para a lascivia dos pederastas, e entregava sua propria . . . á quem mais agio lhe offerecia, for banido perpetuamente da sociedade, de que é o sisco:

Ella irá finalmente; quando tres ladrões do suor do artista e do jornaleiro, das lagrimas da orphan e da viuva, do suor do povo enfim, forem condemnados a carcere perpetuo para expiação do crime e exemplo para os futuros.

Em quanto, porém, isso não acontecer, desenganem-se que a victima andarà sempre desassombrada, ovante e respeitada pelo povo como martyr da honra e da verdade.

Ninguem ha que a proteja sinão Deus e a voz do povo, que sempre se confundem.

Si a seu favor, como algures approgoam, estivesse um caracter honrado e insuspeito, um negociante, cuja probidade está até hoje pura e illibada, apesar dos hotes da maledicencia, as scenas mudar-se-hiam, por que então essa pessoa dar-lhes-hia maior quantia

pela compra da consciencia, e os ganhadores jamais enjeitam lucro.

Em leilão o ramo se entrega a quem mais offerece e de prompto paga.

É de dever render profalças á imprensa moralisada, que não se curvou ao poder do ouro.

Verdadeira interprete do sentimento universal tem sabido conservar-se na altura de sua missão, profligando o crime, onde quer que se acoite, e louvando a virtude por equal forma.

A opinião publica, expressamente manifestada no dia da catastrophe, não se desvaira por essas defezas de encomenda, quiçã pagas adiantado.

Aproxima-se o momento da punição. O povo, sedento de justiça, ancioso, com os olhos fitos e immoveis na verdadeira execução da lei, espera o desfecho desse drama sanguinolento.

Esperar não é dormir.

—  Esperemos. . . . .

#### PEDE-SE

Ao fiscal geral que tenha todo cuidado com a padaria do Augusto, ao Tingui, porque os visinhos queixam-se amargamente do mau cheiro que sahe do cano da mesma, assim como que preste seria attenção á qualidade e peso do pão fabricado na dita padaria,

Pede-se ao Dr. delegado do 1.º districto que lance suas vistas para duas espeluncas de jôgo, que ha — uma no Guadalupe, e outra de baixo da antiga casa aonde morou o Sr. Carvalho, ao Gravatá, as quaes diariamente commodam a vizinhança, quem passa na rua está vendo a azuada, porque é o mesmo que si estivesse jogando na rua; não embarga em uma d'ellas ter um crioullo mudo de vigia.

#### ANNUNCIOS

Quem lhe faltar uma mula, pode vir buscar-a na loja n.º 5 ao taboão, pagando as dispezas.

Pede-se ao Sr. J. Galafate, o favor de ir ao Caes Dourado n.º 69, para tratar de negocio que não ignora.